

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROFHISTÓRIA- PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE HISTÓRIA

FÁBIO MAURICIO HOLZMANN MAIA

**BANDAS DE MÚSICA - TRADIÇÃO, IDENTIDADE E HISTÓRIA EM PONTA
GROSSA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL**

PONTA GROSSA

2018

FÁBIO MAURICIO HOLZMANN MAIA

**BANDAS DE MÚSICA - TRADIÇÃO, IDENTIDADE E HISTÓRIA EM PONTA
GROSSA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino de História da
Universidade Estadual de Ponta
Grossa como requisito para a
obtenção do título de Mestre em
Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo
Dias de Mello

PONTA GROSSA

2018

M217 Maia, Fábio Maurício Holzmann
 Bandas de música: tradição, identidade e história em Ponta
 Grossa: uma possibilidade para o ensino da história local/ Fábio
 Maurício Holzmann Maia. Ponta Grossa, 2018.
 172f.; il.

 Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História –
 Área de concentração – História, Cultura e Identidades),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Dias de Mello

 1. História – Ensino. 2. História local. 3. Identidade. 4. Música.
 I. Mello, Paulo Eduardo Dias de. II. Universidade Estadual de Ponta
 Grossa. Mestrado em História. III. T.

 CDD : 981.62

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986



PROF HISTÓRIA

**MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA**



TERMO DE APROVAÇÃO

FÁBIO MAURICIO HOLZMANN MAIA

**BANDAS DE MÚSICA - TRADIÇÃO, IDENTIDADE E HISTÓRIA EM PONTA GROSSA:
UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 13 de novembro de 2018, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. PAULO EDUARDO DIAS DE MELLO(UEPG)

(Orientador)

Profª. Drª. SILVANA MAURA BATISTA DE CARVALHO (UEPG)

Prof. Dr. EGON EDUARDO SEBBEN (UEPG)

Ponta Grossa, 13 de NOVEMBRO de 2018.

Para meus Pais, Hermenegildo e Maricilvia

Para minha esposa Silvana

AGRADECIMENTOS

Gratidão! Palavra que exprime um sentimento de reconhecimento a todos aqueles que de uma maneira ou de outra colaboraram para a realização desse trabalho.

Minha gratidão à “Inteligência Suprema e Causa Primária de Todas as coisas”, a que compreendemos como Deus, e que entendemos como aquele que nos proporciona a vida.

Essa mesma gratidão deve ser estendida à nossa família nas pessoas de minha esposa Silvana, companheira de todas as horas, que me incentivou a prosseguir nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

Gratidão a meus filhos Fábio, Tamires e Karen, minha nora Ariana, meus netos Luana e Eduardo, que compreendem nossas dificuldades e tem paciência com o pai, sogro e avô.

Em especial essa gratidão devo aos meus pais Hermenegildo e Maricilvia que me proporcionaram a felicidade de poder nascer e sempre buscaram o melhor para minha educação!

Gratidão ao amigo e confrade da Academia de Letras dos Campos Gerais Flávio Madalosso Vieira que com dedicação e espírito desprendido realizou a correção ortográfica e a formatação metodológica do trabalho.

Gratidão às confreiras da Academia de Letras dos Campos Gerais Luísa Cristina dos Santos Fontes, sempre com palavras amigas e de incentivo e Renata Régis Florisbello amiga de todas as horas.

Gratidão a Francismar e Hélio, diretor e arquivista da Banda Escola Lyra dos Campos que permitiram o acesso aos arquivos da banda, bem como ao professor Douglas Passoni do Conservatório Dramático Musical Maestro Paulino Martins Alves que nos permitiu o acesso aos arquivos daquela instituição.

Gratidão a Miguel diretor da Câmara Municipal que nos permitiu consultar a documentação daquela Casa Legislativa.

Gratidão a todos os colegas do Mestrado Profissional em Ensino de História, de modo especial as amigas Regiane e Solange pelo incentivo e disposição em me auxiliar nos momentos de dúvidas.

Minha gratidão ao Professor Paulo Eduardo Dias de Mello pela orientação e pela paciência no decorrer do trabalho.

Finalmente meus agradecimentos a todo o Corpo Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

“A Música fala-nos de milênios de caminhada, de
obscuras estradas e do alvorecer radioso de eternas
esperanças, contra as que se misturam e confundem na
lembrança imprecisa de vidas já vividas, do ontem que se
transforma neste hoje de novas oportunidades...”

Vieira Filho

RESUMO

O presente estudo aponta uma perspectiva de produção para o ensino da história local na cidade de Ponta Grossa apresentando possibilidades para o ensino da história na educação básica. Partindo da premissa de que a história local contribui na formação da identidade dos educandos fortalecendo nestes o sentimento de pertencimento a localidade onde vivem, bem como contribuindo para que estes se percebam enquanto agentes participativos da história, buscou-se estudar a presença das bandas de música como entidades produtoras de cultura e parte integrante da identidade do povo ponta-grossense. As bandas de música constituem-se desde o século XIX, como agentes culturais presentes nos mais diversos momentos cívicos, religiosos ou festivos da cidade, sendo até o momento atual sua presença quase obrigatória nos mais diversos eventos festivos da cidade, o que faz destas corporações musicais sem dúvida instrumentos de difusão cultural e elementos que contribuem para a formação de uma identidade local, constituindo-se como bens do Patrimônio Cultural da cidade.

Palavras-chave: Ensino de História. Cultura. Identidade. Música.

ABSTRACT

The present study points out a production perspective for the teaching of local history in the city of Ponta Grossa presenting possibilities for teaching history in basic education. Starting from the premise that local history contributes to the formation of the identity of the learners, strengthening in them the feeling of belonging to the locality where they live, as well as contributing to their perceiving themselves as participatory agents of history, we sought to study the presence of the bands of music as producers of culture and an integral part of the identity of the people of Ponta Grossa. Since the 19th century, music bands have been cultural agents present in the most diverse civic, religious or festive moments of the city. Until now, their presence is almost mandatory in the most diverse festive events of the city, which makes these corporations musical instruments without a doubt instruments of cultural diffusion and elements that contribute to the formation of a local identity, constituting themselves as assets of the Cultural Patrimony of the city.

Key-words: History Teaching. Culture. Identity. Music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Banda Lyra dos Campos - 1923 - Acervo Família Holzmänn.....	73
Figura 2 - Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria - 1923 - Acervo Família Holzmänn	96
Figura 3 - Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria utilizando o Uniforme Branco de Verão - década de 1930.....	97
Figura 4 - Foto: Tenente Paulino Martins Alves na sala de ensaios da Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria – década de 1930 – Acervo Fábio Maurício Holzmänn Maia.....	111
Figura 5 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago – Acervo Família Farago	115
Figura 6 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago	115
Figura 7 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago	116
Figura 8 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago	117
Figura 9 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro Paulino	118
Figura 10 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro	120
Figura 11 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro	120
Figura 12 - Foto: Estação Ferroviária de Ponta Grossa – chegada da Banda Escola Lyra dos Campos - 1958 Acervo Casa Memória	125
Figura 13 - Diploma conferindo 1º Lugar à Banda Escola Lyra dos Campos no 3º Concurso de Bandas Cívicas e Militares realizado em Curitiba no ano de 1960 . Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro Paulino Martins Alves. ...	129

LISTA DE ABREVIATURAS

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

CCEC – Centro Cultural Euclides da Cunha

SCABI – Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê

OSPG – Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa

O.S.B. - Orquestra Sinfônica Brasileira

4º RI – 4º Regimento de Infantaria

5º RI – 5º Regimento de Infantaria

6º RI – 6º Regimento de Infantaria

13º RI – 13º Regimento de Infantaria

13º BIB – 13º Batalhão de Infantaria Blindado

BELC – Banda Escola Lyra dos Campos

LP – Long Play

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A Tradição das Bandas de Música no Brasil: Das origens no período colonial com as Bandas de Fazendas à atuação das bandas militares nos primeiros anos da República	28
1.1 O que é uma Banda de Música?	28
1.2 A Origem das Bandas de Música	31
1.3 A música das bandas na colônia: das bandas de fazendas à música de barbeiros	33
1.4 As Bandas do Período Joanino ao Segundo Reinado	41
1.5 As Bandas Militares na República e sua “missão civilizadora”: Levar Cultura e Educação para o povo?	52
2. A Tradição das Bandas em Ponta Grossa	60
2.1 Ponta Grossa: A cidade “Princesa dos Campos”	60
2.2 O começo de uma Tradição: A “VELHA” BANDA LYRA DOS CAMPOS E SUAS BANDAS RIVAIS	64
2.3 A Banda Lyra dos Campos como agente cultural e suas participações em diversos momentos da vida princesina: rivalidades, resiliência e presença..	69
2.4 Instrumentos Musicais da Banda	73
2.5 As Tocatas da Banda	74
2.4 Os militares e a tradição da BANDA DE MÚSICA DO 13º REGIMENTO DE INFANTARIA	90
3. A BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS	98
3.1 O CONTEXTO CULTURAL DA DÉCADA DE 1950 EM PONTA GROSSA	98
3.2 A CRIAÇÃO DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS: do projeto, passando pelo veto até a promulgação da lei 569/52	103
3.3 O PRIMEIRO MAESTRO - O TENENTE PAULINO MARTINS ALVES	108
3.4 MAESTRO PAULINO À FRENTE DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS: ORGANIZAÇÃO DA CORPORAÇÃO E O MÉTODO DE ENSINO DE MÚSICA DO MAESTRO	112
3.5 AS APRESENTAÇÕES DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	124
3.6 A Banda Escola Lyra dos Campos após a morte do Maestro Paulino: .	131
Considerações Finais	139
BIBLIOGRAFIA	142
Anexos	149

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado deste início de século XXI, pode-se ver o desenvolvimento cada vez mais rápido de tecnologias que ligam pessoas, trazem informação instantânea para dentro das residências, aceleram a comunicação. Ao mesmo tempo em que permitem um contato virtual instantâneo, unindo através da comunicação pessoas em diferentes espaços, também isolam essas mesmas pessoas e contribuem na desconstrução de identidades. A esse respeito, Stuart Hall escreve:

Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais? Uma de suas características principais é a 'compreensão espaço-tempo', a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma longa distância¹.

As crianças e jovens são impactados diretamente por esse processo, pois se considerarmos que estão em permanente contato com as inovações tecnológicas, interagindo constantemente nas redes sociais e sendo influenciadas permanentemente por estas, percebe-se que essas novas gerações tendem a estar cada vez mais conectadas, vivendo em um mundo virtual, bastante marcado pela imagem e por diversas representações, que podem levar como consequência a influências na constituição de sua identidade cultural.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas (...). Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados².

Qual é então a situação desses adolescentes com relação a sua condição de pertencimento a este ou aquele grupo social, a esta ou aquela comunidade? Estes jovens percebem-se como agentes históricos?

¹ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. p. 69

² HALL, Loc. cit.

Stuart Hall afirma que “Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’³”.

Neste contexto, como estimular alunos do Ensino Fundamental ao estudo da História e como esses educandos podem se perceber agentes participativos na construção do processo histórico?

Talvez esse seja o maior desafio para os professores da contemporaneidade, já que esses educandos recebem um grande fluxo de informações, durante todo o tempo. Para os professores de qualquer nível de ensino fazer a mediação do conhecimento histórico em relação a esse grande volume de informações, muitas vezes contraditórias, e, por vezes, sem respaldo de caráter científico, pode representar como já foi dito anteriormente um grande desafio do momento histórico pelo qual passa a sociedade e consequentemente a escola.

Assim, a história local pode ser valorizada entre crianças e jovens, contribuindo na formação dessas identidades que tornam os jovens capazes de se perceberem pertencentes e participantes da história de sua cidade e consequentemente desenvolvendo o sentimento de que a história não está descolada de sua realidade. Neste sentido, o Ensino de História possui um forte potencial de contribuição no processo de formação ou construção de identidades culturais com base na história local.

Conforme afirma Bittencourt,

A História local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.⁴

Pressupõe-se que para os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, mas também para todas as séries da Educação Básica, o ensino de história a partir do local torna-se mais atrativo, despertando nesses educandos a compreensão de que são agentes participativos no processo histórico por identificarem-se com a história próxima de si, e poderem perceber referenciais históricos no local onde vivem. Vale entretanto ressaltar o que afirma

³ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. p. 77

⁴ BITTENCOURT, Circe Mara Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. p. 168

Circe Bittencourt no que se refere às relações entre história local, nacional e geral: "(...) a preocupação maior na atualidade, é estabelecer articulações constantes nas diferentes séries, entre o local, o nacional e o geral.⁵"

Atendendo a essa demanda a História Local tornou-se parte integrante dos currículos da Educação Básica. Embora ocorram algumas variações nos currículos escolares dos diferentes estados e municípios para as séries iniciais das escolas de ensino fundamental, vem sendo proposto que em substituição aos Estudos Sociais essas instituições escolares ofereçam as disciplinas de História e Geografia. Afirma Circe Bitencourt,

Existe a preocupação de introduzir noções e conceitos históricos a partir dessa fase escolar, os quais serão progressivamente trabalhados ao longo de todo o ensino fundamental e médio⁶.

Dessa forma, o Ensino de História possui um forte potencial de contribuição na construção de identidades culturais com base no ensino de história local, valorizando a própria história do educando e da comunidade na qual vive. Entretanto, surge outra questão: Qual é a situação desses adolescentes quanto a noção de pertencimento? Percebem-se como agentes históricos? Esses educandos sentem-se atraídos pelo aprendizado da História, já que esse público recebe constantemente e muito rapidamente informações diversificadas através das redes sociais, da internet, das mídias eletrônicas?

Aqui, propõe-se a valorização da História local e da história do cotidiano como forma de despertar nos alunos o interesse pela história. A história do cotidiano trata da vida das pessoas comuns, o que aproxima mais o conhecimento histórico da realidade do aluno, podendo assim despertar de forma mais intensa o interesse desses educandos pelo estudo da história. O cotidiano, seus ritos, suas práticas, apresentam novos personagens, a pessoa comum, como sujeito histórico.

O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação.⁷

⁵ BITTENCOURT, Circe Mara Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. p. 114

⁶ Ibid. p. 113

⁷ BITTENCOURT, Circe Mara Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. p. 168

A importância dessa utilização do cotidiano no ensino de história é também referenciada por Sandra Regina Ferreira de Oliveira que escreve:

Nenhum de nós consegue identificar-se enquanto sujeito humano se nos afastarmos da cotidianidade. Ao nascer já estamos inseridos em uma cotidianidade e amadurecer significa adquirir habilidades para viver cotidianamente nessa sociedade. Essa preparação começa a ser vivenciada em grupos como a família, a escola e em pequenas comunidades. São esses grupos os responsáveis por mediar a relação entre o indivíduo e os costumes.⁸

A partir do panorama do cotidiano, as bandas podem ser consideradas agentes culturais formados por pessoas comuns que vivem o dia a dia da cidade produzindo arte, produzindo cultura e contribuindo com a formação de identidades. A proposta deste trabalho, portanto, é investigar como se constituiu a tradição das bandas de música em Ponta Grossa e, assim, apresentar uma perspectiva da história local pelo viés da cultura.

A presença das Bandas de Música na vida cultural de Ponta Grossa, cidade situada na região dos Campos Gerais do Paraná, remonta à segunda metade do século XIX, fazendo parte do cotidiano de seus cidadãos e estando, dessa forma, inserida significativamente nos mais diversos momentos de festas cívicas, religiosas, de caráter popular ou simplesmente nos momentos de entretenimento da sociedade pontagrossense. Destarte, pode-se afirmar que a cidade também conhecida como a “Princesa dos Campos”, viu ao longo dos séculos XIX e XX, surgirem diferentes Bandas civis ou militares, consolidando-se esse gênero de corporação musical como elemento integrante da cultura, das tradições e da identidade do seu povo.

Stuart Hall afirma que “(...) a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade.”⁹ (HALL, 2011, P. 11). Nesse sentido, percebe-se que “o conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento”¹⁰ está intrinsecamente ligada ao meio social no qual ela se forma. Neste conjunto de características, ou seja, características específicas de um grupo social, são muito importantes as práticas simbólicas.

⁸ OLIVEIRA, Sandra Regina F. O ensino de História e o cotidiano escolar: possibilidades investigativas. p. 73. In: ANDRADE, João M. V. e STAMATTO, Maria Inês S. História ensinada e a escrita da História.

⁹ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. p. 11

¹⁰ Dicionário Houaiss. In: <https://www.dicio.com.br/identidade/>. Acesso em 10/10/18.

Com relação à cultura, Peter Burke, afirma que este conceito costumava referir-se às artes e as ciências, tendo passado mais recentemente a ser empregado para descrever seus equivalentes populares, tais como música folclórica e medicina popular¹¹. Posteriormente, passou a se referir conforme afirma esse historiador a "(...) uma ampla gama de artefatos (...) e práticas.¹²" Ao citar Geertz, traz o conceito de cultura como

(...) um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida¹³.

Ao analisar a citação feita por Burke, há de se entender que a presença desses conjuntos conhecidos como bandas de música vem, ao longo dos anos, e mesmo de décadas, sendo incorporada dentro das tradições locais como um importante e legítimo elemento constituinte da cultura e da identidade princesina. Portanto, as bandas de música se constituem numa tradição e são parte do Patrimônio Cultural da cidade. Vianna, define patrimônio cultural da seguinte forma:

O conceito de patrimônio, na cultura ocidental moderna, de modo geral, se refere a uma gama de coisas, bens de grande valor para pessoas, comunidades ou nações ou para todo o conjunto da humanidade. Patrimônio cultural remete a riqueza simbólica, cosmológica e tecnológica, desenvolvida pelas sociedades, e é transmitida como herança ou legado. Diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma sociedade ou comunidade que são acumulados ao longo de sua história e lhe conferem os traços de sua identidade em relação a outras sociedades ou comunidades.¹⁴

Para Carlos A. C. Lemos, "(...) o Patrimônio Cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações (...).¹⁵"

A partir das palavras de Lemos, verifica-se que em se tratando de Patrimônio Cultural, não se pode reduzir a questão a monumentos, mas esse

¹¹ BURKE, Peter. O que é História Cultural. p. 42 e 43

¹² Ibid. p. 43

¹³ Ibid. p. 52

¹⁴ VIANNA, Leticia C. R. Dicionário do Patrimônio Cultural. IPHAN. In:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial>

¹⁵ LEMOS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. p. 21

autor chama a atenção para a diversidade no que se refere a esses bens culturais. A esse respeito afirmam Pedro Paulo Funari e Sandra C. A. Pelegrini,

A abertura democrática no país, vivenciada na década de 1980, permitiu o surgimento de revisões teóricas no campo da preservação dos bens culturais e a superação de práticas limitadas à conservação palaciana e facadista – restritas à recuperação apenas da imagem plástica, do colorido e das feições estilísticas dos conjuntos históricos¹⁶.

O Patrimônio Cultural, portanto, refere-se a toda a ação humana na sua comunidade, de forma que a própria comunidade deve referenciar o que seja compreendido como tal. Nesse sentido, ganha força a ideia de que é de fundamental importância desenvolver a consciência da sociedade desde cedo, com a educação patrimonial sendo já trabalhada nas séries iniciais do ensino fundamental.

Entretanto, os estudos sobre patrimônio histórico parecem ser recentes na nossa historiografia, não se constituindo muitas vezes sua presença entre os conteúdos escolares conforme escreve Ricardo Oriá:

(...) a temática da memória e de sua materialização através dos bens consubstanciados no patrimônio histórico é recente no âmbito da historiografia brasileira, bem como da produção acadêmica oriunda dos cursos de pós-graduação em História existentes no país, e praticamente ausente do processo ensino-aprendizagem em diferentes níveis escolares¹⁷.

A partir da afirmativa de Oriá, há muito por se fazer em relação à conscientização da importância do patrimônio, bem como do desenvolvimento de uma educação patrimonial entre os educandos em todos os níveis da Educação.

Ao tratar da questão do patrimônio cultural, a Constituição Brasileira promulgada em 1988 assim o definiu em seu Artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira nos quais se incluem:

- I- As formas de expressão;
- II- Os modos de criar, fazer e viver;
- III- As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

¹⁶ FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. p.51

¹⁷ ORIÁ Apud., BITTENCOURT, Circe Mara Fernandes [Org.]. O saber histórico na sala de aula. p. 129

- IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico¹⁸.

Sem dúvida, a história das bandas de música pode ser considerada como elemento constituinte do patrimônio cultural a partir do contido no inciso IV do artigo 216 acima citado. Ainda com relação a esse tema, afirmam Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini que

A ampliação do conceito de patrimônio observada no artigo 216 da Constituição Federal Brasileira sem dúvida impulsionou a criação de um novo instrumento de preservação no país: o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, implementado pelo Decreto nº 3.551/2000.¹⁹

Esses autores afirmam ainda que o IPHAN adotou novas formas de acautelamento criando ainda um livro de registro das formas de expressão cultural onde se incluem “(...) ‘as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas’ (...)”²⁰.

Dentre as manifestações musicais, que constituem a tradição e o patrimônio local em Ponta Grossa, é preciso destacar as Bandas de Música como elementos que instituem e constituem uma identidade local. Essas entidades ganharam força no cenário da cidade no mesmo momento em que a “Princesa dos Campos” passava a ter foros de cidade “progressista”, “civilizada”, que se desenvolvia e se urbanizava, conforme afirma o historiador Niltonci Batista Chaves: “A cidade deixava de ser um vilarejo situado nos Campos Gerais e assumia a condição de uma das mais dinâmicas cidades do Estado do Paraná.”²¹

Durante mais de um século, essa tradição das bandas de música na cidade pode ser percebida pela presença de diversas agremiações desse gênero, iniciando-se pela Banda do “seu Camargo”, notário estabelecido em Ponta Grossa que segundo Manoel Cirillo Ferreira foi quem organizou a primeira

¹⁸ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

¹⁹ FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. p. 54

²⁰ FUNARI e PELEGRINI, Loc. cit.

²¹ CHAVES, Niltonci B. A Cidade Civilizada: discursos e representações sociais no jornal “Diário dos Campos” na década de 1930. p. 8

banda da cidade em 1874, seguida posteriormente pela organização de outras bandas: A “Lyra dos Campos” regida pelo maestro Jacob Holzmann, “Aurora Pontagrossense” dirigida pelo maestro Manoel Cirillo Ferreira e “União e Recreio” comandada por Cesário Santos. Essas bandas fizeram sucesso nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX.

A tradição das bandas de música na cidade se fortaleceria com o aquartelamento em Ponta Grossa, no ano de 1910, do 5º Regimento de Infantaria que possuía em seu efetivo uma banda de música, a qual passou também a participar das festividades locais juntamente com as bandas existentes já anteriormente citadas. Essa banda deixou a cidade juntamente com o Regimento quando em 1917 esta Organização Militar foi transferida para o Estado de Santa Catarina. Entretanto, em 1923, a Guarnição Militar de Ponta Grossa receberia uma nova unidade do Exército Brasileiro, o 13º Regimento de Infantaria, que chegou a Ponta Grossa em 21 de junho de 1923, comandado pelo Capitão França Gomes. Este oficial, logo após a instalação do Regimento no Bairro de Uvaranas, decidiu criar uma Banda de Música. Esta foi efetivada passando a fazer parte dos quadros da unidade militar, e permanece ativa até os dias de hoje.

Finalmente, mantendo-se a tradição das bandas de música locais, no ano de 1952, foi fundada a “Banda Escola Lyra dos Campos”, formada por crianças e jovens, e que se tornou um “celeiro formador de músicos” em Ponta Grossa. Essa Banda de Música, como uma banda escola, vem desenvolvendo ao longo de mais de seis décadas a educação musical de inúmeros jovens pontagrossenses, bem como do público que participa de suas apresentações, contribuindo dessa maneira na formação da identidade cultural da população princesina.

Diante do exposto, qual é o significado cultural da presença das bandas de música na sociedade ponta-grossense, e de que maneira essas instituições musicais influenciam na formação de uma identidade cultural na cidade? Partindo dessa questão, como desenvolver o ensino de história local voltado para o ensino fundamental a partir de uma instituição de caráter cultural como a banda de música? Como considerar as bandas de música como uma tradição presente na cultura de Ponta Grossa? As bandas de música de Ponta Grossa constituem-se como bens patrimônio cultural da cidade?

É a partir dessas questões que se desenvolve este estudo, buscando verificar a construção, ao longo de mais de um século, de uma tradição cultural em Ponta Grossa a partir da origem, existência, e permanência de bandas de música e da importância dada pela sociedade local a esses conjuntos. Trata-se, fundamentalmente, de um trabalho de pesquisa historiográfica, e análise de fontes documentais diversas sobre a história local, no recorte da vida cultural e musical da cidade, e que pode também contribuir no processo da Educação Musical.

O recorte temporal da pesquisa busca perceber uma tradição dentro da longa duração, reportando-se este estudo a períodos mais distantes, como o colonial, chegando até o tempo presente. Esta perspectiva de estudo permite avaliar a permanência das práticas musicais das bandas na cidade de Ponta Grossa através do tempo.

Os objetivos dessa pesquisa são:

- Verificar como o ensino da História Local pode se desenvolver partir de entidades culturais como as Bandas de Música.
- Identificar as Bandas de Música como elemento formador de uma identidade local em Ponta Grossa.
- Analisar a cultura local de Ponta Grossa a partir da ação das Bandas de Música.
- Identificar as Bandas de Música como Patrimônio Cultural de Ponta Grossa.

A partir da definição do tema a ser pesquisado, buscou-se realizar uma revisão bibliográfica, inicialmente através das obras de José Ramos Tinhorão, iniciando por “História Social da Música Popular Brasileira”, publicada pela editora 34 Ltda em 2010. Nessa obra, o autor apresenta uma reflexão que parte do ponto de vista cultural, analisando o processo de dominação cultural que se tenta impor à população brasileira envolvendo ideias de modernidade e universalidade.

O mesmo autor descreve na obra “Música popular de índios, negros e mestiços”, publicado pela editora Vozes em 1975, a formação da cultura musical brasileira desde o período colonial, chegando ao período Joanino. Nessa obra, o autor trata da música produzida pelos indígenas antes da chegada dos portugueses e da ação dos jesuítas junto aos índios na produção musical.

Aborda também a música produzida pelos africanos destacando as bandas das fazendas no período colonial formada por escravos, chegando até a música de barbeiros produzida por ex-escravos em áreas urbanas como por exemplo no Rio de Janeiro.

Ainda desse mesmo autor, a obra *“Pequena História da Música Popular Brasileira”* segundo seus gêneros, publicada em 2013 pela editora 34 Ltda, traz reflexões sobre a produção da música popular, a qual segundo esse pesquisador surgiu nas cidades do Rio de Janeiro e em Salvador durante o século XVIII. Essa obra traça uma trajetória de aproximadamente 150 anos a partir dos principais gêneros musicais como a modinha, o lundu, chegando até a bossa nova e outros ritmos contemporâneos da música popular brasileira.

Essas obras permitiram ter uma visão sobre a trajetória histórica da música no Brasil, bem como o surgimento das bandas de música no país.

Além das obras de Tinhorão foram estudados trabalhos historiográficos referentes ao tema bandas de música de autoria de Manuela Areias Costa *“Vivas à República”: Representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – M.G. [1901 – 1930]*, Dissertação de Mestrado defendida em 2012 na Universidade Federal Fluminense; A Tese de Doutorado da mesma historiadora intitulada *“O “Maestro da Abolição” no Recôncavo Baiano: abolicionismo e memória nas crônicas de Manoel Tranquilino Bastos [Cachoeira – BA, 1884 – 1920]”*, defendida na UFRJ em 2016, e o artigo intitulado *“Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares”*, publicado na revista *Tempos Históricos*, Volume 15, 1º semestre da Unioeste. A leitura desses trabalhos permitiu uma visão mais clara sobre a constituição e o papel das bandas de música na história da música brasileira. Fica evidenciado que os referidos trabalhos, bem como esse que aqui se apresenta contribuem não somente com a historiografia, mas também com a Educação Musical por proporcionar reflexões no que diz respeito ao desenvolvimento do campo da música no Brasil, desde o período colonial até a história recente.

No que diz respeito à historiografia local, estão relacionados a seguir algumas obras da produção historiográfica sobre a cidade a partir de historiadores locais, sejam eles historiadores acadêmicos, ou historiadores não acadêmicos.

Dentre as obras produzidas por historiadores acadêmicos, podemos mencionar a Coleção Visões de Ponta Grossa, produzida em quatro volumes publicados pela editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa e organizada pelos historiadores Niltonci Batista Chaves, Carmencita de Holleben Mello Dietzel, Rosângela Wosniak Zulian, Elizabeth Johansen e Marco Aurélio Monteiro Pereira, além de outros historiadores convidados que participaram da elaboração do terceiro volume da coleção. O primeiro volume foi elaborado na forma de um álbum contendo a história das ruas e praças da cidade e aspectos de cultura e sociabilidades. O segundo volume da coleção intitulado *“Visões de Ponta Grossa: festa, lembrança e trabalho”* apresenta a cidade também a partir de fotografias abordando aspectos do desenvolvimento urbano da cidade, da sociedade ponta-grossense, fotografias de famílias diversas e ainda de trabalhadores e empresas. O terceiro volume intitulado *“Ponta Grossa – cidade e instituições”* traz a história de quinze instituições da cidade sendo seus textos escritos por quinze historiadores. Nessa obra as instituições pesquisadas são apresentadas a partir de textos e fotografias. O quarto volume da coleção intitulado *“Visões de Ponta Grossa: Mosteiro da Ressureição 35 anos”*, apresenta a história do referido mosteiro. São obras que podem ser consideradas também fontes pela diversidade de fotografias presentes em cada uma de suas edições;

A obra *“Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais”*, organizada pela historiadora Carmencita de Holleben Mello Dietzel e pela Geógrafa Cicilian Luiza Lowen Sahr, com textos produzidos por diversos autores e publicada pela editora UEPG, apresenta a cidade de Ponta Grossa, sua população, cultura e educação, e ainda a região dos Campos Gerais em seus aspectos históricos e geográficos. Nessa obra destacam-se a cidade como “lugar do homem”, a construção do espaço econômico, a população da “Princesa dos Campos” vista de diversos ângulos, a cultura analisada através de diversas manifestações, a educação na construção da sociedade, e a diversidade dos Campos Gerais.

Em *“A Cidade Civilizada: discursos e representações sociais no jornal “Diário dos Campos” na década de 1930”*, publicada pela Editora Aos quatro ventos, o historiador Niltonci Batista Chaves apresenta as transformações urbanísticas pelas quais passa a cidade na década de 1930. Ponta Grossa,

então importante entroncamento ferroviário era favorecida no contato com as principais cidades do Centro-Sul do Brasil. O comércio atacadista da cidade atendia todo o interior do Paraná. Composta por uma sociedade plural no campo das ideias, das manifestações culturais e religiosas, grupos de ideias antagônicas se contrapunham conforme escreve o autor, e os diferentes embates vão se publicados nas páginas do jornal “Diário dos Campos”;

De autoria das historiadoras Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves, a obra *“Ponta Grossa um século de vida - 1823 a 1923”*, publicada pela editora UEPG, apresenta a história social, política econômica e cultural, da cidade, com destaque para aspectos demográficos em relação à população. A narrativa compreende o período do primeiro centenário após a elevação de Ponta Grossa a condição de Freguesia;

De autoria da historiadora Guísela V. Frey Chamma, *“Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder”*, apresenta uma abordagem da história local desde a ocupação do território no início do século XVIII, com a concessão de sesmarias, a formação de fazendas, o tropeirismo, até chegar à condição de Freguesia, Vila e Cidade. São apresentadas de forma cronológica as atividades políticas econômicas e sócio-culturais no município chegando até a década de 1980;

A Historiadora Aída Mansani Lavalle, publicou pela Editora UEPG, a obra *“Germânia -Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa”* onde narra a história social da cidade a partir de um de seus clubes sociais. São elencados na obra a influência dos imigrantes Russo-Alemães na cultura local, desdobrando-se nas atividades sociais e culturais que se desenvolveram no clube;

A obra *“Banda Escola Lyra dos Campos”* de autoria da historiadora Isolda Maria Waldmann, publicada pela Editora Gráfica Planeta, apresenta a trajetória de uma Banda de Música que ao longo de 65 anos de história vem formando gerações de músicos ponta-grossenses e participando ativamente dos eventos cívicos e culturais da cidade;

Além das obras produzidas por historiadores de ofício, ou seja, por historiadores com formação acadêmica na área do conhecimento histórico, trazemos a seguir a produção de historiadores sem formação acadêmica na área

da História. Trata-se de pesquisadores da história local que descreem aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do município através de suas publicações, contribuindo na construção de uma historiografia de Ponta Grossa. Elencamos a seguir as seguintes obras e respectivos autores:

“Cinco histórias Convergentes” de autoria de Epaminondas Holzmann, publicada em primeira edição pela Editora Requião e posteriormente numa segunda edição pela Editora UEPG, narra a história de Ponta Grossa entre as últimas décadas do século XIX e primeiras três décadas do século XX. O autor divide a obra em cinco capítulos: A Batuta, no qual se refere ao Músico Jacob Holzmann e sua Banda Lira dos Campos; A Balança, no qual relata a história do Magistrado Casimiro dos Reis Gomes e Silva; O Bisturi, trazendo a narrativa da história do cirurgião Francisco Burzio; A Pena, capítulo no qual apresenta a trajetória do jornalista Hugo Mendes da Borja Reis e do jornal “O Progresso”, depois de 1913 “Diário dos Campos”; e finalmente A Ribalta, sobre o teatrólogo José Fernandes Cadilhe. Todas essas narrativas tem como ponto central a história de Ponta Grossa, de sua sociedade, sua cultura e sua política;

A obra *“Das Colinas do Pitangui”*, de autoria de Josué Corrêa Fernandes, publicada pela editora Gráfica Planeta, apresenta em IX Partes, subdivididas em capítulos a história política e social da “Terra Pitangui”, ou seja de Ponta Grossa, destacando figuras como o Barão de Guaraúna e outras personalidades que aqui viveram entre o século XIX e a primeira metade do século XX, com destaque para a Revolução Federalista e a participação da sociedade ponta-grossense nesse acontecimento. Trata também de lugares, paisagens e costumes da cidade e dos sessenta anos de imprensa escrita em Ponta Grossa. Faz ainda referencia aos intelectuais da cidade;

“Diário dos Campos – memórias de um jornal centenário” de autoria da jornalista Alessandra Perrinchelli Bucholdz, com pesquisa histórica realizada pelos historiadores Niltonci Batista Chaves e Fábio Mauricio Holzmann Maia, publicada pela Editora UEPG. apresenta a trajetória dos cem anos do jornal “O Progresso”, rebatizado em 1913 de “Diário dos Campos” em seus cem anos de existência;

As obras acima citadas, permitiram um olhar sobre a história local, seja a partir de textos acadêmicos, seja através de obras de caráter memorialista ou mesmo literário, contribuindo de forma significativa para a realização desse trabalho.

Após a revisão bibliográfica, objetivando a realização da presente pesquisa, buscaram-se as fontes históricas em diferentes acervos. Foram utilizadas como fontes os jornais “Gazeta do Rio de Janeiro”, “O Paiz”, “Jornal da Tarde”, todos periódicos do Rio de Janeiro, “Diário do Paraná” e “Diário da Tarde”, ambos de Curitiba. Todos esses jornais foram acessados virtualmente através da Hemeroteca Digital pertencente à Biblioteca Nacional sediada no Rio de Janeiro. A escolha dos periódicos foi feita levando-se em consideração a existência de exemplares disponíveis nos períodos pesquisados que contivessem referências ao tema. A busca era feita por palavras-chave como “Banda de Música”, “Retreta” ou “Lyra dos Campos”, sendo a busca nos referidos periódicos facilitada e agilizada pelo programa de busca disponibilizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O acesso a essas fontes em formato digital, facilitado pelo sistema de busca através de palavras chave tornou viável a pesquisa delimitada em um período de longa duração, bem como permitiu o acesso a uma fonte que se encontra fisicamente distante da localidade onde se realizou a pesquisa. A busca em meio eletrônico portanto, constituiu-se em importante ferramenta para a realização do presente trabalho.

Para obter o acesso aos referidos periódicos busca-se o site da Biblioteca Nacional e no link pesquisadores, seguindo para hemeroteca digital. Neste último é possível acessar diversos periódicos desde a primeira metade do século XIX, tanto do Rio de Janeiro quanto de outros estados.

Além dos jornais acima citados, também foram utilizados como fontes o jornal “O Progresso” e o “Diário dos Campos”²², pertencentes aos acervos do Museu Campos Gerais e à Casa da Memória Paraná. Esses foram consultados no acervo documental do museu nos períodos posteriores a década de 1920, e

²² O Jornal Diário dos Campos, foi fundado em 27 de abril de 1907 por Jacob Holzmänn com o nome de “O Progresso”. A partir de 1 de janeiro de 1913 passou a circular como “Diário dos Campos”, como é conhecido até hoje, encontrando-se portanto em circulação a mais de um século.

os períodos compreendidos entre 1909 e 1924, acessados em meio eletrônico tanto no Museu Campos Gerais, quanto na Casa da Memória.

Outras fontes utilizadas na pesquisa foram fotografias pertencentes aos acervos das famílias Holzmänn, Vieira, do acervo da Banda Escola Lyra dos Campos, do 13º Batalhão de Infantaria Blindado e dos acervos já mencionados do Museu Campos Gerais e da Casa da Memória Paraná.

Também constituíram fontes para a pesquisa cartas e documentos oficiais da Câmara Municipal de Ponta Grossa, da Fundação Cultural Ponta Grossa, e do 13º Batalhão de Infantaria Blindado. As fontes obtidas nesses arquivos são fontes oficiais como projeto de lei, lei, decreto, Folhas de Alterações do Tenente Paulino Martins Alves.

Ainda no que diz respeito as fontes utilizadas na pesquisa, foram analisados os cadernos de música de um ex-aluno do Maestro Paulino Martins Alves, o músico Ângelo Tadeu Góes Farago, bem como o caderno utilizado pelo já referido maestro contendo o repertório da Banda Escola Lyra dos Campos.

Quanto ao uso das fontes, para o primeiro capítulo foram utilizados os periódicos do século XIX e início do século XX, desde o período Joanino como a “Gazeta do Rio de Janeiro” edição de fevereiro de 1818, e posteriormente os jornais “O Paiz” e “Jornal da Tarde”, ambos do Rio de Janeiro nos anos de 1870, 1871, 1884 e 1890. Ainda foi utilizado nesse capítulo o “Diário do Paraná” de janeiro de 1897. Para o segundo capítulo foi utilizado na mesma plataforma o jornal “Diário da Tarde” de Curitiba nos anos de 1901, 1903, 1904, 1905, 1909 e 1927. Neste capítulo, além do referido periódico, foram também utilizados os jornais “O Progresso” e “Diário dos Campos” pertencentes aos acervos da Casa da Memória Paraná e do Museu Campos Gerais, ambos em Ponta Grossa. No terceiro capítulo, pela mesma plataforma, da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional foram acessados exemplares do “Diário da Tarde” dos anos de 1954, 1959, 1961 e 1962, e o jornal “Diário dos Campos” no acervo do Museu Campos Gerais nas décadas de 1960 e 1970.

Com o desenvolvimento da pesquisa após a revisão bibliográfica e a consulta as fontes, passaram a ser redigidos os três capítulos dessa dissertação, conforme estruturação descrita a seguir.

No Primeiro capítulo buscou-se apresentar uma definição do que é uma Banda de Música, suas origens ao longo da história e sua presença no Brasil

desde o período colonial, com a formação de bandas nas fazendas compostas por escravos, que se apresentavam tanto em festas religiosas como em outros eventos nas localidades próximas, dando prestígio aos senhores que mantinham essas bandas. Nesse capítulo também é apresentada “Música de Barbeiros” feita por ex-escravos e libertos, que se dedicavam ao ofício de barbeiro e nos momentos de folga dedicavam-se à música, tendo contribuído de modo significativo na formação da música popular brasileira. Ainda nesse capítulo vê-se a música brasileira no período joanino, no segundo reinado e no início da república, principalmente através da atuação das bandas de música militares, participando ativamente da cultura musical brasileira.

O segundo capítulo inicia com uma apresentação do panorama econômico, social e cultural de Ponta Grossa no final do século XIX e no início do século XX, momento em que surgem as primeiras bandas de música na cidade. Nesse capítulo, é feita a abordagem sobre a presença dessas bandas, e sua atuação nos mais diversos eventos, desde aqueles de caráter religioso, cívicos ou culturais. Marcaram presença entre esses conjuntos a “Banda Lyra dos Campos”, “Banda Aurora Pontagrossense”, e a “Banda União e Recreio”. São apresentadas as rivalidades entre os conjuntos em alguns momentos, bem como as apresentações, tocatas, retretas e repertório da “Banda Lyra dos Campos”. Ainda nesse capítulo é feita uma abordagem sobre a Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria (atualmente 13º Batalhão de Infantaria Blindado), que desde 1923, realiza apresentações, não somente em cerimônias militares e cívicas, mas participando ativamente da vida cultural da cidade.

O terceiro capítulo inicia com a contextualização socioeconômica e cultural da cidade durante a década de 1950, período em que é criada pelo poder público municipal a “Banda Escola Lyra dos Campos”, corporação musical formada por crianças e adolescentes e vinculada como um departamento no setor cultural da prefeitura. A abordagem sobre a banda nesse capítulo se inicia com a proposição da lei, sua aprovação seguida de veto do prefeito para posteriormente ser derrubado o veto e promulgada a lei pelos vereadores. Também é apresentado um relato biográfico de seu primeiro maestro e de sua ação na organização da banda e no ensino de música através de uma metodologia peculiar. É ainda apresentada a participação da banda em

concursos de bandas e a continuidade das atividades após a morte de Maestro Paulino Martins Alves.

A partir do acima exposto e como se perceberá ao longo desse trabalho, buscou-se estudar a história local tendo como objeto a presença e a trajetória das bandas de música na vida cultural de Ponta Grossa. Fica evidente que essa pesquisa objetivou investigar qual o papel das bandas de música na sociedade ponta-grossense, e como esses conjuntos contribuíram na formação cultural e identitária da cidade, bem como no processo de Educação Musical, de maneira que há de se entender serem as bandas um objeto de estudo que oportuniza levar à reflexão sobre a história local nas salas de aula da educação básica, enquanto entidades formadoras da identidade e do patrimônio cultural de Ponta Grossa.

CAPÍTULO I

1. A Tradição das Bandas de Música no Brasil: Das origens no período colonial com as Bandas de Fazendas à atuação das bandas militares nos primeiros anos da República

1.1 O que é uma Banda de Música?

As bandas de música são conjuntos musicais formados por instrumentos de sopro e de percussão. Dentre os de sopro ocorre uma subdivisão em dois grupos: o primeiro é formado por madeiras que incluem requintas, clarinetas, flautas e saxofones, e o segundo, dos instrumentos de sopro, é o dos metais contendo trompetes, trombones, bombardinos, trompas e tubas. Na percussão são utilizados bombos, caixas surdas, caixa-clara, pratos etc.

Em seu “Dicionário Musical Brasileiro”, Mário de Andrade define Banda como “*Conjunto de instrumentos de sopro e percussão*”, e refere-se a esse gênero de conjuntos musicais como existentes em fazendas e formados por escravos ainda no Brasil colonial²³.

Já Lélío Eduardo Alves da Silva (2010) cita em sua Tese de Doutorado a definição que se encontra no Dicionário Grove de Música que define banda da seguinte forma:

Banda – Conjunto instrumental. Em sua forma livre, “banda” é usada para qualquer conjunto maior do que um grupo de câmara. A palavra pode ter origem no latim medieval “bandum” (“estandarte”), a bandeira sob a qual marchavam os soldados. Essa origem parece se refletir em seu uso para um grupo de músicos militares tocando metais, madeira e percussão, que vão de alguns pífaros e tambores até uma banda militar de grande escala. Na Inglaterra do séc. XVIII, a palavra era usada coloquialmente para designar uma orquestra. Hoje em dia costuma ser usada com referência a grupos de instrumentos relacionados, como “banda de metais”, “banda de sopros”, “banda de trompas”. Vários tipos recebiam seus nomes mais pela função que pela constituição (banda de dança, banda de jazz, banda de ensaio, banda de palco). A banda destinada para desfile (marching band), que se originou nos EUA, consiste de instrumentos de sopro de madeira e metais, uma grande seção de percussão, balizas, porta bandeiras, etc. Um outro desenvolvimento moderno é uma banda sinfônica de sopros, norte-americana, que se origina de grupos como Gilmore’s Band

²³ ANDRADE, Mário de. Dicionário Musical Brasileiro. p. 44

(1859) e a US Marine Band, dirigida por John Philip Sousa (1880 – 92)²⁴

Silva cita também uma classificação das bandas estabelecida por Botelho (2006) em que aquele pesquisador divide as bandas em três grupos quando escreve:

Bandas Militares, Bandas pertencentes a uma instituição e Bandas Sociedades Musicais. As Bandas Militares seriam aquelas pertencentes a instituições militares, portanto profissionais. As Bandas pertencentes a uma instituição seriam aquelas mantidas por Igrejas, colégios, fábricas etc, podendo ser amadoras ou semiprofissionais (seus participantes recebem algum tipo de pagamento). Por fim (...) as bandas Sociedades Musicais seriam, como dito anteriormente, aquela banda mantida por uma instituição, uma Sociedade Musical, que teria como único ou principal objetivo atividades relacionadas direta ou indiretamente à manutenção desta banda.²⁵

Ainda encontra-se em Silva a seguinte definição para banda de música:

(...) grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, podendo ter alguns instrumentos de sopro de pequeno porte utilizados em orquestras, como é o caso do oboé e do fagote. Podem executar um repertório bastante variado, com exceção de grandes peças escritas para orquestras sinfônicas.²⁶

Embora a definição do dicionário Grove amplie o conceito de Banda, pode-se entender as Bandas de Música, especialmente no Brasil, como conjuntos musicais com uma formação que lhes é peculiar onde se destacam na sua a presença dos instrumentos de sopro, sejam madeiras ou metais, e em número menor instrumentos de percussão. Diferentes de uma orquestra que, além de possuir instrumentos de corda em maior número e de limitar-se a fazer apresentações em locais onde permanece parada, a banda toca também em deslocamento, em marcha. Percebe-se ainda que, embora pareça que esses conjuntos tenham sua origem remota nas organizações militares, elas ganharam também espaço como instituições civis, mantendo algumas semelhanças com suas congêneres militares.

²⁴ SADIE Apud, SILVA, Lélío Eduardo Alves da. Musicalização através da Banda de Música Escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “Mestres de Banda”. p. 8

²⁵ Lélío Eduardo Alves da. Musicalização através da Banda de Música Escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “Mestres de Banda”.. p. 8 e 9

²⁶ Ibid. p. 10

Ao longo do tempo, as bandas de música passaram por transformações, pois o instrumental foi sendo modificado, bem como o acesso à aquisição destes ampliou-se, possibilitando o aumento do número de músicos em suas fileiras.

No Brasil, encontramos bandas de música civis e Bandas de música militares. Esses dois tipos de conjuntos guardam entre si semelhanças, mas também tem diferenças peculiares. Ao se referir às bandas de música civis, o pesquisador Joelson Pontes Vieira afirma:

As bandas de música civis são os grupamentos musicais compostos por instrumentos de sopro e percussão que funcionam sob um modelo organizacional próprio, subsidiados pelo Estado ou por fundações ou organizações do meio civil, como organizações não governamentais (ONGs) ou associações de músicos. Apesar de historicamente, no Brasil, as bandas de música civis terem como modelo as bandas militares, estas não possuem como princípio organizacional e legal os mesmos preceitos, direitos e deveres que as militares, mas se assemelham em algumas de suas atividades. Ainda que seja comum encontrarem-se algumas bandas de música civis que possuem características do modelo de funcionamento das bandas mantidas por corporações militares, o fato de não comporem ou de não serem mantidas por tais corporações traz em si algumas diferenças se comparadas ao modelo de origem (...) ²⁷.

O grande diferencial apontado por Vieira em relação a bandas civis e militares está no aspecto central que caracteriza as organizações militares: hierarquia e disciplina. Nesse sentido, há uma diferença significativa em relação às bandas civis. Afirma Vieira,

Considero importante salientar que a hierarquia e a disciplina nas bandas de música mantidas pelas corporações militares não possuem as mesmas características observadas nas bandas das corporações civis. Prevalece nas bandas de música civis precedência hierárquica semelhante a estabelecida nas orquestras, onde o poder de decisão, é distribuído, em ordem descendente, entre o maestro, seguido pelo spalla ou concertino da banda e os chefes de naipe. Nas bandas de música militares, a precedência hierárquica, obedece à distribuição estabelecida pelos postos e graduações que não são necessariamente, os mesmos verificados nas distribuições por naipes de instrumento. ²⁸

Para Silva, no Brasil desde o século XIX, as bandas de música civis são denominadas de diversas formas entre as quais podemos encontrar “*Filarmônica*”, “*Sociedade Musical*”, “*Lira*”, “*Clube Musical*”, “*Euterpe*”, entre outros.

²⁷ VIEIRA, Joelson Pontes. *Bandas de Música Militares: Performance e cultura na cidade de Goiás (1822 – 1937)*. p. 51

²⁸ Ibid. p. 52

Em Ponta Grossa, a presença desses conjuntos musicais é encontrada desde as últimas décadas do século XIX, permanecendo ativas ainda em pleno século XXI, constituindo-se em uma expressão de patrimônio imaterial da cidade de Ponta Grossa no Paraná.

1.2 A Origem das Bandas de Música

Essas agremiações culturais voltadas para a prática musical, denominadas Bandas de Música, remontam à antiguidade, e podem ser classificadas atualmente como bandas militares ou bandas civis. As primeiras, surgiram com a finalidade de estimular os soldados ao combate, enquanto que as bandas civis, embora muitas vezes inspiradas nos conjuntos militares são voltadas para a prática cultural da música, sendo elemento presente nas mais diversas ocasiões festivas, religiosas, políticas e culturais.

Com relação às suas origens, é possível pensar a existência de bandas de música já na antiguidade. Na obra História da Música Ocidental há relatos da presença desses conjuntos. De acordo com Grout,

A versão romana do aulo, a tábua, e os seus tocadores, os tibicinos, desempenhavam um papel importante nos ritos religiosos, na música militar e no teatro. Destacavam-se ainda vários instrumentos de sopro. A tuba, uma trombeta comprida, direita, era também utilizada em cerimônias religiosas, estatais e militares. Os instrumentos mais característicos eram uma grande trompa circular, em forma de G, chamada corno, e a sua versão de menores dimensões, a buzina. A música deve ter estado presente em quase todas as manifestações públicas. Mas desempenhava também um papel nas diversões particulares e na educação.²⁹

Ao observar esse texto, torna-se possível entender que os instrumentos acima mencionados podem ser os antecessores do instrumental moderno utilizado pelas bandas de música. Entretanto, embora possam ser encontrados relatos desse gênero de conjunto musical na antiguidade, é no decorrer do século XVII, que esses conjuntos vão ganhar uma configuração da qual após algumas modificações derivam as atuais bandas de música. A esse respeito escreve Binder:

“Genericamente, banda é um conjunto musical formado por instrumentos de sopro e percussão. Sua instrumentação moderna iniciou-se na França quando, Jean Baptiste Lully (1632 – 1687), no reinado de Luís XIV (1638 – 1715), substituiu por

²⁹ GROUT, Donald J. História da Música Ocidental. p. 33

oboés e fagotes as antigas charamelas³⁰ e dulcianas, fornecendo assim, o modelo de banda do qual se derivam os padrões instrumentais posteriores utilizados em boa parte da Europa.³¹

Para Binder, portanto, foi durante o reinado de Luís XIV na França que surgiu o modelo de banda de onde se derivaram padrões instrumentais que passaram a ser utilizados por toda a Europa, e de onde se derivam tanto a formação desses conjuntos quanto os instrumentos que fazem parte das bandas de música na atualidade.

De acordo com Manuela Areias Costa, essas bandas até o século XVIII estavam a serviço do rei, da nobreza e do clero, não tendo naquela época o caráter popular que adquiriram a partir do século XIX. Essa historiadora afirma ainda que as bandas de música passaram a se multiplicar na Europa durante aquele período em Regimentos Militares, Tropas de Cavalaria e Guardas Nacionais.

A popularização das bandas em alguns países europeus como Inglaterra, Itália e França, ocorreu com o aperfeiçoamento dos instrumentos e de sua grande circulação. Desse modo, as bandas se popularizaram e se multiplicaram, ganhando maior receptividade. Essa popularização obteve força durante o século XIX, a partir do momento em que houve a adaptação das válvulas aos instrumentos de metais, tornando-os mais fáceis de serem executados. Além disso, também está ligada ao desenvolvimento de novos métodos industriais de manufatura, resultando na produção de instrumentos em larga escala, com preço acessível a todas as classes³².

Esta historiadora considera ainda que,

(...) as bandas começaram a se proliferar pela Europa do século XIX. Inúmeros regimentos militares possuíam banda, como as Guardas Nacionais e as Tropas de Cavalaria. Com a exaltação do nacionalismo, houve a necessidade da criação de hinos cívicos e marchas. Surgiram, então, corporações musicais civis que serviam à corte e à igreja, com vestimentas semelhantes aos uniformes militares, marchando e cumprindo atividades parecidas com as militares, porém de cunho cívico. Em consequência dessas transformações, a banda de música deixou de ser somente um entretenimento na vida social da elite e parte do culto divino, para ser um elemento importante na vida cultural da população.³³

³⁰ Charamela: Instrumento de sopro, pequena flauta delgada, sem chaves, de som muito agudo. O mesmo que píforo. In: ANDRADE, Mário. Dicionário Musical Brasileiro. p. 129

³¹ BINDER, Fernando Pereira. Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889. p.8

³² COSTA, Manuela Areias. "Vivas à República": representações da banda "União XV de Novembro" em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 47 e 48

³³ Loc. cit.

As Bandas de música, independentemente de suas especificidades, se corporações civis ou militares, difundiram-se conforme encontrado nos relatos acima citados especialmente a partir do século XIX. Entretanto, esses conjuntos já podiam ser encontrados no Brasil desde o período colonial.

1.3 A música das bandas na colônia: das bandas de fazendas à música de barbeiros

Para compreender a história da música no Brasil, faz-se necessário observar o que a historiografia traz sobre a música praticada antes mesmo do período colonial. Portanto, é preciso buscar as referências a respeito do que os portugueses encontraram nesse sentido quando aqui chegaram. Embora sejam escassas as fontes, há relatos como o do francês Jean de Léry, que teria chegado ao Brasil em 1557, conforme transcreve Bruno Kiefer em sua obra *História da Música Brasileira: dos primórdios ao século XX*. Segundo Kiefer, Jean de Léry registrou suas impressões sobre a música executada pelos índios em uma cerimônia da seguinte maneira:

Essas cerimônias duravam cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessavam de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecessem música.³⁴

Kiefer afirma também que os primeiros professores de música do Brasil teriam sido os jesuítas no processo de catequização. Naturalmente, é preciso considerar os padres como professores do ponto de vista do ensino formal, entretanto não se pode desconsiderar o que foi relatado por Léry, onde fica evidenciado que o indígena já trazia em si o conhecimento da música com uma produção não fundamentada na teoria musical conforme os padrões europeus, mas composta de melodia e ritmo e produzida espontaneamente. A esse respeito Kiefer escreve:

Não há dúvida, que os jesuítas foram os primeiros professores de música europeia no Brasil. É quase um lugar comum esta afirmação. Mas, ao mesmo tempo que é correta, encerra o perigo de uma visão errônea da história da nossa música, pois facilmente suscita a impressão de que o ensino musical dos jesuítas tenha constituído uma espécie de coluna mestra do desenvolvimento musical entre nós. E não foi assim.³⁵

³⁴ KIEFER, Bruno. *História da Música Brasileira: dos primórdios ao século XX*. p. 10

³⁵ *Ibid.* p. 11

A afirmativa de Kiefer pode ser entendida como uma advertência de que a música brasileira deve ser considerada desde suas raízes mais remotas, ou seja, daquela música produzida originalmente pelos índios, embora haja certa dificuldade com relação às fontes para um estudo musicológico sobre o tema. Esse mesmo autor, ao tratar da questão da música brasileira do período colonial, refere-se às cidades onde se cultivava música erudita, sendo os centros mais importantes nesse setor a Bahia e Pernambuco.³⁶

No que se refere às Bandas de Música, Kiefer relata a existência desses conjuntos já em meados do século XVII, quando trata da informação trazida por Renato Almeida que dizia que em 1645 estabeleceu-se em Pernambuco “*uma banda do exército com clarins, charamelas e outros instrumentos belicosos*”³⁷.

Corroborando com as afirmativas de Kiefer, Lélío Eduardo Alves da Silva escreve:

No Brasil, a história das bandas de música teve início com a chegada dos portugueses. (...) As atividades musicais utilizadas nas festas religiosas dos portugueses contavam inclusive com a participação dos índios, a quem os jesuítas buscavam catequisar, utilizando-se da música³⁸.

Ainda, segundo este autor,

Granja (1984) enumerou outros povos que contribuíram para o processo de criação de nossas bandas de música. Os holandeses, com as apresentações de suas bandas militares no nordeste, os italianos que introduziram trechos de opera italiana e os alemães que chegaram com bandas de música completas.

Ao se referir à música no período colonial, a historiadora Manuela Areias Costa apresenta o que seria a formação inicial dos conjuntos musicais que se pode pensar como bandas de música, que eram formadas por escravos músicos e animavam festas. Essa historiadora afirma:

Na época colonial, o conjunto de instrumentos das pequenas orquestras era composto por trombetas, charamelas,

³⁶ KIEFER, Bruno. História da Música Brasileira: dos primórdios ao século XX. P. 13

³⁷ Ibid. p. 17

³⁸ SILVA, Lélío Eduardo Alves. Musicalização através da banda de música escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “mestres de banda”. p. 19

sacabuchas³⁹ e marimbas⁴⁰, e o repertório era grande e variado. Os escravos animavam as festas, de forma que mais riquezas eram acumuladas pelo organizador dos conjuntos musicais, devido à cobrança de determinada quantia às irmandades e aos outros fazendeiros pelo fornecimento da música⁴¹.

Há também em outras obras e estudos, diferentes relatos sobre o surgimento das bandas de música no Brasil. A presença das bandas de música aparece ligada também às fazendas durante o período colonial desde o século XVIII, e segundo Tinhorão, além da Igreja Católica que contribuiu na formação musical em terras brasileiras durante aquele período, também os senhores de escravos “teriam colaborado” para o aproveitamento da vocação musical dos africanos formando bandas em suas fazendas seja por vaidade ou pela busca de prestígio social. Afirma Tinhorão:

Na verdade, possuir um grupo de músicos numa fazenda, além de preencher um vazio de exigência cultural, tendo em vista a distância das cidades – onde as igrejas e, a partir do fim de 1700, as primeiras casas de opera, já atendiam, bem ou mal, a essa necessidade – passou com o tempo a valer também por sua ruidosa demonstração de poder pessoal.⁴²

O mesmo autor também se refere à formação de músicos populares em cidades como Recife já em meados do século XVIII. De acordo com Tinhorão,

Nas cidades, segundo se depreende pelo que escrevia Frei Manoel da Madre de Deus em sua *Súmula Triunfal*, a formação de músicos populares não era novidade pelo menos no Recife de 1745, pois quando o mestre de capela⁴³ da Sé saiu à rua com sua ‘sonora e bem acorde música’ quem tocava os instrumentos eram comprovadamente “orfeus da terra”.⁴⁴

Percebe-se que a formação musical na Colônia se encontrava presente em duas vertentes principais: de um lado a Igreja, que utilizava da música para

³⁹ SACABUXA: Instrumento de sopro de metal precursor do trombone de vara. In: ANDRADE, Mário. Dicionário Musical Brasileiro. p. 449

⁴⁰ MARIMBA: Instrumento de percussão de origem africana, traves ou arcos de madeira sobre os quais são apoiadas teclas de madeira e cabaças como caixas de ressonância, uma para cada tecla; a marimba é percutida com baquetas. Idem. p. 308

⁴¹ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 50

⁴² TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. P. 75

⁴³ MESTRE DE CAPELA: “Músico encarregado de organizar a orquestra e o coro durante as funções religiosas, podendo ser o organista e compositor. Nos manuscritos do século XVIII encontra-se ainda o termo *Mestre da Capela* ou simplesmente *Mestre Capela*. Em carta do Rei Felipe II para o Governador Geral Dom Luiz de Souza, de 24 de outubro de 1616, fixando os vencimentos e despesas da igreja do Brasil: “Ao mestre da Capela 50.000 rs (rés) por anno. (Livro 2º do Governo do Brasil – Anaes do Museu Paulista, v. 3, 2ª parte, p. 13) (In: ANDRADE, Mário. Dicionário Musical Brasileiro. P. 332)”

⁴⁴ TINHORÃO, op. cit. p. 71

os ofícios religiosos, procissões e outras festas voltadas ao culto de santos; de outro lado, a participação de negros escravos ou libertos se fazia desde as fazendas ou engenhos, sendo, portanto, os músicos brasileiros do período colonial oriundos das camadas populares, e, por conseguinte sendo estes os construtores do que viria a ser a música popular brasileira.

Para Tinhorão, a Casa-Grande dos engenhos que representava o poder dos grandes latifundiários, era também o local dos grandes acontecimentos sociais e culturais na sociedade colonial. Assim, nesse local aconteciam eventos artístico-culturais, onde era comum a presença de músicos negros ainda escravizados. Tinhorão cita o relato de um viajante francês Pyrard de Laval, que teria demonstrado admiração ao ver em 1610 em um engenho do recôncavo baiano, a apresentação de uma banda de música formada por escravos. Sobre esse relato, Tinhorão escreve:

Deu-se que o potentado do Recôncavo, depois de mostrar ao convidado suas coleções de animais e objetos raros, resolveu oferecer-lhe a audição musical de uma banda composta por 30 negros escravos e que era regida – para espanto de Pyrard de Laval – por um francês provençal.⁴⁵

A partir dos estudos de Tinhorão, fica evidenciado que, desde o período colonial, as bandas de música desempenharam importante papel como elemento formador de uma matriz cultural, o que permite pressupor a formação de uma tradição musical em que a banda de música torna-se importante elemento para a sociedade, realizando a animação nas festas das comunidades, sejam elas promovidas pelos senhores de engenho, sejam festas religiosas ou ainda outras festas populares realizadas na colônia. Em todas essas ocasiões a presença da banda de música parece ter sido indispensável.

A esse respeito escreve a historiadora Manuela Areias Costa que ao citar Granja afirma:

(...) no passado, as bandas foram as principais responsáveis pelas formas de lazer da comunidade, realizando retretas, desfiles, circos, festas religiosas, festas cívicas, bailes, entre outros. As retretas nos domingos reuniam na praça os habitantes da cidade, que circulavam enquanto ouviam a música tocada no coreto. (...). Não se concebia enterro de cidadão ilustre sem o seu acompanhamento.⁴⁶

⁴⁵ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços.. p. 73

⁴⁶ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 65

Mas o papel da banda de música no Brasil vai muito além de seu aspecto cultural e de produção artística. Essas agremiações musicais tornavam-se também locais de debate político, de sociabilidade, de formação de uma identidade etc, conforme afirma a historiadora Manuela Areias Costa ao tratar das bandas de música que, de acordo com ela, na Bahia denominam-se Filarmônicas. Afirma Costa:

A organização das Filarmônicas possuía diversos fins, sentidos e resultados. A partir e em torno dela, muita coisa acontecia: reunião solidária entre livres, escravos e libertos, afirmação de identidades múltiplas, competições e conflitos entre os seus participantes, comunicação e expressão de ideias políticas, difusão de símbolos e heróis, propagação de projetos variados, projeções, disputas e tensões sociais. As filarmônicas tiveram um papel proeminente entre as manifestações culturais e políticas nas cidades do Recôncavo baiano. A prática de conjuntos musicais está inserida na realidade cultural baiana desde os tempos coloniais⁴⁷.

A presença desses conjuntos musicais vai se verificar em toda a colônia, e em especial na região nordeste, de modo geral como forma de afirmação do poder e prestígio dos senhores de engenho ou de grandes proprietários de terras. Afirma Tinhorão que o pesquisador João Brígido, ao estudar a formação da sociedade do Cariri no Ceará em meados do século XIX escreveu que “*Os Feitosas sempre tinham sido chefes de grande respeitabilidade, e impuseram pela ostentação. Quando aparecia um deles no Aracati ou no Forte (Fortaleza), fazia-se acompanhar de sua banda de música, como sóiam os potentados do tempo.*”⁴⁸

As bandas de música eram, na colônia, tanto uma afirmação de poder dos grandes latifundiários, quanto se constituíam na opção de lazer e entretenimento para aquela sociedade, fazendo-se presentes nas mais diversas ocasiões festivas tanto de caráter religioso quanto profano como já foi anteriormente referido. Tinham ainda as funções de proporcionar expressão emocional, prazer estético, diversão, comunicação. Validavam instituições sociais, bem como rituais religiosos, contribuindo para a continuidade e estabilidade da cultura.

Se para o senhor possuir uma banda de música representava prestígio e poder, para os escravos músicos, o fato de ter a habilidade de tocar um

⁴⁷ COSTA, Manuela Areias. O “Maestro da Abolição” no Recôncavo Baiano: abolicionismo e memória nas crônicas de Manoel Tranquilino Bastos (Cachoeira – BA, 1884 – 1920). p. 39

⁴⁸ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. p. 76

instrumento musical, era um diferencial em relação aos demais escravizados. Vale ainda destacar que, com o passar do tempo, a banda de música tornou-se para seus senhores mais uma fonte de rendimentos, pois cobravam pelas apresentações de seus conjuntos musicais.

A esse respeito escreve Tinhorão:

Inicialmente a presença dessas bandas particulares nas festas e procissões dos centros urbanos próximos de zonas de economia rural constituíram a contribuição pessoal dos maiores senhores, visando como todo prêmio apenas o reconhecimento público da sua grandeza. Com o decorrer do tempo, porém, a formação de músicos escravos nas fazendas, sobre valorizar o negro como mercadoria vendável pelo apreço que se votava à qualidade de instrumentista, numa época de poucas possibilidades de especialização nesse setor, passou a constituir uma fonte de renda para o dono da banda, através da cobrança de determinada quantia às irmandades pelo fornecimento de música⁴⁹.

Essa relação das bandas de música formadas por escravos, com as festas populares que ocorriam por todo o território também são relatadas no decorrer do século XIX, com a banda da rica fazendeira baiana Raimunda Porcina de Jesus, que trouxe de Feira de Santana uma banda de música bem organizada, composta por escravos de sua propriedade. Em meados do século XIX, dona Raimunda recebia pagamentos pela participação de seus músicos nas festas do Senhor do Bomfim⁵⁰.

Essa banda tinha bom mestre, que dizem também fora escravo, era numerosa, dispunha de bom instrumental, grande e variado repertório.

Percebe-se nesse caso que as classes marginalizadas socialmente como era o caso desses escravos músicos citados por Tinhorão, davam prestígio e lucro a seus senhores e serviam como um meio de afirmação dos grupos dominantes. Assim, é possível comparar a situação atual dos músicos que recebem cachês ínfimos, enquanto donos de estabelecimentos que promovem entretenimento onde estes músicos se apresentam, obtém grandes lucros.

A formação de músicos negros chamou a atenção de viajantes europeus que deixaram relatos de suas impressões sobre a presença desses músicos na sociedade do Rio de Janeiro no período Joanino. Um desses viajantes, o alemão Carlos Frederico Philippe Von Martius, que veio ao Brasil em 1817, registrou em

⁴⁹ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. p. 76

⁵⁰ Ibid. p. 78

sua passagem pelo Rio de Janeiro sua boa impressão com a música que ouviu executada por um desses conjuntos ao escrever que *“uma banda particular de música vocal e instrumental, que o príncipe herdeiro formou com mestiços indígenas e pretos, indica bastante o talento musical do brasileiro⁵¹.”*(in: TINHORÃO, p. 83)

Ao se referir aos músicos brasileiros do período colonial, em seu livro *“História Social da Música Popular Brasileira”*, Tinhorão informa que se por um lado os senhores de engenho buscavam a formação de conjuntos musicais com seus escravos, também os padres jesuítas investiam no ensino de música aos indígenas como já foi anteriormente referido. Entretanto afirma esse pesquisador que a música executada por esses músicos oriundos das camadas populares, atendia ou às necessidades litúrgicas da Igreja, ou à megalomania dos senhores de escravos. A esse respeito Tinhorão escreve que

Embora o recrutamento de instrumentistas para a formação de tais grupos orientados por padres ou mestres europeus se desse sempre nas camadas baixas (os jesuítas aproveitando o talento natural dos índios, os fazendeiros ricos seus escravos negros, e as corporações militares e os ‘arrematantes’ de música para festas e teatros os brancos e mulatos das classes pobres das cidades), a música que produziam não tinha como traduzir a cultura original de seus componentes⁵².

Se por um lado, como afirma Tinhorão os músicos não traduziam sua cultura original, vale aqui refletir que esses mesmos músicos, bem como outros atores sociais deixaram suas marcas na formação de um Brasil plural com diferentes matrizes culturais que acabaram por promover a formação de diferentes identidades. Essa pluralidade reflete-se na produção musical do país desde o período colonial já que esses diferentes atores sociais traziam consigo seus próprios referenciais de cultura.

Há, entretanto, outros relatos que apontam para o surgimento de bandas de música nas cidades durante o século XVIII, como o citado por Eduardo Lara Coelho quando narra que:

A primeira referência a atividades musicais em São João Del-Rei data de 1717, quando o maestro Antônio do Carmo liderou uma banda de música no topo do Morro do Bomfim, por motivo da

⁵¹ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. p. 83

⁵² Id. História social da música popular brasileira. p. 163

chegada à vila do governador da então capitania de São Paulo e Minas do Ouro, D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar.⁵³

Nas últimas décadas do século XIX, antecedendo a abolição da escravidão ainda há relatos dessas bandas de música de fazendas formadas por escravos, sobre as quais Alexandre Gonçalves Pinto se refere da seguinte forma:

As organizações das Bandas de Música nas fazendas, para tocarem nas festas das igrejas, nos arraiais, longe e perto das antigas vilas e freguesas, que são consideradas hoje cidade, davam um cunho de verdadeira alegria naquele meio tristonho, mas sadio, sem instrução, sem cultivo, onde imperava a soberania dos fazendeiros, grandes nababos, chefes dos partidos políticos liberal e conservador.⁵⁴

Em notícia veiculada pelo *Jornal da Tarde*, periódico do Rio de Janeiro, datada de 18 de setembro de 1871, percebe-se ainda a existência das bandas de fazenda quando aquele periódico narra uma festa realizada em Barra Mansa.

As 9 ½ horas, o trem imperial, dirigido pelo engenheiro Nery, entrava pela pitoresca cidade de Barra Mansa. A neophita do progresso trajava pomposas galas. Os wagons desfilaram por entre coqueiros e bandeiras até a estação onde Sua Alteza Imperial e o Sr. Conde D'Eu, ao som de repiques de sinos e do hymno nacional, executado por uma banda de música da fazenda do comendador José Breves, foram recebidos pela comissão de festejos, composta dos Srs. Major Joaquim Leite Ribeiro de Almeida, Dr. Pindahyba de Mattos, barão de Guapy, Dr. Manoel Ferreira de Mattos, Dr. Gitahy Cardoso, Antonio Augusto, commendador Camillo, major José Bento e major José Pereira Leite.⁵⁵

Também de acordo com Tinhorão, a música dessas bandas aplacava a ira dos fazendeiros, que “*afrouxavam as algemas e os grilhões*” por considerarem que das bandas das fazendas saíam muitos músicos notáveis. Pinto refere-se ainda que a maioria dos músicos ex-escravos, após a abolição em 1888, aderiram às bandas de irmandades, “*aos grupos de músicos*

⁵³ COELHO, Lara Eduardo. Coalhadas e rapaduras: estratégias de inserção social e sociabilidades de músicos negros – São João del-Rei, século XIX. p. 64

⁵⁴ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. p. 89

⁵⁵ Jornal da Tarde. Rio de Janeiro 18 de setembro de 1871. In: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=246875&pesq=banda%20de%20m%C3%BAsica> pesquisado em 01/05/2018

zabumbeiros de festas folclóricas, como as Folias e Congos, ou foram engrossar o contingente de músicos urbanos das bandas militares (...) ⁵⁶

Nas áreas urbanas, a música do período colonial encontrava-se associada especialmente a eventos de caráter religioso. O calendário dessas festas era bastante vasto, proporcionando à população seus principais momentos de lazer nas procissões ou nas festas dos santos padroeiros. Dessa forma, a música produzida nas cidades se desenvolvia naquele momento vinculada ao repertório determinado pela Igreja. Afirma Tinhorão que

No âmbito das camadas populares essa evolução musical manteria no Brasil uma estreita relação com o desenvolvimento da Igreja Católica, (...) foi a Igreja que forneceu ao povo durante pelo menos duzentos anos a oportunidade de lazer, através do grande número de dias santos respeitados com a suspensão do trabalho⁵⁷.

1.4 As Bandas do Período Joanino ao Segundo Reinado

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808, a música no Rio de Janeiro parecia estar ainda bastante vinculada aos ofícios religiosos, como já vinha ocorrendo desde o início da colonização e, pelos relatos de cronistas e viajantes, essa produção musical não deixaria nada a desejar à música que se tocava na Europa. D. João, o Príncipe Regente, teria se impressionado com a qualidade dos músicos que encontrou na colônia portuguesa da América, conforme narra Ayres de Andrade ao descrever o *Te-Deum* que se realizou na Igreja do Rosário no dia 8 de março logo após o desembarque da comitiva real: *“Na Igreja do Rosário aguardava-o uma surpresa. Ali, na música executada durante o ato religioso, ele teve a revelação de uma arte que decerto não esperava encontrar em tão longínquas plagas de seus domínios.”⁵⁸*

Afirma Andrade, talvez com algum exagero, que a coroa portuguesa tinha a seu serviço desde fins do século XVIII *“o mais importante conjunto de músicos de toda a Cristandade”⁵⁹*, e por isso, D. João não só reforçou o conjunto local da igreja com músicos que vieram com a corte, como buscou ampliar o número de

⁵⁶ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. p. 89

⁵⁷ Ibid. p. 34

⁵⁸ ANDRADE, Ayres. Francisco Manoel da Silva e seu tempo: 1808 – 1865 uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos. p. 12

⁵⁹ Ibid. p. 22 e 23

capelães cantores e o coro da Música com vários músicos portugueses e italianos.

Entretanto, se por um lado a música no período joanino tinha grande apelo no tocante aos ofícios religiosos, por outro, não se pode desconsiderar a música profana, que também vinha construindo uma trajetória desde o período colonial. Essa expressão de uma musicalidade profana se fazia ouvir pelas bandas de música, desde a chamada “*música de barbeiros*”.

Essa *Música de Barbeiros*, que parece ter caracterizado uma fase da tradição musical brasileira durante o período colonial é definida da seguinte forma por Mário de Andrade:

*1. Música executada por um conjunto de ex-escravos, negros, no período colonial, que somavam à profissão de barbeiro o ofício de músico. Esta formação geralmente à base de sopros ensaiava dobrados, quadrilhas e fandangos, e era requisitada em festas religiosas, folias e outros eventos: ‘Os primitivos barbeiros da rua do Ouvidor (...) simultaneamente barbeiros e sangradores, cirurgiões-dentistas e aplicadores de bichas e ventosas, esses procurados profissionais, escravos todos, em geral negros, raramente mulatos, figuravam em seu posto até adiantada noite, em que, na trégua do trabalho, buscavam na música instrumental, não só uma diversão ao espírito, mas ainda um acréscimo de receita’.*⁶⁰

Vale destacar que a chamada *Música de Barbeiros* está diretamente relacionada com as origens da música popular brasileira, sendo esse fenômeno caracteristicamente urbano, tendo sua gênese ainda em meados do século XVIII, no período em que, como consequência da atividade mineradora, o Brasil passava por um incipiente processo de urbanização, especialmente na região sudeste, tendo em vista que a riqueza das minas era escoada pelo porto do Rio de Janeiro.

Ao se referir à música de barbeiros e sua relação com a música popular brasileira a historiadora Manuela Areias Costa afirma:

*Esses músicos foram responsáveis pela primeira música instrumental destinada ao lazer público nas cidades. Eles não possuíam ajuda financeira ou qualquer incentivo cultural para desenvolver essas atividades, pelo contrário, eram muito discriminados por serem filhos de escravos ou libertos*⁶¹.

⁶⁰ ANDRADE, Mário. Dicionário Musical Brasileiro. p. 355 e 356

⁶¹ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 50

Costa refere-se ainda à importância de tais conjuntos para a música popular brasileira quando diz que,

Os barbeiros tiveram grande importância no desenvolvimento da música popular. Esses grupos foram os grandes incentivadores e influenciadores do choro, samba e outros gêneros musicais brasileiros. Além disso contribuíram para a difusão de danças e gêneros musicais tais como: a polka, a valse, a mazurca, a schottish, a gavote, a quadrille, que chegavam ao país pelo porto do Rio de Janeiro, imprimindo características nativas a esses gêneros. Esse tipo de conjunto musical teve intensa participação nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro⁶².

Naquele momento, o Rio de Janeiro, juntamente com Salvador, constituíam-se nos maiores centros urbanos da colônia, fator esse que favoreceu o surgimento de novas profissões, muitas delas passando a ser desempenhadas por “*negros livres ou de ganho*” conforme afirma Tinhorão.⁶³

São esses atores sociais que passam a desempenhar profissões urbanas como a de barbeiro e que pela multiplicidade de habilidades aliada ao tempo que sobrava livre, vão se dedicar ao estudo da música, constituindo-se não somente barbeiros, mas também arrancando dentes, fazendo sangrias e dedicando-se à música⁶⁴.

Tinhorão considera também que o aprendizado dos instrumentos musicais pelos barbeiros, “*era feito da maneira mais livre possível.*” Segundo esse autor,

Ao contrário dos músicos das bandas das fazendas, cuja finalidade de glorificação e deleite pessoal dos grandes fazendeiros levava à preocupação orquestral, muitas vezes sob a direção de professores europeus, os barbeiros das cidades agrupavam-se sob a direção de um mestre da sua condição, produzindo em consequência um estilo de música não-dirigido e realmente popular.⁶⁵

Percebe-se que a partir da formação desses conjuntos de barbeiros, começa a se formar de fato o embrião da música popular brasileira já que esses músicos vinham das camadas populares, e dedicavam-se a tocar também para as camadas populares.

⁶² COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930). p. 50

⁶³ TINHORÃO, José Ramos. Música popular de negros, índios e mestiços. p. 95

⁶⁴ Ibid. p. 96

⁶⁵ Ibid. p. 100

A respeito da tradição que se construía com relação às bandas de música escreve Tinhorão:

A continuidade da tradição no campo da música instrumental ao gosto de amplas camadas das cidades, iniciada em meados de Setecentos pelos ternos de barbeiros com a chamada música de porta de igreja, ia ser garantida a partir da segunda metade do século XIX pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas pequenas bandas municipais ou liras formadas por mestres interioranos, nas cidades menores.⁶⁶

Ainda com relação à presença das bandas de música já nas primeiras décadas do século XIX há o relato de que em 1817 quando a Arquiduquesa da Austríaca Dona Leopoldina chegou ao Rio de Janeiro teria trazido em sua comitiva uma banda de música. Sobre esse acontecimento escreve Andrade que: “Acompanhando a arquiduquesa, veio numerosa e variada comitiva, inclusive uma banda de música. Alguns dos músicos ficaram no Rio de Janeiro a serviço do Palácio.”⁶⁷

Ainda segundo Ayres Andrade, o padre e músico José Maurício compôs 12 “*Divertimentos*” para uma banda de música, que ensaiava ao ar livre juntando verdadeira multidão de ouvintes, em frente à casa em que o Padre-maestro tinha o seu curso de música.

A partir de 1823, já depois do Brasil tornar-se independente de Portugal, a grande novidade seria a realização de concertos em série com ingressos vendidos de forma cumulativa⁶⁸.

Afirma ainda Andrade que durante os anos que vão desde 1808 até 1831, período que compreende desde a chegada da corte portuguesa no Brasil até o final do Primeiro Reinado, a vida musical do Rio de Janeiro era impulsionada por músicos nacionais e alguns estrangeiros radicados no Brasil, dentre os quais grande parte se originava das camadas populares, tendo na música uma boa oportunidade para uma relativa ascensão social. Dessa forma, percebe-se que o acesso à arte e a cultura através das bandas de música foi se popularizando durante a primeira metade do século XIX.

⁶⁶ TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. p. 187

⁶⁷ ANDRADE, Ayres. Francisco Manoel da Silva e seu tempo: 1808 – 1865 uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos. p. 131

⁶⁸ Ibid. p. 132

Não se pode deixar de considerar ainda a existência e o papel das bandas militares no país e sua participação ativa na vida cultural da população brasileira colaborando sobremaneira na construção dessa tradição musical presente nas festividades dos mais diversos tipos. Sobre a presença das Bandas de Música militares no Brasil encontram-se referências já em 1810 quando através de um decreto datado de 27 de março daquele ano, em que o Príncipe Regente D. João determinava que todos os quatro Regimentos de Infantaria de Linha e de Artilharia tivessem formadas suas Bandas de Música.

O decreto estabelecia um valor mensal de 48\$000 para que cada Regimento pudesse manter sua banda de música. A formação dessas bandas deveria contar com um quadro de 12 a 16 instrumentistas. Os músicos seriam enquadrados na graduação de soldado e seriam comandados por um oficial designado pelo coronel comandante de cada regimento. Diz o texto do decreto:

(...) que pela Thesouraria Geral das Tropas se pague mensalmente a cada regimento a quantia de 48\$000, regulando-se a música na forma que se segue. Em cada um dos quatro Regimentos de Infantaria e Artilharia desta corte haverá 12 ou 16 músicos que toquem instrumentos de vento, sem que por princípio algum se possa augmentar o dito numero. Os sobreditos muzicos terão praça de soldado e serão divididos por todas as companhias, exceptuando a de Granadeiros e Caçadores, e vencerão nos préts os soldos que lhes competem como soldados, e assim mesmo a farinha e fardamento além da gratificação que abaixo se dirá. Os tocadores de bombas, campainhas e de outros instrumentos dessa qualidade serão tirados da classe dos tambores e não vencerão gratificação alguma. Tanto os músicos de instrumentos de vento como de bomba serão escolhidos no actual estado completo das companhias, sem que se augmente o número destes em razão das praças escolhidas dos soldados, como pelos que hão de ser tirados dos tambores. A somma que vai determinada para gratificação da música será recebida todos os mezes na Thesouraria Geral, por um recibo do coronel, a mettida na caixa do Conselho de Administração por onde se pagarão as despesas da música, de que haverá conta corrente separada da do fardamento. As gratificações dos músicos serão tiradas da dita somma e repartidas pelo Coronel na proporção do merecimento de cada um, em tal maneira que as despesas das ditas gratificações, não excedam de 36\$000 mensaes. (...) O Coronel nomeará todos os annos um official para dierector da música, o qual terá cuidado na sua instrucção e disciplina; (...) Palácio de Rio de Janeiro em 27 de Março de 1810. Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor.⁶⁹

⁶⁹ Decreto de 27 de março de 1810 in: Collecção das Leis do Brazil de 1810

<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/Legislacao.nsf/viwTodos/4A1425D18E2D73E3032569FA005AFC91?Opendocument> pesquisado em 23/04/2018

Posteriormente encontra-se outra referência à presença das bandas de música quando da coroação de D. João VI, em fevereiro de 1818 conforme narra o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* em edição especial publicada em 10 de fevereiro daquele ano. Assim se refere o periódico sobre a cerimônia:

Rompia o cortejo huma guarda a cavallo do Real Corpo de Polícia. Seguia huma Banda Militar de Música, e logo os officiaes de justiça, os Almotacés, e os Senadores com o seu Presidente, todas ricamente adornadas com capas de seda preta com bandas brancas bordadas com primor. Acompanhava o numerozo estado de cavallos das reaes cavalheries, soberanamente ajaezados, guiados por creados da Caza Real em grande uniforme, seguindo-se o vistoso estado dos senhores. Fechava este aparatoso acompanhamento hum grosso destacamento de cavallaria e outra Banda de Música⁷⁰.

Encontramos também a presença das Bandas Militares durante o período regencial, bem como durante o Segundo Reinado. No período regencial as bandas criadas nos batalhões da Guarda Nacional aparecem em relatos conforme descreve Binder: *“Em São Paulo, as primeiras noticias sobre músicos nos batalhões da Guarda Nacional são de 1838. Em 1845 estavam engajados 32 músicos e um mestre; Em 1950, nos dois batalhões de Infantaria estavam engajados dois mestres e 50 músicos”*⁷¹.

Binder relata também que as bandas de música militares passaram a realizar retretas em coretos nas praças públicas desde 1845 quando em Porto Alegre, logo após o termino da Revolução Farroupilha, visando a elevar o ânimo da população gaúcha, esses conjuntos musicais passaram a realizar tais apresentações com maior regularidade. Esse pesquisador acrescenta que *“O que ocorria no Rio Grande do Sul, aos poucos foi se repetindo em outros pontos do país, com bandas militares se apresentando regularmente nas retretas, e os coretos sendo incorporados permanentemente à arquitetura das praças.”*⁷²

Já no Segundo Reinado, durante a Guerra do Paraguai, ocorreu também a participação das Bandas de Música dos Batalhões de Voluntários da Pátria, e ainda das bandas de música das policias militares das Províncias que também tomaram parte no conflito. Essas bandas tocavam durante as batalhas e nos

⁷⁰ *Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 10 de fevereiro de 1818. Arquivo Digital da Biblioteca Nacional. In: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pasta=ano%20181&pesq=banda%20militar> pesquisado em 21/04/2018

⁷¹ BINDER, Fernando Pereira. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 – 1889*. p. 74

⁷² *Ibid.* p. 72

momentos de descontração da tropa, bem como nos ofícios religiosos realizados em campanha. Sobre a participação dessas bandas na Guerra, escreve Vinicius Mariano de Carvalho: “(...) *as policias militares de cada Província concorreram com tropas na Guerra do Paraguai. Esses corpos de polícia, incorporados como tropa regular, também levavam consigo suas bandas, uma vez que muitas polícias já dispunham de bandas organizadas antes mesmo do início do conflito.*”⁷³ Esse mesmo autor ainda se refere às bandas de Batalhões de Voluntários da Pátria, que “*repetiam a estrutura organizacional dos Batalhões de Linha, portanto, a banda de música também compunha seus quadros.*”⁷⁴

Se por um lado a referência às bandas de música estava relacionada ao cerimonial militar ou da corte, ou mesmo às ações em campanha, do Paraguai, por outro, já na segunda metade do século XIX, encontra-se a participação das bandas de música civis ou militares nas mais diversas festividades por todos os cantos do país. Com base nos jornais “*Gazeta do Rio de Janeiro*” e “*O Paiz*”, ambos sediados na cidade do Rio de Janeiro, pode-se encontrar entre os anos de 1860 a 1890 nesses periódicos inúmeras referências à participação desses conjuntos na vida cultural daquela capital bem como de outras cidades mencionadas nos referidos periódicos.

No período de 1884 a 1889, o jornal “*O Paiz*”, publicou nada menos que 681 vezes⁷⁵ textos referindo-se à participação das bandas na vida cotidiana das cidades, em especial do próprio Rio de Janeiro. Dentre essas notícias, pode-se encontrar as bandas participando das festas religiosas, cerimônias militares, visitas oficiais da Princesa Isabel e do Conde D’Eu, inauguração de linhas de bondes, homenagens a autoridades, sessões solenes em escolas e Liceus, sessões solenes no Instituto Histórico e Geográfico, atividades recreativas e desportivas, corridas de cavalos, atos políticos e até mesmo em festa de reveillon.

Seguem aqui alguns exemplos de matérias divulgadas em “*O Paiz*” onde há a presença de bandas de música:

⁷³ CARVALHO, Vinicius Mariano de. A Música Militar na Guerra da Tríplice Aliança: notas documentais e manuscritos revelados. p. 25

⁷⁴ Ibid. p. 27

⁷⁵ Arquivos encontrados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional in: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Na edição de 9 de novembro de 1884, o jornal publicou o seguinte artigo relacionado a uma inauguração ocorrida no rio Grande do Sul, onde se percebe a participação de uma banda de música militar.

Inaugurou-se na cidade do Rio Grande a linha de bonds da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande. O acto official realizou-se no paço municipal, achando-se presentes os Srs. Representantes do município, a diretoria da Companhia e o gerente desta, os representantes da imprensa e outros cidadãos. Pelo presidente da municipalidade, o Sr. Henrique José Pereira Júnior, foi pronunciada uma pequena alocução análoga ai acto, terminando com vivas a Sua Magestade o Imperador, à nação brasileira e à província do Rio Grande do Sul, aos quaes respondeu o Sr. Antonio Candido de Siqueira com vivas à cidade do Rio Grande do Sul e à sua Camara Municipal. O acto foi abrilhantado pela Banda de Música do 17º batalhão de infantaria. A câmara municipal expediu em seguida aos Srs. Presidente do Conselho, Ministro da agricultura e presidentes da província e assembleia provincial um telegrama congratulando-se com SS. EEx. Pela inauguração daquela linha de bonds.⁷⁶

No mesmo periódico, a edição de 24 de novembro de 1884 relata uma solenidade de entrega de prêmios na qual encontrava-se presente o Imperador D. Pedro II, e na qual se encontravam duas bandas de música:

No salão do Museu Pedagógico effectuou-se hontem, conforme estava annuciado, a solenidade da distribuição dos prêmios aos concurrentes premiados na primeira exposição scientifica, literária e artística do Rio de Janeiro. (...) O 7º Batalhão de Infantaria deu a Guarda de Honra, e no pavimento térreo tocaram a banda de música do batalhão e a dos Menores do Arsenal de Guerra. A sessão terminou às 2/1/2 horas da tarde.⁷⁷

Já a edição de “O Paiz” de 28 de novembro de 1884 vai noticiar um passeio de um clube ao “Corcovado” com o seguinte teor:

Club dos Democráticos – Pitoresca Excursão ao cume do Corcovado iniciada pela *Folha Novinha* em 7 de dezembro de 1884. Só poderão tomar parte no passeio sócios do club. Uma excellente banda de música acompanhará a bella peregrinação, não à Roma, mas sim ao bellissimo Corcovado. O sócio que quizer tomar parte só poderá fazer apresentando o recibo de novembro e fazendo a pequena contribuição estipulada, recebendo um cartão que dará direito a todas as regalias que

⁷⁶ JORNAL “O PAIZ” Rio de Janeiro. 09/11/1884 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=retreta pesquisado em 21/04/2018

⁷⁷ Jornal “O Paiz” Rio de Janeiro .24/11/1884 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=banda%20de%20musica pesquisado em 21/04/2018

*marca o programa que será affixado amanhã no salão do Castello.*⁷⁸

Novamente percebe-se a presença que parecia ser imprescindível de uma banda de música acompanhando o acontecimento.

No mês de dezembro de 1884, o já mencionado jornal também publicou reportagem sobre corridas de cavalo, destacando-se como nas matérias anteriormente apresentadas a presença de uma banda de música. Assim referiu-se o jornal:

*O Jockey Club realizou hontem mais uma de suas esplendidas corridas.(...) A banda de música dos Meninos Desvalidos tocou durante os intervalos.*⁷⁹

Já no período republicano, em 1890, encontra-se no mesmo periódico a referência a uma banda formada por menores “abrigados” no “*Asylo Agrícola Santa Isabel*” no Rio de Janeiro, instituição essa voltada para a educação agrícola de crianças pobres. Diz a matéria: “*É digna de ser mencionada a banda de música dos asylados, que formada apenas há cinco mezes, já toca com bastante correção, devida em grande parte aos esforços do seu professor, o Sr. Moreira Lopes.*”⁸⁰

A importância da presença de bandas de música em festividades parece ter sido bastante relevante, pois nos periódicos encontram-se inclusive anúncios oferecendo esses conjuntos para animação de festas conforme o seguinte anúncio publicado no jornal “*O Paiz*”:

Grupo Musical Carlos Gomes – Uma banda de música perfeitamente fardada, com grande e variado repertório, ensaiado a capricho, acha-se à disposição do público fluminense. Trata-se na rua do Rezende nº 78 com o Sr. Miguel Laurino, diretor da banda.⁸¹

As bandas de música, em especial as bandas militares, passaram a representar nas cidades o elemento difusor de uma música popular, pois de acordo com Tinhorão,

(...) uma das poucas oportunidades que a maioria da população das principais cidades brasileiras tinha de ouvir qualquer espécie

⁷⁸ Jornal “O Paiz” Rio de Janeiro 28/11/1884 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=banda%20de%20musica pesquisado em 21/04/2018

⁷⁹ Jornal “O Paiz” Rio de Janeiro 01/12/1884 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=banda%20de%20musica pesquisado em 21/04/2018

⁸⁰ Jornal “O Paiz” Rio de Janeiro 02/01/1890 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=banda%20de%20musica pesquisado em 21/04/2018

⁸¹ Jornal “O Paiz” Rio de Janeiro 04/01/1890 in:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=banda%20de%20musica pesquisado em 27/04/2018

de música instrumental, nessa segunda metade do século XIX, era de fato a música domingueira dos coretos das praças ou jardins, proporcionada pelas bandas marciais. Pois foi exatamente pela necessidade de entremear as marchas militares e dobrados com músicas do agrado do público de gosto popular que essas bandas de corporações fardadas começaram a incluir em seus repertórios os gêneros mais em voga àquele tempo, ou seja, as valsas, as polcas, schottisches e mazurcas importadas da Europa para atender aos propósitos da modernidade das novas camadas da pequena burguesia.⁸²

A popularidade das bandas de música se faz perceber por serem esses conjuntos musicais capazes de atrair diferentes pessoas através do ritmo contagiante da música. Foi dessa forma que escravos e capoeiras acabaram sendo presos em maio de 1870, quando seguiam a banda. O jornal da tarde noticiou esse fato da seguinte forma:

No dia 30 foi preso o preto Ludovino, escravo de Paula Leitão, às 11 ½ horas da noite, por ser encontrado à frente de uma banda de música particular que passava pela rua de S. Pedro, canto da Imperatriz. Às 11 ¾ desta mesma noite, a polícia prendeu o preto Conrado, escravo de Manoel Pereira Viana, por fazer parte de outra malta, que acompanhava outra banda de música, na mesma rua. As 8 ¾ da mesma noite, na rua do Regente, passava uma banda de música, eis que muitos capoeiras começaram a fazer as diabruras costumadas, cahindo-lhes em cima os urbanos, que prenderam os seguintes: Luiz Francisco de Lima, Francisco Martins dos Santos e João Carlos Teixeira.⁸³

O mesmo jornal traz novamente relato semelhante aos anteriormente citados em sua edição de 9 de agosto de 1870:

Capoeira, - Joaquim de Andrade Rosa seguia ante-hontem as 5 ¼ da tarde pela rua do Ouvidor, na frente de uma banda de música, armado de uma acha de lenha, ameaçando e agredindo a quem se lhe aproximava. Ao passar pelo rondante foi preso e conduzido à polícia.⁸⁴

Até mesmo à frente das corporações militares encontram-se relatos de capoeiras se divertindo ao som de banda, conforme narra o já anteriormente referido jornal.

Na ocasião em que passava, hontem as 9 ¾ da manhã, pelo Largo de S. Francisco de Paula, um batalhão de linha precedido por banda de música, a polícia filou Antonio Joaquim da Silva

⁸² TINHORÃO, José Ramos. História Social da Música Popular Brasileira. p. 193 e 194

⁸³ Jornal da Tarde. Rio de Janeiro 02 de maio de 1870. In:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=246875&pesq=banda%20de%20m%C3%BAica>
pesquisado em 19/05/2018

⁸⁴ Jornal da Tarde. Rio de Janeiro 9 de agosto de 1870 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=246875&pesq=banda%20de%20m%C3%BAica>
pesquisado em 19/05/2018

que na frente daquela ia fazendo tais evoluções conhecidas na arte de capoeiras que parecia um acrobata.⁸⁵

Vale aqui destacar que a figura do capoeira, bem como de outros atores sociais pertencentes às camadas populares, parece ter sido associada à vadiagem, à marginalidade e a um comportamento indesejado por parte das elites brasileiras, tanto durante o Império quanto no início da República e por consequência, sujeitos à intensa repressão policial que se estenderia por longos anos em que prevaleceu a discriminação contra essas pessoas chegando até mesmo aos dias atuais. A esse respeito escreve José Murilo de Carvalho:

Esta população poderia ser comparada às classes perigosas ou potencialmente perigosas de que se falava na primeira metade do século XIX. Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores e bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes (...). E é claro, a figura tipicamente carioca do capoeira, cuja fama já se espalhara por todo o país e cujo número foi calculado em torno de 20 mil às vésperas da República. Morando, agindo e trabalhando, na maior parte, nas ruas centrais da Cidade Velha, tais pessoas eram as que mais compareciam nas estatísticas criminais da época, especialmente às contravenções do tipo desordem, vadiagem, embriaguez, jogo.⁸⁶

Esse historiador afirma ainda que em 1890, das pessoas que haviam sido presas, 60% teriam sido enquadradas nesse tipo de “*Contravenções*”⁸⁷.

Por outro lado, ao se referir aos capoeiras de Recife, o historiador Israel Ozanam de Sousa Cunha, afirma que esses atores sociais no Recife eram “*moleques*”, diferente do que acontecia no Rio de Janeiro. Cunha cita Francisco Augusto Pereira da Costa que escreveu “(...) *o nosso capoeira é antes o moleque de frente da música, em marcha, armado de cacete, e a desafiar o partido contrário, que aos vivas de uns, e morras de outros, rompe hostilidades e trava lutas, de que não raro resultam ferimentos, e até mesmo casos fatais.*”⁸⁸

Tanto Carvalho quanto Cunha apresentam o capoeira numa perspectiva do socialmente marginalizado nos primeiros tempos da República, mas que

⁸⁵ Jornal da Tarde. Rio de Janeiro 5 de setembro de 1870 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=246875&pesq=banda%20de%20m%C3%BAsica> pesquisado em 19/05/2018

⁸⁶ CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. P. 18

⁸⁷ CARVALHO, Loc.cit

⁸⁸ CUNHA, Israel Ozanam de Sousa. Capoeira e capoeiras entre a Guarda Negra e a Educação Física no Recife. p. 162 e 163

seguia as bandas de música embalado pelo ritmo frenético dos dobrados por elas executado. Essas afirmativas levam a considerar o caráter popular que marca esses conjuntos que colaboram no sentido de democratizar a cultura e a música entre todos os segmentos da população.

1.5 As Bandas Militares na República e sua “missão civilizadora”: Levar Cultura e Educação para o povo?

Já no início da república, o músico e compositor Leopoldo Miguez, autor do *Hino da Proclamação da República*, e que se encontrava na direção do Instituto Nacional de Música, sendo ele um dos intelectuais ligados à “*Gazeta Musical*”⁸⁹, propôs ao governo que se realizassem reformas nas bandas militares do país, a partir da criação de uma instituição que se encarregaria da educação dos músicos das forças armadas, com o objetivo de controlar tanto a qualidade quanto o repertório das bandas de música pois considerava que estas constituíam muitas vezes a única experiência musical que era acessível a populações das mais remotas localidades do país.

É interessante observar essa preocupação de Miguez, percebendo que a banda de música, não só a militar, mas também as “Lyras” que existiam pelo interior do país, constituíam-se em uma espécie de “*reserva cultural*” já que para grande número de pessoas não era possível o acesso a salas de concerto, onde se apresentam as grandes orquestras. Assim a banda de música torna-se o elemento que vem popularizar a música, mesmo a erudita, levando através dos coretos em suas retretas domingueiras o acesso a apresentações musicais para as mais diversas camadas sociais, já que as praças onde se localizavam os coretos são espaço democrático para todos os tipos de público.

Segundo Clarissa Andrade, a “*Gazeta Musical*” considerava que para o Brasil se tornar uma nação civilizada era preciso que se educasse o povo para as artes. Ela afirma que aos olhos da gazeta musical parecia ser possível transformar o caráter do povo nos moldes de nações europeias como França e Alemanha. Sem dúvida, percebe-se a influência positivista no pensamento que norteava as publicações do periódico. A esse respeito escreve Andrade: “*O ideal*

⁸⁹ A “*Gazeta Musical*” foi um periódico especializado em Música que foi publicado no rio de Janeiro entre 1891 e 1893. In: ANDRADE, Clarissa L. B. A *Gazeta Musical* Positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil

*republicano, sobretudo o positivismo comtiano predominante no pensamento dos militares, políticos e intelectuais dos primeiros anos da República no Brasil, será o grande norteador dos discursos encontrados na Gazeta Musical*⁹⁰. ”

Andrade cita um trecho desse periódico que diz:

(...) precisamos ver que a banda militar não se destina apenas a fazer marchar soldados; ella tem um fim muito especial, muito necessário, muito merecedor da consideração dos nossos governos, qual, a educação musical do nosso povo. (...) Destacadas para todos os pontos da República, ellas são as encarregadas de modificar o gosto do público e dar-lhe a educação musical que elle não pode receber, por falta de centro artístico onde possa ouvir as grandes concepções musicaes. Na velha Europa há o maior cuidado na organização de boas músicas militares, por isso que os governos de lá compreendem, e bem, qual é a missão civilizadora dessas bandas.⁹¹

Esse pensamento característico da influência positivista que representou o marco referencial do movimento republicano brasileiro era o responsável por essa ideologia que apregoava a educação do povo, dentro de princípios de ordem e de disciplina, buscando referenciais em países europeus. Com a proclamação da República em 1889, não ocorreram efetivamente mudanças que levassem o povo a uma efetiva participação política. Ao contrário, o povo não adquiriu direitos políticos naquele momento, e o poder se manteve sob o controle das velhas elites rurais, agora tendo os militares como atores coadjuvantes. A esse respeito afirma José Murilo de Carvalho:

A noção positivista de cidadania não incluía os direitos políticos, assim como não aceitava os partidos e a própria democracia representativa. Admitia apenas os direitos civis e sociais. Entre os últimos, solicitava educação primária e proteção à família e ao trabalhador, ambas obrigação do Estado.⁹²

Princípios de progresso, modernidade e civilização eram as ideias que norteavam o pensamento republicano naqueles primeiros anos pós monarquia. Esses princípios impactaram também a música bem como as artes de modo geral. Segundo a Musicóloga Clarissa Lapolla Bonfim Andrade,

Na estética positivista, a inspiração artística vem do sentimento, tendo por base a razão; assim, a arte não se afasta da realidade definida pela ciência, e deveria “agir” politicamente, como uma espécie de idealização que ressaltasse os valores sociais e as pessoas consideradas modelos para a humanidade. Dessa

⁹⁰ ANDRADE, Clarissa L. B. A gazeta musical :positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil. p 30

⁹¹ Ibid. p.225

⁹² CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. p. 54

forma, o belo se subordinaria a uma noção de verdade (científica) a serviço do bem.⁹³

Dessa forma, o pensamento dos intelectuais do início da República no Brasil propunha um ideário no qual se justificava como uma espécie de “*missão civilizadora*” a atuação de bandas de música militares como divulgadoras de uma cultura que interessava aos positivistas inculcarem na população brasileira.

Entretanto, há que se considerar que não eram somente os conjuntos militares que se apresentavam nos coretos das praças. Havia por todo o país inúmeras bandas civis que também estavam presentes nas retretas domingueiras.

Segundo Tinhorão, no início do século XX, era costumeira a presença das bandas de música na animação de festas como por exemplo na Festa de Santa Rita no Rio de Janeiro. Esse estudioso da música brasileira afirma que, “*Postadas as bandas sobre os coretos armados com frente para a igreja, era costume, após a execução do primeiro número musical de cada banda, receber o mestre os cumprimentos do regente da outra.*”

E prossegue Tinhorão: “*O papel das bandas como divulgadoras da música popular não se restringiu ao Rio de Janeiro. Em São Paulo, segundo o pesquisador Aluísio de Almeida em seu estudo Folclore da Banda de Música, ‘a Banda da Polícia já era boa quando no Império, a Força Pública se chamava Corpo dos Permanentes.’ E acrescentava: ‘Nos primeiros anos da República, a banda de música da polícia ou da Força Pública de São Paulo tornou-se a melhor do Estado, sob a regência do maestro Antão.*”⁹⁴

Em meados da década de 1890, encontram-se no jornal Diário do Paraná referências a retretas realizadas por bandas de música militares também na capital do Estado, sendo muitas dessas apresentações realizadas no passeio público de Curitiba. Na edição de 31 de janeiro de 1897, esse periódico noticiava “*A banda de música do 13º regimento de cavallaria tocará no Passeio Público si o tempo permitir.*”⁹⁵ Uma semana mais tarde, no dia 7 de fevereiro, ocorreu outra

⁹³ ANDRADE, Clarissa L. B. A gazeta musical :positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil. p 190

⁹⁴ TINHORÃO, José Ramos. História Social da Música Popular Brasileira. p. 199

⁹⁵ Diário do Paraná. Curitiba 31 de janeiro de 1897 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761656&PagFis=105&Pesq=banda%20de%20musica> pesquisado em 10/05/2018

retreta no mesmo local, desta vez com a banda do 39º Batalhão de Infantaria. Passados mais sete dias, foi a vez de se apresentar no Passeio Público a banda do 6º Regimento de Artilharia. Ao que parece, a população curitibana comparecia com regularidade a essas retretas, e por acontecerem em um espaço de grande fluxo de pessoas, pode-se pensar que era de interesse do exército utilizar das suas bandas de música como forma de buscar uma aproximação com o povo nos anos que se seguiram à Proclamação da República.

Quatro anos mais tarde, podem-se encontrar no jornal Diário da Tarde notícias que demonstram serem frequentes entre os anos de 1901 e 1908 as referências a retretas realizadas por bandas militares em Curitiba. Durante esses anos realizaram-se mais de duas centenas de retretas, acontecendo a maioria delas na praça Tiradentes.

As primeiras notícias de retretas por bandas militares em Curitiba nesse período informam que essas apresentações se realizavam, pelo menos em 1901, em frente ao Quartel General, sendo grande a frequência de público. O Diário da Tarde de 16 de dezembro de 1901 traz a seguinte nota: *“Hontem a tarde duas bandas militares fizeram retreta a frente do quartel general determinando grande concurrencia de pessoas àquellas immediações.”*⁹⁶

A partir de 1903, encontram-se referências no mesmo jornal sobre as retretas realizadas já nas praças públicas de Curitiba. Esses momentos musicais vão ser celebrados com certa euforia nas páginas do já citado periódico. *“Os festejos deste anno em honra a memória do Marechal Floriano Peixoto vão consistir no seguinte: (...) A tarde na praça Tiradentes magnifica retreta pelas excellentes bandas do regimento de segurança, 13º e 14º de cavallaria.”*⁹⁷

Essas apresentações aconteceram também nas praças Ozório e Carlos Gomes. A edição de 28 de outubro de 1905 traz a informação de que o comandante do Distrito Militar havia determinado a realização das retretas pelas bandas aquarteladas em Curitiba todos os sábados. Assim noticiou o periódico: *“Praça Ozório – O sr. Comandante do Districto ordenou que uma banda militar*

⁹⁶ Diário da Tarde. Curitiba 16 de dezembro de 1901 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 10/05/2018

⁹⁷ Diário da Tarde. Curitiba 15 de junho de 1903 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 10 de maio de 2018

*toque todos os sabbados nesta praça. Assim, hoje, pela primeira vez ali irá fazer retreta das 5 ½ às 8 da noite a banda do 6º Regimento de Artilharia.*⁹⁸

Há uma nota curiosa publicada no Diário da Tarde, onde alguém que se identifica pelo pseudônimo “*Lápis*” traz comentários a respeito da necessidade de se divulgar antecipadamente o programa da retreta.

As bandas marciaes que fazem retreta à Praça Tiradentes, devem publicar sempre o programa das peças que pretendem executar. É medida que reclamamos a bem dos que ali vão, em geral pouco entendidos em negócios de colcheias e semifusas. D’ahi um supplicio terrível, um dédalo de conjecturas que torturam os pobres mortaes alheios à divina arte de Mozart (...) Rompe a banda um trecho de opera, começa o torniquete: de que ópera será isto? É a interrogação que surge e começam os palpites. É a interrogação que surge e começam os palpites.

- Isto é Norma, por força!
 - Qual Norma! Muito boa Somnambula! Ora escute...
 - Não pode ser; este pedaço é da Favorita. Conheço-o...
 - Esperem, já ouvi isto não sei onde...É da Bohême ou então da Traviata!...
 - Acho com mais geito do côro dos punhaes dos Huguenotes...
 - Não, nunca. Tem mais parecença como forte do Guarany.
 - O facto é que todos nós conhecemos muito bem essa música. Olhem este trinado, agora, é do 2º acto do Trovador...
- E os palpites vão num crescendo assustador, até qum enfim a banda cessa de tocar sem que os entendidos hajam dado com o busílis.
- Às vezes a cousa tem um desfecho comico: olhem, diz um do grupo, ali vem fulano (um competente) que nos vae por a história em pratos rasos.
- Ó fulano: de que opera o trecho agora executado?
 - Qual opera nem carapuça! Foi uma walsa de Waldteuffel!...

Lápis⁹⁹

A preocupação exposta no texto pode ser entendida dentro dos princípios preconizados pelos republicanos adeptos do positivismo como parte de um pretenso processo “civilizador” da nação brasileira, e que seria promovido dentro dos princípios norteadores do pensamento comteano. Esses princípios baseavam-se na ordem e na disciplina, mantendo submissas as camadas populares, e buscando a sua educação em moldes europeus conforme afirmação já mencionada do historiador José Murilo de Carvalho ao se referir que direitos políticos não estavam incluídos na noção positivista de cidadania no início da república no Brasil.

⁹⁸ Diário da Tarde. Curitiba 28 de outubro de 1905 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=7019&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018

⁹⁹ Diário da Tarde. Curitiba 27 de fevereiro de 1904 in: pesquisado em 10/05/2018 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=5496&Pesq=retreta> pesquisado em 10/05/2018

Nessa perspectiva é possível considerar que “*Lápis*” busca um tipo de ouvinte de música ideal, de caráter “educado” ou “civilizado” de acordo com os preceitos positivistas. Nesse sentido é interessante refletir sobre o aspecto social da música a partir do que escreve Vanda Freire:

(...) Adorno, citado por Candé (1981, p. 33) distingue em nossa sociedade oito tipos de comportamento musical, que podem, resumidamente, ser assim descritos: 1) o ouvinte ideal, a quem nada escapa, e a quem o compositor considera como o único que pode compreendê-lo perfeitamente, graças a uma ‘audição totalmente adequada’ e a uma ‘escuta estrutural’; 2) o bom ouvinte, aquele que também escuta algo mais que fenômenos sonoros sucessivos, compreendendo, perfeitamente, o sentido da música, embora de forma pouco consciente, por não ser um técnico; 3) o consumidor de cultura, tipo especificamente burguês, que tende, hoje, a substituir o bom ouvinte; 4) o ouvinte emocional, ao qual a música serve, essencialmente, para liberar os instintos habitualmente rejeitados ou reprimidos pelas normas sociais; 5) o ouvinte rancoroso, que faz do tabu imposto ao sentimento a norma de seu comportamento musical, sendo superficialmente não-conformista, refugia-se no passado, que ele imagina mais puro; 6) o ‘expert’ em jazz, que não é, necessariamente, um técnico, mas é, sempre, um especialista; 7) o ouvinte de música de fundo, totalmente submisso à pressão dos meios de comunicação de massa; 8) o a-musical, indiferente ou hostil, que é aquele a quem a música, é totalmente inútil ou incomoda¹⁰⁰.

Talvez, o autor da crônica busque o primeiro tipo de ouvinte acima citado, ou seja, aquele que se caracteriza como o ouvinte ideal, simbolizando o desejo dos pensadores positivistas da nascente República Brasileira. É esse ouvinte que o já citado Leopoldo Miguêz busca formar através da “*ação educativa*” das Bandas Militares.

Em 1905, passaram então a ser divulgados no jornal os programas das retretas realizadas por bandas militares em Curitiba. Na edição do diário da Tarde do dia 21 de janeiro daquele ano, a notícia referente à retreta a se realizar na praça Tiradentes já trazia o repertório que seria apresentado naquela ocasião.

PRAÇA TIRADENTES - Fará retreta amanhã nesse atrahente logradouro público a banda de música do 13º regimento de cavallaria, executando o seguinte programa: Anello de Ferro, symphonia, por Marques; Guarany, pout pourry, por Gomes; Muta di Pasci, symphonia, por Auter; Tosca, fantasia, por Puccini; Esperança, valsa por Metra; Laços de Amor, schotsch,

¹⁰⁰ FREIRE, Vanda Bellard. Música e Sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música. p. 18

por N.; Assai Carina, polka, por Pepe; Passagem do Regimento, marcha, por Cerveley.¹⁰¹

A divulgação dos programas a serem apresentados pelas bandas nas retretas pode dar uma ideia dos gêneros musicais levados a público por esses conjuntos.

Durante esse período, as bandas de música militares sediadas na capital paranaense que se apresentavam para o público foram do 6º Regimento de Artilharia, do 13º Regimento de Cavalaria, do 14º Regimento de Cavalaria, do 39º Batalhão de Infantaria e ainda a banda de música do Regimento de Segurança.

Percebe-se que a presença das bandas de música na cultura popular brasileira se manteve desde as “bandas de fazenda”, passando pela “Música de Barbeiros” e chegando às retretas ou outras apresentações das bandas de música civis ou militares, seja durante o Império, seja no início da República.

Assim parece ficar evidenciada a criação de uma tradição desses conjuntos na vida cultural do país.

O papel da música, apresentado nesse capítulo, reflete a sua inserção no momento histórico tanto do período colonial, passando pelo Império e chegando ao início da República onde o fazer musical se mistura ao cotidiano dos atores sociais. Segundo Freire, a música pode ser pensada “ (...) *como um elemento condicionado socialmente e condicionante da sociedade na qual está inserido, num processo de constante interação dialética e recriação permanente*¹⁰².” Partindo deste pressuposto, as bandas de música podem ser consideradas parte integrante da cultura popular brasileira, participando dos mais diversos momentos vividos pela sociedade e estando em processo de constante ressignificação.

Em Ponta Grossa, as bandas de música vêm desde as últimas décadas do século XIX se constituindo em um elemento sempre atuante no meio cultural, levando à população o entretenimento, o lazer, o acesso a uma expressão das artes. Foram organizados diversos conjuntos dessa natureza durante mais de

¹⁰¹ Diário da Tarde. Curitiba 21 de janeiro de 1905 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=6429&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018

¹⁰² FREIRE, Vanda Bellard. Música e Sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música. p. 21

um século na cidade, desde que Joaquim José de Camargo fundou a primeira dessas bandas conhecida simplesmente como “*Banda do seu Camargo*” ainda em 1874. Conviveram e até mesmo rivalizaram bandas civis como a “*Lira dos Campos*” e a “*Aurora Pontagrossense*”. Formaram-se outras agremiações musicais como a Banda “*Santa Cecília*”, a “*Euterpe Pontagrossense*”, a “*União e Recreio*.” Além das bandas civis, Ponta Grossa contou com duas bandas de música militares. Entre 1910 e 1917 a banda do 5º Regimento de Infantaria, e posteriormente a partir de 1923 com a banda do 13º Regimento de Infantaria, que até os dias atuais permanece na cidade. Essa tradição se manteria viva ainda com a “*Banda Escola Lyra dos Campos*”, fundada em 1952.

CAPÍTULO II

2. A Tradição das Bandas em Ponta Grossa

2.1 Ponta Grossa: A cidade “Princesa dos Campos”

Ponta Grossa nasceu como local de passagem e pouso de tropas de muares que seguiam pelo Caminho do Viamão em direção à Feira de Sorocaba, e desenvolveu-se alcançando um intenso processo de urbanização a partir da última década do século XIX com a chegada da ferrovia.

Desde as últimas décadas do século XIX, Ponta Grossa passava por um momento de intenso crescimento urbano e populacional, especialmente a partir da chegada da ferrovia, tendo sido inaugurado o prédio da Estação Paraná, que atualmente abriga a “Casa da Memória”, em março de 1894¹⁰³. A instalação da ferrovia parece ter sido fator determinante para impulsionar o desenvolvimento urbano e econômico da cidade pois, ao que parece, o transporte ferroviário àquela época se constituía em eficaz meio para o escoamento de produtos, bem como para o transporte de passageiros. Afirma Monastirsky que *“a instalação do complexo da ferrovia em Ponta Grossa determinou a configuração da estrutura urbana da cidade.”*¹⁰⁴ Esse mesmo pesquisador apresenta também como consequência da instalação da rede ferroviária um forte impulso social e econômico.

A atividade comercial, aliada à localização geográfica estratégica, que sempre foi o referencial econômico da cidade desde sua origem, dinamizou-se com o transporte ferroviário. As transformações socioeconômicas, até então lentamente ocorridas, sucederam-se de forma dinâmica, ampliando a configuração urbana¹⁰⁵.

Na cidade em que o as transformações urbanas e sociais pareciam chegar com o trem, já no início do século XX, havia teatro, cinema e, desde 1907, Ponta Grossa passaria a contar com um jornal, inaugurado com o nome significativo de *“O Progresso”*, talvez numa alusão ao sentimento de euforia que tomava conta

¹⁰³ MONASTIRSKY, Leonel B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, Carmencita H. M. e SAHR, Cicilian Luiza L. Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais. p. 41

¹⁰⁴ Ibid. p. 40

¹⁰⁵ Ibid. p. 41

do imaginário da população. Esse jornal seria rebatizado em 1913 como *“Diário dos Campos”*, permanecendo em circulação até os dias atuais.

Sobre essas mudanças que aconteciam na cidade nesse contexto de um processo modernizante, escreve o historiador Niltonci Batista Chaves (2001):

“A Nova Ponta Grossa’, como foi chamada por Nestor Vitor, havia passado por um período de mudanças entre o final do século XIX e o início do século XX, assumindo uma posição de destaque nos Campos Gerais.¹⁰⁶”

A afirmação de Chaves corresponde às ideias de progresso presentes na leitura que os ponta-grossenses faziam da cidade e que se difundiu não só entre a população de Ponta Grossa, mas que conforme escreve esse historiador seria também partilhada por viajantes que passavam pela “Terra Pitangui”, como Nestor Vitor.¹⁰⁷

Segundo Guisela Frey Chamma, *“Ponta Grossa, no final do século XIX progrediu consideravelmente no comércio, atraindo compradores do planalto Guarapuavano e da região de Palmas.”*¹⁰⁸

Esse processo modernizador da cidade fez surgir as primeiras indústrias e dinamizou o comércio, fazendo com que a economia princesina alcançasse grande desenvolvimento, instalando-se na cidade inúmeras empresas conforme se refere a Historiadora Aída Mansani Lavalle quando escreve: *“As indústrias que foram organizadas a partir de iniciativas de imigrantes alemães ou seus descendentes eram numerosas na cidade, já a partir da segunda metade do século XIX.”*¹⁰⁹

Dentre os símbolos de modernidade que marcaram a cidade no início do século XX Chaves destaca:

A ‘Nova Ponta Grossa’ (...) disponibilizava aos seus habitantes inúmeros símbolos da modernidade capitalista do período. A eletricidade, a telefonia, as ruas calçadas, os automóveis, os cinemas, as praças, as casas comerciais, as indústrias e, principalmente a ferrovia compunham o conjunto de elementos da ‘modernidade’ existentes na cidade¹¹⁰.

¹⁰⁶ CHAVES, Niltonci B. A cidade civilizada. p. 7

¹⁰⁷ Ibid

¹⁰⁸ CHAMMA, Guisela V. F. Ponta Grossa: a cidade, o povo e o poder. p. 43

¹⁰⁹ LAVALLE, Aída Mansani. Germânia – Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. p. 34

¹¹⁰ CHAVES, Niltonci B. A cidade civilizada: cultura, lazer e sociabilidade em Ponta Grossa no início do século XX. p.65 in: DITZEL, Carmencita H. M. e SAHR, Cicilian Luiza L. Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais.

Nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, a cidade já contava com a olaria dos Irmãos Albach e Hilgemberg; curtume dos Irmãos Holzmann; as fábricas dos Justus, dos Hilgemberg e dos Schnekenberg, que produziam banha, defumados e linguiça.¹¹¹ Contava ainda com a Cervejaria de Henrique Thiellen, entre outros estabelecimentos ligados à indústria e ao comércio. Desde a década de 1870 que marcou a vinda de imigrantes para Ponta Grossa, encontra-se também a indústria alimentícia se instalando na cidade, Segundo LAVALLE, entre 1911 e 1914 a cidade já contava com as Fábricas de Macarrão de Dante Mansani e Vicente Motti, e com as Fábricas de bombons de Eugênio Gambassi, Alcebíades Guimarães e também de Vicente Motti. Havia ainda na cidade fábricas de salsicha, de gasosa, de sabão e de velas, engenho a vapor e serra, e fábrica a vapor de torrar café.¹¹² A cidade contava também com seis hotéis.¹¹³

As percepções de “*progresso*” da cidade por seus habitantes, aparecem nas páginas do jornal Diário dos Campos especialmente durante as comemorações do centenário de emancipação política da cidade. Os textos publicados no referido periódico exaltam o desenvolvimento urbano e econômico da cidade como no texto de José Cadilhe que diz:

(...) Em cem annos de vida Ponta Grossa alcançou o posto de segunda cidade do Paraná. Não arrefece a sua marcha. Dia a Dia as suas forças ganham novo impulso, a sua energia redobra, as suas possibilidades augmentam, rasgam-se-lhe novos horizontes numa ascensão triumphante. É a terra do porvir. Em sonhos a contemplo. Decorridos, alguns annos aqui estará, campinas conquistadas que se transformaram em amplas avenidas cheias de sol e de vida; a população numerosa, entregue ao trabalho fecundo e rumoroso, dando exemplos de esforço e intelligência na grande luta das competições hodiernas.(...).¹¹⁴

No campo da cultura, a cidade contava já nas primeiras décadas do século XX com três cineteatros: o Recreio, a partir de 1906, e o Renascença e o Éden a partir de 1911, além do teatro Santana. Como esses cinemas não funcionavam somente como salas de projeção, mas também como teatros, ou seja, constituindo-se num espaço cultural de maior amplitude, aconteciam nesses

¹¹¹ CHAMMA, Guisela V. F. Ponta Grossa: a cidade, o povo e o poder. p. 45

¹¹² LAVALLE, Aída Mansani. Um clube na colina: o Clube Ponta Lagoa. p. 58

¹¹³ Ibid. p. 59

¹¹⁴ Diário dos Campos. Ponta Grossa 18 de setembro de 1923

locais diversas atividades culturais tais como concertos, operetas, teatro de revista, espetáculos diversos. O jornal “O Progresso” divulgava em suas edições a programação desses teatros e cinemas em uma coluna que possuía esse título. Na edição de 18 de janeiro de 1912 esse periódico publicou:

RECREIO. Esse cinema funcionou terça-feira com escolhido programma e com boa concorrência. Hoje funcionará elle, fazendo passar por sua tela magníficos <films>, entre os quaes o da recepção do sr. dr. Carlos Cavalcanti em Curityba e Paranaguá. Fazem parte ainda do seu programma os seguintes <films>: Mazzarino, Capuz preto, Doge e Dogressa, Poder de mulher, Mona Lisa, Vida a bordo na esquadra italiana e o Rubi. RENASCENÇA. Deu terça-feira, esse cinema concorrida sessão, fazendo passar bons <films>. Para hoje organizou elle escolhida programma de onde se destaca o <film> diário de uma princesa. Hoje também, neste theatro, o excursionista francez Franc Noral, fará uma conferencia illustrada.

SANT’ANNA. Hontem e ante-hontem, a Companhia Luso-Brasileira levou, neste theatro, os esplendidos vaudevilles <alegrias do lar> e <O Papão> - representações que agradaram bastante a nossa plateia. Foram eles dedicados aos clubs Pontagrossense e Litterário e Centro Commercio e Industria, pelos artistas Germano Alves e Ernesto Lousada em benefício de quem eram esses espectaculos. Hoje, a Companhia representará, a pedido, <As Duas Orphãs, espectaculo que é em benefício dos artistas Antonietta Cancelli e Ribeiro Cancelli, e dedicado à classe comercial e aos funcionarios estaduais e federaes.¹¹⁵

A programação dos cinemas e teatros apresentada no jornal faz pensar que havia publico suficiente na cidade para que esta comportasse essas casas de espetáculo, e pelo relato parece que todas elas eram consideravelmente frequentadas. Percebe-se ainda a diversidade na programação, atendendo a diferentes gostos ou interesses por parte do público frequentador, o que permite entender que a cidade contava com bons e variados espaços culturais.

Neste contexto econômico, cultural e social, característico de uma cidade que se compreendia em franco desenvolvimento, onde a percepção que se tinha era de *ares de modernidade*, é que se pretende destacar sua história cultural que tem como uma de suas marcas indeléveis a presença das Bandas de Música abrilhantando festividades cívicas ou religiosas e proporcionando entretenimento à população através de concertos, retretas, desfiles e outras apresentações.

Entretanto, vale destacar que as bandas de música não proporcionavam apenas entretenimento, mas como agentes culturais proporcionam o prazer

¹¹⁵ Jornal “O Progresso”. Ponta Grossa 18 de janeiro de 1912

estético que a música oferece, estabelecem uma forma de comunicação com seus ouvintes, contribui para a integração da sociedade, faz emocionar.

Para melhor compreender essa dinâmica cultural da cidade e a participação das bandas de música nesse processo formando uma identidade cultural, buscou-se entender o papel desempenhado pela “velha” banda Lyra dos Campos e pela banda de música do 13º Regimento de Infantaria desde o final do século XIX até a década de 1930, e que se estenderá enquanto tradição após a década de 1950.

2.2 O começo de uma Tradição: a “velha” Banda Lyra dos Campos e suas bandas rivais

Na segunda metade do século XIX, tornou-se comuns nas cidades do interior a presença de bandas de música civis, que ficariam conhecidas como “*liras*”, “*euterpes*” ou “*filarmônicas*”. Esses conjuntos musicais, muitas vezes com características semelhantes às bandas militares, que vão desde sua organização para entrar em forma, repertório e uniformes, difundiram-se por todo o Brasil, o que não foi diferente em Ponta Grossa. A historiadora Manuela Areias Costa afirma que

(...) as bandas civis oitocentistas se apropriaram de elementos típicos de bandas de corporações militares. Talvez um dos sinais mais visíveis desta apropriação está nos uniformes, instrumentos e repertórios utilizados pelas bandas civis. Seus uniformes lembram as fardas militares, a instrumentação se associa aos instrumentos utilizados pelas bandas militares, pois possuem capacidade de projeção em ambientes abertos e podem ser tocados por músicos em movimento, e seu repertório é marcado por marchas.¹¹⁶

Com relação ao perfil dos músicos que formavam as bandas civis, a referida historiadora escreve:

As bandas civis, ou bandas Sociedades Musicais, constituem-se em organizações privadas, com atividades não remuneradas, reunindo pessoas das camadas mais baixas da sociedade local. No passado, seus componentes foram escravos ou alforriados e, posteriormente, passaram a ser lavradores, mecânicos, escrevães, operários de fábricas, artesãos, barbeiros, militares reformados ou funcionários aposentados. Nas diretoras, ao

¹¹⁶ COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civil e suas apropriações militares. P. 241 in: Tempos Históricos. Volume 15, 1º semestre de 2011 <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5707/4284>

contrário, era comum a presença de pessoas “ilustres” da comunidade, principalmente políticos¹¹⁷.

Certamente na Lyra dos Campos a realidade não foi diferente. O perfil desses músicos aponta para sua origem nas camadas populares de Ponta Grossa. O primeiro fundador da banda, “Juca Godoi”, é citado por Holzmann como “Nho Juca Sapateiro.¹¹⁸” Esse mesmo autor também ao se referir aos músicos que integraram a “Lyra” apresenta profissões como a de gráfico¹¹⁹, alfaiate¹²⁰, comerciante¹²¹.

Ainda, no que diz respeito às apropriações pelas bandas civis em relação aos seus congêneres militares, Vinicius Mariano de Carvalho afirma que

Notamos a relação de dupla troca que se estabeleceu a partir da guerra do Paraguai no que diz respeito às bandas de música. Enquanto os músicos civis levaram a música popular para o campo de batalha (e para as bandas militares), ao retornarem traziam consigo o ethos militar, militarizando de certa forma as bandas civis, que passavam a portar uniformes, marchando em forma, realizando ordem unida, enfim, como diz Peixoto, uma tropa. O repertório é outro elemento afetado por essa relação civil/militar. Bandas civis incorporam as marchas e dobrados aos seus repertórios e as bandas militares tocam indiscriminadamente repertório de música popular, danças etc., sem estranhamentos¹²².

Entretanto, ao estudar as bandas de música civis, mais do que suas características como as já acima citadas, percebe-se o importante papel relacionado aos aspectos social e cultural que desempenharam esses conjuntos em suas comunidades, levando através da música cultura, lazer e entretenimento para uma grande parcela da população, especialmente numa época em que o rádio, a televisão e mais do que isso a *internet* ainda não existia. Afirma Manuela Areias Costa que

Ao longo do século XIX, as bandas passaram a desenvolver uma música para as grandes massas, através de apresentações em praças públicas, sem vinculação direta com as festas oficiais,

¹¹⁷ COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. P. 241 in: Tempos Históricos. Volume 15, 1º semestre de 2011 <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/5707/4284>. P. 59

¹¹⁸ HOLAMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 134

¹¹⁹ Ibid. p. 104

¹²⁰ Ibid. p. 96

¹²¹ Ibid. p. 96

¹²² CARVALHO, Vinicius Mariano de. A música militar na Guerra da Tríplice Aliança. p. 29

disseminando, desta forma, um tipo de música acessível ao grande público.¹²³

Essa capacidade de alcançar um grande público faz das bandas de música instituições veiculadoras de um tipo de produção cultural de caráter popular, e que se configurou com o tempo uma “*tradição*” em Ponta Grossa, iniciada quando a cidade ainda contava com aproximadamente 4.000 habitantes conforme relatou o viajante inglês Thomas P. Bigg-Wither, em sua visita à província do Paraná entre 1872 e 1875.

É nessa Ponta Grossa oitocentista que diversos conjuntos desse gênero se formaram desde o último quartel do século XIX, mais especificamente a partir de 1874, ou seja, as Bandas de Música, já se faziam presentes na vida cultural da Princesa dos Campos desde aquele período, dando início a essa tradição cultural, bem como contribuindo para a formação de uma identidade que faz parte da história da cidade, e por que não dizer constituindo-se com a passagem do tempo, em patrimônio cultural imaterial de Ponta Grossa.

Conforme escreve a pesquisadora Karina Barra Gomes:

Há uma tradição e uma memória que são transmitidas de geração em geração no espaço social da banda, entre os músicos de diferentes faixas etárias, o que tem possibilitado a permanência desta manifestação na cultura brasileira.¹²⁴ (GOMES, 2008, P. 11)

Portanto, esta tradição da presença das bandas de música numa cidade como Ponta Grossa se constitui em um componente formador de uma identidade local bem como um importante elemento do patrimônio cultural imaterial, pois de acordo com as afirmativas de Urias e Flecha,

O patrimônio cultural imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade¹²⁵.

¹²³ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 53

¹²⁴ GOMES, Karina Barra. E hoje quem é que vê a banda passar? Um estudo de práticas políticas e culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes. p. 11

¹²⁵ URIAS, Patrícia e FLECHA, Camila. A Banda de Música como um importante instrumento de educação patrimonial: um estudo sobre a Corporação Musical Nossa Senhora do Bom Sucesso da cidade de Caeté/MG in:

Partindo da afirmação dessas pesquisadoras, fica evidenciado que as bandas de música são parte integrante do patrimônio cultural imaterial de Ponta Grossa, tendo em vista que desde as últimas décadas do século XIX, essas bandas se sucederam na cidade, dando continuidade a esta tradição ao longo de mais de um século.

Sobre a presença das bandas de música em Ponta Grossa, ainda nas décadas finais do século XIX, conta Epaminondas Holzmann que o primeiro conjunto desse gênero de que se tem notícia na *“Terra Pitangui”* foi a Banda do *“seu Camargo”*, organizada por Joaquim José de Camargo, tabelião que havia chegado à cidade em 1862, sendo este auxiliado por seu irmão Manoel de Camargo na organização da banda pelos idos de 1874. Segundo Holzmann, com a morte de Camargo, o conjunto musical se desfez, sendo revitalizado posteriormente por Joaquim José de Camargo Junior, filho do falecido maestro já no ano de 1879¹²⁶.

Ainda naquele ano, José Vieira de Godói, conhecido popularmente como o *“Juca Godói”*, fundava outra Banda de Música na cidade, A *“Lira dos Campos”*, que rivalizaria por longo tempo com a *“Banda do Seu Camargo”* e mais tarde com *“Aurora Pontagrossense”* dirigida por Manoel Cirilo Ferreira.

Vale destacar que a presença dessas corporações musicais era uma característica marcante em muitas cidades pelo interior do Brasil, conforme escreve a historiadora Manuela Areias Costa ao citar Tinhorão¹²⁷ que tece considerações sobre as bandas civis ainda no século XIX:

“(…) foi no século XIX que o campo da produção musical se constituiu de maneira bastante consolidada ‘pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas bandas municipais ou líras formadas por maestros interioranos, nas cidades menores’.

Assim, músicos amadores, desejosos de desenvolver em suas cidades a arte musical buscaram formar suas bandas como foi o caso de Joaquim José de Camargo e de José Vieira de Godoi em Ponta Grossa. Esses músicos, ou

http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/194 acessado em 15 de maio de 2018

¹²⁶ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 80 e 81

¹²⁷ TINHORÃO, José Ramos. P. 139 in: COSTA, Manuela Areias. Musica e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. p. 5

maestros, eram em sua maioria autodidatas, pessoas comuns que cultivavam o gosto pela música. Dedicavam-se ao aprendizado e ao ensino prático para outros iniciantes.

Com relação ao perfil profissional dos músicos, parece haver uma diversidade bastante considerável. Epaminondas Holzmann refere-se a Joaquim José de Camargo como sendo Tabelião, enquanto José Vieira de Godói era sapateiro, conhecido inclusive pela alcunha “Juca Sapateiro”¹²⁸. Podem ainda ser citados Jacob Holzmann alfaiate e mais tarde empresário,¹²⁹ João Antunes de Oliveira, gráfico¹³⁰, Manoel Cirilo Ferreira, funcionário público municipal, coletor federal e advogado¹³¹. Percebe-se assim, através desses músicos acima citados, que profissionais de diferentes áreas atuavam no meio musical em Ponta Grossa, embora não se utilizassem da música como suas profissões ou fonte de renda. É preciso considerar que profissionalmente, a música no Brasil não contava e continua ainda nos dias de hoje não contando com políticas de valorização para seus profissionais. Assim percebe-se que desde o período colonial a música era produzida pelos atores sociais das camadas populares que não tinham seu trabalho valorizado, ou por diletantismo, como se percebe no texto de Holzmann sobre os músicos da Lyra dos Campos.

Quanto ao aprendizado da música, é preciso considerar que uma cidade como Ponta Grossa no final do século XIX, ainda era desprovida de escolas específicas, sendo o ensino transmitido em espaços informais. Epaminondas Holzmann, ao narrar a trajetória de Jacob Holzmann na música, no capítulo “A *Batuta*” refere-se a este como iniciado na arte musical pelo alfaiate “*Seu Silvério*”, com quem também aprendeu o ofício de alfaiate.¹³²

Como se pode perceber, essas Bandas de Música eram formadas por músicos amadores que tinham grande paixão pela “*arte de Euterpe*”¹³³ e esmeravam-se no domínio de seus instrumentos, sendo muitas vezes autodidatas. Entretanto, muitos desses músicos apesar de não possuírem

¹²⁸ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 80

¹²⁹ Ibid. p. 80 e 265

¹³⁰ Ibid. p. 263

¹³¹ FONTES, Luísa C. dos Santos, CHERES, Luiz F. e ZAN, Sérgio M. (org.). Biobibliografia: Academia de Letras dos Campos Gerais. p. 214

¹³² HOLZMANN, op. cit. p. 79 E 80

¹³³ Euterpe na mitologia grega é a Musa da Música.

formação acadêmica, não terem frequentado um conservatório tornaram-se excelentes instrumentistas, arranjadores e maestros. Afirma Costa que:

Durante o século XIX e XX, (a banda) contribuiu para a formação de capacitados músicos, destinados às orquestras e à evolução de vários gêneros em voga no período (...).¹³⁴

Os músicos ponta-grossenses não fogem dessa característica. Sobre José Vieira de Godoi, fundador da *Lyra dos Campos*, em artigo publicado na edição de 7 de setembro de 1922 do jornal *Diário dos Campos*, Jacob Holzmänn escreveu: “(...) músico feito pelo esforço próprio, mas de qualidades musicais raras. Até hoje ainda não vimos músico tirar sons mais perfeitos que elle, em instrumentos de metal.”¹³⁵

2.3 A Banda Lyra dos Campos como agente cultural e suas participações em diversos momentos da vida princesina: rivalidades, resiliência e presença.

Em uma época em que as festas religiosas promovidas pela igreja Católica eram os grandes eventos sociais de uma cidade como Ponta Grossa, tanto a “*Lyra dos Campos*” quanto a “*Banda do Seu Camargo*”, se empenhavam por ser a detentora do direito à primazia no coro da Igreja Nossa Senhora do Rosário, já que naquele momento, era motivo de honra ser a escolhida para as tocatas nas missas e ofícios religiosos. Isso significava prestígio, e a disputa por esse privilégio acabou gerando uma intensa rivalidade entre as Bandas, chegando algumas vezes às raias da violência, semelhante ao que lamentavelmente ainda ocorre em pleno século XXI entre torcidas de times de futebol.

Na obra “*Cinco Histórias Convergentes*”, encontra-se a seguinte narrativa a esse respeito: “*E se a rivalidade no tempo de Juca de Godói e Nhô Quim Camargo era ferrenha, a competição entre a Aurora Pontagrossense e o conjunto do Jacob chegou ao paroxismo, tomando até caráter político.*”¹³⁶

A situação mais grave ocorrida nesse período parece ter sido o confronto durante um espetáculo circense, quando da última apresentação da temporada

¹³⁴ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 54

¹³⁵ *Diário dos Campos*, Ponta Grossa 7 de setembro de 1922

¹³⁶ HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. p. 87

do Circo Temperany na cidade. Naquela ocasião os apoiadores da “Lyra” e da “Aurora” chegaram às vias de fato, devido à atitude do maestro da Aurora Pontagrossense que não dava espaço para que a Lyra dos Campos apresentasse seus números musicais. Esse episódio é narrado por Epaminondas Holzmann que afirma:

(...) Num pandemônio maluco, no mesmo instante os apreciadores de uma outra filarmônica se engalinharam aos socos e pontapés, e nem as mulheres deixaram de arrancar os cabelos umas das outras... Um conflito horrível, que teve como consequência roupas esfrangalhadas, faces arranhadas e cabeças quebradas!¹³⁷

Pelo relato de Holzmann, percebe-se, portanto, que a rivalidade das bandas extrapolava o campo da arte numa intensa rivalidade em que se exaltavam paixões por uma ou outra banda.

Na edição do Diário dos Campos de 7 de setembro de 1922, Jacob Holzmann, ao rememorar a trajetória musical da cidade escreve:

(...) A banda velha esteve sozinha até 1887, quando surgiu a <Aurora Pontagrossense>, dirigida pelo snr. Manoel Cirillo Ferreira, actual secretário da Prefeitura. Esta corporação foi inaugurada em 13 de Junho de 1887, na festa de S. Antonio, em casa do venerando snr. Antonio Peixoto. Com o aparecimento da banda nova, cada partido teve a sua música. Naqueles tempos havia mais política com as bandas musicais do que com a política verdadeira. Seguiu-se uma luta agitada por alguns annos. (...)¹³⁸

Quando da visita do Bispo da Diocese de São Paulo, à qual estava subordinada a Paróquia de “*Nossa Senhora Santana*” de Ponta Grossa, foi realizado um concurso entre as bandas “*Lyra dos Campos*” e “*Banda do Seu Camargo*”, e o primeiro lugar conquistado pela “*Lyra*”, valeu a seu maestro José Vieira de Godoi, o título de “*Mestre de Capela*”¹³⁹, passando a banda vencedora a ter o direito de primazia de tocar na igreja¹⁴⁰. Entretanto, a rivalidade que havia entre as duas bandas fez com que o regente da banda perdedora, Joaquim José de Camargo Júnior, conseguisse a anulação do concurso¹⁴¹. Pode-se pensar que essa disputa reflete a importância desses conjuntos musicais na cidade, e a

¹³⁷ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes.. p. 90

¹³⁸ Diário dos Campos. Ponta Grossa 7 de setembro de 1922

¹³⁹ MESTRE DE CAPELA: Músico encarregado de organizar a orquestra e o coro durante as funções religiosas, podendo ser o organista e compositor(...). in: ANDRADE, Mário. Dicionário Musical Brasileiro. p. 332

¹⁴⁰ HOLZMANN, op. cit. p. 81

¹⁴¹ Ibid. p. 82

busca por ocupar um lugar de destaque na preferência da população em uma época em que as possibilidades de lazer e entretenimento eram bem mais restritas, o que fazia, sem dúvida, com que as bandas de música gozassem de grande prestígio.

Segundo Jacob Holzmann, *“naquelles tempos havia mais política com as bandas musicas do que com a política verdadeira. Seguiu-se uma luta agitada por alguns anos.”*¹⁴²

Esses acontecimentos, entretanto, devem ser observados conforme já foi dito anteriormente, levando-se em consideração a importância que era dada às Bandas de Música e o papel relevante que tinham para com a sociedade, onde ainda não se contava com as modernas mídias como televisão, rádio, e muito menos a *internet*, sendo a música importante fonte de entretenimento e sociabilidade para a população.

Nesse sentido, afirma Bucholdz que: *“Numa sociedade ainda sem a influência dos meios de comunicação de massa, o papel social ocupado pelas Bandas no entretenimento da população era significativo.”*¹⁴³

Compreende-se, assim, que em todos os eventos importantes da cidade, desde as festas religiosas, procissões, ou missas, passando pelas comemorações cívicas, desfiles e chegando às retretas na praça animando o *footing*, a banda de música sempre se fez presença indispensável marcando de certa forma a identidade ponta-grossense, e tornando as bandas de música parte do patrimônio cultural imaterial, conforme afirma Karina Barra Gomes quando escreve que, *“(...) em se tratando da tradição das bandas civis, podemos verificar que a cultura, as práticas sociais e a identidade que este patrimônio mantém são ímpares, não existem em outras manifestações da cultura popular*¹⁴⁴. ”

Apesar da grande rivalidade entre esses conjuntos, em meados da década de 1880, as duas bandas se desfizeram, a do *“Seu Camargo”*, devido à mudança de cidade por parte dos irmãos Camargo e a *“Lyra dos Campos”* por falta de estímulo¹⁴⁵.

¹⁴² Diário dos Campos, Ponta Grossa 7 de setembro de 1922

¹⁴³ BUCHOLDZ, Alessandra. Diário dos Campos: Memórias de um jornal centenário. p. 20

¹⁴⁴ GOMES, Karina Barra. E hoje, quem é que vê a banda passar? Um estudo de práticas e políticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes. p. 13

¹⁴⁵ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco histórias Convergentes. p. 82

Embora enfrentassem dificuldades, foi constante o esforço para a manutenção das bandas. Assim, José Vieira de Godoi decidiu reunir novamente a Lyra dos Campos em 1887, e no mês de junho daquele mesmo ano, Manoel Cirilo Ferreira fundava a banda “*Aurora Pontagrossense*” reascendendo a antiga rivalidade em relação à “*Lyra dos Campos*”. A cidade parecia viver um novo impulso na sua vida musical, entretanto, um ano mais tarde Godoi deixou a banda que se desfez, voltando a ser reorganizada por Jacob Holzmänn em 1896.

Epaminondas Holzmänn narra que o instrumental da banda encontrava-se bastante desgastado sendo necessário adquirir instrumentos novos. Assim, a importância dada a esses conjuntos musicais levou a comunidade “*princesina*” ainda naquele ano de 1896 a auxiliar financeiramente na aquisição dos novos instrumentos para a Banda “*Lyra dos Campos*”. O Maestro Jacob Holzmänn partiu então para São Paulo acompanhado por Diogo Penteado, Vitor Antônio Batista e Theodoro Batista Rosas, para adquirir os referidos instrumentos musicais¹⁴⁶.

Conta ainda Epaminondas Holzmänn que o grupo viajou até Sorocaba levando uma tropa de mulas que foram vendidas naquela localidade e posteriormente rumaram de trem para a capital paulista onde o maestro realizou a compra do instrumental destinado à “*Lyra*”. Holzmänn afirma ainda que o retorno foi feito através de um navio que partiu do Porto de Santos em direção ao litoral paranaense.¹⁴⁷

O fato de a população princesina mobilizar-se no sentido de arrecadar fundos para a aquisição de instrumentos musicais para a “*Lyra dos Campos*” vem demonstrar de forma inequívoca a importância dada pela população a esses conjuntos musicais.

¹⁴⁶ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco histórias Convergentes. p. 84

¹⁴⁷ HOLZMANN, Loc. cit



Figura 1 - Banda Lyra dos Campos - 1923 - Acervo Família Holzmann

2.4 Instrumentos Musicais da Banda

Observando a foto acima, é possível verificar a formação da banda no ano de 1923, composta por 26 integrantes e mais o maestro. O instrumental utilizado pela banda ainda característico das agremiações musicais das últimas décadas do século XIX e primeiras duas décadas do século XX, é formado basicamente por instrumentos de sopro (subdivididos em madeiras ou palhetas e metais) e instrumentos de percussão.

Na primeira fileira, sentados, estão as madeiras ou instrumentos da família das palhetas, sendo possível observar no sentido da esquerda para a direita um flautim, uma requinta, e cinco clarinetas soprano; na segunda fileira, o maestro empunha sua batuta, seguido por três trompetes, duas trompas e um bombardino; na terceira fila, vê-se um trombone, dois barítonos, e mais duas trompas; na última fileira, os três primeiros músicos da esquerda para a direita parecem ser percussionistas, possivelmente pratos, bombo e caixa; na sequência, há mais um trombone e duas tubas (helicon). Já os dois meninos que se encontram sentados no chão por não portarem instrumentos, provavelmente faziam parte da percussão que poderia contar com outros instrumentos como

caixa surda, pandeiro, triângulo, entre outros, utilizados para determinar o ritmo e a cadência.

Vale destacar que os instrumentos musicais possuem uma classificação estabelecida por Hornbostel-Sachs, em cinco categorias: aerofones, cordofones, membranofones, idiofones e eletrofones. Esta classificação foi feita a partir da forma como o som é produzido em cada uma das categorias. O pesquisador Rui Pedro Heitor Alves Rolo, descreve essa classificação da seguinte forma:

“Aerofones – O som é produzido por uma massa de ar originada no (ou pelo) instrumento.

Cordofones – O som é produzido por uma corda tensa.

Membranofones – O som é produzido por uma membrana esticada.

Idiofones – O som é produzido pelo próprio corpo do instrumento, feito de materiais elásticos, naturalmente sonoros, sem estarem submetidos a tensão.

Mais tarde, com o advento dos instrumentos eletrônicos, passou a considerar-se uma quinta categoria: Electrofones – o som é produzido a partir de uma variação de intensidade de um campo electromagnético (...).¹⁴⁸”

Todos os instrumentos de sopro da banda, sejam eles flautim, requinta, clarinetes, trompetes, trompas, trombones, barítono, bombardino ou tuba, são da categoria dos Aerofones¹⁴⁹.

Já os instrumentos de percussão com exceção dos pratos pertencem à categoria dos Membranofones. Os pratos por sua vez pertencem à categoria dos Idiofones¹⁵⁰.

2.5 As Tocatas da Banda

Nos eventos mais significativos para a cidade, lá estavam presentes as Bandas “*Lyra dos Campos*” a “*Aurora Pontagrossense*” e mais tarde, com o encerramento das atividades da “*Aurora*” em 1903 entrou em cena a banda “*União e Recreio*” dirigida por Cesário Ferreira dos Santos. Esta última tinha

¹⁴⁸ ROLO, Rui P. H. Alves. Projecto DVD-ROM – Instrumentos Musicais – Uma aplicação em Educação Musical no Terceiro Ciclo p. 17
<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/743/1/LC265.pdf> pesquisado em 24/07/2018

¹⁴⁹ Ibid. p. 19 e 20

¹⁵⁰ Ibid. p. 23 e 25

como sede o prédio da Associação Democrata Recreativa.¹⁵¹ Assim foi quando da inauguração da Luz Elétrica na cidade, onde as referidas Bandas se fizeram ouvir na sessão solene realizada na Câmara Municipal marcando com seus acordes aquele evento que simbolizava o desenvolvimento e o progresso da cidade¹⁵².

Percebe-se que quando aconteciam inaugurações e outros eventos de maior importância para a cidade, a presença das bandas de música constituía-se em caráter obrigatório. Assim foi quando da inauguração da Praça Marechal Floriano Peixoto no ano de 1909 conforme noticiou o jornal Diário da Tarde, periódico da capital do Estado:

PONTA GROSSA – Sob a claridade irradiante da tarde de domingo, inaugurava-se a praça Floriano Peixoto, que apresenta agora um bello aspecto com a sua arborização verde e nova, e com o encaibramento branco dos passeios. Houve retreta pela banda de música Lyra dos Campos e o ponto recreativo regorgitou de pessoas recreantes. O excelente logradouro vem imprimir mais um impulso à vida pontagrossense, que desperta e se intensifica de dia para dia.¹⁵³

As comemorações de caráter cívico que ocorriam na cidade contavam sempre com a presença das bandas de música como na notícia veiculada pelo jornal da capital do Estado anteriormente citado:

Ponta Grossa - A camara municipal festejou a data de 15 de novembro com sessão magna, que foi muito concorrida. Fallaram diversos, e representantes de todas as associações. A festa foi abrilhantada pelas excellentes bandas musicaes União e Recreio e Lyra dos Campos. Pelo orador Teixeira Coelho, foi apresentado uma mensagem à câmara para felicitar-se ao distincto brasileiro Santos Dumont pelas victorias alcançadas pela sua aeronave¹⁵⁴.

Assim também aconteceu quando das comemorações do cinquentenário da imigração russo-alemã para os Campos Gerais. O próprio maestro da banda Lyra dos Campos, Jacob Holzmann, chegou ainda criança integrando uma das

¹⁵¹ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 94

¹⁵² Ata da Câmara Municipal de Ponta Grossa de 3 de maio de 1905 in: GONÇALVES, Maria A. C. e PINTO, Elisabete Alves. Ponta Grossa: um século de vida (1823 – 1923). p. 41 e 42

¹⁵³ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 27 de janeiro de 1909 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 18/05/2018

¹⁵⁴ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 16 de novembro de 1901 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%20190&pesq=retreta> pesquisado em 18/05/2018

famílias daqueles imigrantes em 1877 que se instalaram no Paraná. O jornal Diário da Tarde noticiou o acontecimento comemorativo:

O cincoentenário da inauguração (IMIGRAÇÃO?) russa para o Paraná – GRANDES FESTEJOS COMEMORATIVOS SE REALIZARÃO EM PONTA GROSSA – Em 1877 chegaram ao Paraná os primeiros imigrantes nossos, transcorrendo no corrente anno, portanto, o cincoentenário da introdução dos filhos da Pátria de Frederico, o Grande no nosso Estado, ao qual tem prestado valioso concurso, integralizando-se no nosso meio, e constituindo-se poderoso fator do progresso paranaense. Commemorando tão significativo acontecimento, a colônia russa domiciliada em Ponta Grossa, realizará no dia 15 do corrente, data da proclamação da República Brasileira, grandes festejos, que obedecerão ao programma abaixo:

I – Alvorada das 5 as 6 horas pela banda de música Lyra dos Campos.

II – As 10 horas da manhã missas solemnes. Tocarão bellos números de musica antes de começar essas cerimoniaes, 2 ternos da banda Lyra dos Campos. Na Matriz, será rezada pelo Rev. P. Vigário M. Weber. Na Igreja Evangélica Luterana, pelo Pastor W. Fugmann.

III – As 14 ½ horas terá logar uma grande festividade popular no “Eden Theatro” que obedecerá ao seguinte programma: 1º - Abertura pelo Hymno Nacional. 2º - Usara da palavra o presidente da comissão dos festejos sudando as autoridades presentes e ao povo Pontagrossense. 3º - Hymno Imperial Russo. 4º - Usará da palavra o orador dos festejos sr. Felipe Justus. 5º - Variação de Heyden, executada pelo violinista sr. Conde de Mascheville. 6º - Usará da palavra o orador e organizador dos festejos, sr. Pastor Fugmann (em alemão). 7º - Música; Hymno popular Salve o Snr.” 8º - Será dado a palavra aos convidados e demais pessoas que queiram fazer uso della. 9º - Música: Marcha Pontagrossense comp. de George Holzmann. 10º - Leitura dos officios e telegrammas de felicitações recebidos: a. Em Portuguez: Pelo sr. N. Bach. b. Em Allemão; Pelo sr. Pastor F. W. Brepohl. 11º - Música: Boleiro original para Bombardino. 12º - Para terminar usará ainda da palavra o Rev, P. Vigário Martim Weber, terminando com o hymno Nacional executado por orchestra. A tarde – Grande concerto das 7 às 9 horas, na praça Floriano Peixoto. As 9 horas haverá ainda um grande espetáculo de gala no Theatro Renascença. A comissão promotora dos festejos está assim constituída: J. David Justus, Jacob Holzmann, Pastor W. Fugmann, Pedro Schamber, Pastor F. W. Brepohl. O programma supra está sujeito a modificações¹⁵⁵.

Entre as apresentações da Banda Lyra dos Campos de caráter cívico, destacam-se as comemorações do centenário da independência do Brasil e do centenário da emancipação política de Ponta Grossa. Essas comemorações ocorreram nos anos de 1922 e 1923 respectivamente.

¹⁵⁵ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 7 de novembro de 1927 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=32948&Pesq=lira%20dos%20campos> pesquisado em 18/05/2018

No dia 7 de setembro de 1923, durante as comemorações do centenário da independência do Brasil, as bandas de música “Lyra dos Campos” e “Euterpe Pontagrossense” participaram ativamente das solenidades comemorativas à data. Já às 5 horas da manhã, ambas as bandas realizaram alvorada festiva pelas ruas da cidade, tocando em frente ao edifício da prefeitura, e ainda defronte às residências do prefeito e do presidente da Câmara Municipal. Tocaram ainda em frente ao Consulado da Itália, à residência do juiz de direito e também diante da redação do Diário dos Campos. Às 9 horas as bandas participaram de uma cerimônia que se iniciou na Praça Marechal Floriano Peixoto com diversas instituições entre escolas públicas e particulares, bem como entidades recreativas, desportivas e beneficentes. Daquela praça, partiram até a Praça Barão do rio Branco, onde foi cantado o hino nacional e lançada a pedra fundamental da Escola Normal dos Campos Gerais. Naquele logradouro, 2.500 crianças cantaram o hino a Ponta Grossa, acompanhados pela Banda Euterpe Pontagrossense. Posteriormente foi realizado por alunos do “Jardim de Infância”, o plantio da “Árvore do Centenário” com o canto do hino da Árvore. No mesmo local, foi realizada missa campal e juramento à bandeira pelos estudantes, ocorrendo a execução do hino à bandeira pela Banda “Lyra dos Campos”. Essa cerimônia teve ainda a execução do hino nacional pela Banda “Euterpe Pontagrossense” e distribuição de bombons para as crianças. Seguiu-se então um desfile saindo da Praça Barão do Rio Branco em direção à Rua Vicente Machado.

As comemorações prosseguiram à tarde com sessão cívica às 14 horas no Paço Municipal com a execução do hino Nacional pela “Euterpe Pontagrossense” e às 16 horas celebração de “Missa Cívica”, poema em prosa produzido por José Cadilhe, onde foi armado o “Altar à Pátria”. Neste evento, tocou a “Lyra dos Campos”. Aconteceu ainda a *Marcha Aux Flambeaux* com as bandas e a população seguindo da Praça Marechal Floriano Peixoto e passando pelas principais ruas da região central da cidade, retornando ao ponto de partida.

Seguiram-se aquelas comemorações pelos dias 8 e 9 de setembro com retretas das bandas de música nas praças Floriano Peixoto e Barão do Rio Branco¹⁵⁶.

¹⁵⁶ Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa 7 de Setembro de 1922

Também nas comemorações do centenário da elevação de Ponta Grossa à condição de Freguesia, em 1923, a Banda Lyra dos Campos participou efetivamente das comemorações. O Diário dos Campos noticiou,

Início das Festividades – Precisamente à meia-noite de 15, tiveram início as festividades comemorando o centenário de fundação desta paróquia. Àquela hora enorme multidão estacionava em gente à Câmara Municipal, quando chegou a afinada banda Lyra dos Campos sob a direção de seu esforçado e competente maestro, sr. Jorge Holzmann. Após ali chegou a admirável banda do Corpo de Segurança do Estado, executando bella marcha¹⁵⁷.

Relata o referido periódico que as comemorações iniciadas à meia-noite se seguiram pelas ruas da cidade com apitos de fábricas, foguetório e discursos, sempre acompanhadas pelas bandas “Lyra dos Campos” e da “Força Pública do Estado.”

Seguiram-se as cerimônias comemorativas desse centenário também relatadas pelo Diário dos Campos:

O GRANDE PRÉSTITO – Às 9 horas do dia 15, a Praça Floriano, magnificamente ornamentada, ficou repleta de povo, associações, senhoras e senhoritas e do mundo infantil, uma legião de garrulas crianças das escolas públicas e particulares, que dava a nota de alegrias às bellas festividades. Formou-se o grande préstito. À frente o garboso Tiro 21, mocidade luzida e airoso, marchando ao som da banda do 13º Regimento de Infantaria. O Tiro é um attestado vivo do brilhante esforço do seu instructor, sargento Walter Nunes de Freitas, e da sábia presidência do sr. capitão Craveiro de Sá. Logo após os escoteiros, soldados em embryão, esperanças da Pátria, já compenetrados dos seus deveres, de cidadãos de amanhã. Seguiram-se as escolas, meninos e meninas, calculados em dois mil. Fechavam o soberbo préstito associações representantes das autoridades, o snr. Prefeito Municipal e o povo. A afinada <Lyra dos Campos> marchava ao centro com galhardia, enchendo os ares com seus acordes harmoniosos. Depois de percorrer a cidade dissolveu-se a multidão¹⁵⁸.

As bandas de música ainda realizaram um concerto na rua 15 de novembro no dia anterior antecedendo às comemorações, o que demonstra como as apresentações musicais realizadas pelas bandas já se faziam uma tradição na cidade, revestindo-se de momento especial nas comemorações. Assim o Diário dos Campos se referiu a esse evento:

CONCERTO PÚBLICO
A Banda da Força Militar

¹⁵⁷ Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa 20 de setembro de 1923

¹⁵⁸ Ibid

A Lyra dos Campos

Terminada a recepção oficial, ainda no dia 14, teve início um dos mais atraentes números do programma das comemorações: o inolvidável concerto effectuado pelas magnificas bandas da Força Militar e <Lyra dos Campos.> A rua Quinze foi o local escolhido. A banda da Força Militar ficou postada num amplo coreto, junto ao Café “Íris”. <A Lyra dos Campos> tocou de frente a alfaiataria do snr. Jorge Holzmann. As 5 horas da tarde, a brilhante corporação mantida pelos irmãos Jorge e Jacob Holzmann, e que constitue uma legítima gloria da nossa Terra, deu começo ao seu magnífico programma. É digna de ouvir-se. Os músicos, cheios de amor pela sua instituição, tocavam com entusiasmo e competência.¹⁵⁹

Ao se referir à banda militar que participava do concerto, o jornal assim se referiu: “(...) O povo aguardava ansioso. A estupenda organização musical mantida pelo esforço extraordinário do 1º tenente Romualdo Soriani e tenente Barletta, esteve à altura dos seus alevantados créditos. As peças executadas com impecavel maestria, foram applaudidíssimas, pela enorme assistência que se comprimia em toda a extensão da rua Quinze. Era colossal a multidão. A cidade sorria feliz ao por do sol, sacudida pela nevrose das notas, numa apothéose de encantos. O concerto terminou as oito horas da noite, sob aclamações entusiasticas. O povo satisfeito, encheu as ruas, que continuaram movimentadas. Os cafés regorgitavam.(...)”¹⁶⁰

Percebe-se um grande entusiasmo por parte do jornal ao noticiar o evento e, pelo relato, parece que a população realmente se fazia presente em grande número ao concerto ali realizado, o que demonstra mais uma vez a importância dada pela população aos conjuntos musicais deste gênero, devendo ser considerado que a banda constituía-se talvez em uma das poucas possibilidades de entretenimento nas décadas iniciais do século XX, antes da popularização do rádio ou do surgimento da televisão.

As comemorações alusivas ao centenário de emancipação política de Ponta Grossa prosseguiram ainda no dia 16 de setembro, ocorrendo um “Corso” pelas principais vias da cidade. Nesse corso, tocaram três bandas de música: a da Força Pública do Estado, a Lyra dos Campos e a recém-criada banda do 13º Regimento de Infantaria. No mesmo dia, realizou-se novo concerto com as bandas da Força Pública e Lyra dos Campos. O Diário dos Campos teceu referências elogiosas às duas corporações musicais, tendo inclusive recebido em sua redação os oficiais que dirigiam a banda da Corporação Policial Militar. De acordo com esse periódico, o Tenente Soriani teria se referido à Lyra dos Campos em termos elogiosos, fazendo as seguintes considerações:

¹⁵⁹ Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa 20 de setembro de 1923

¹⁶⁰ Ibid

(...) É difícil, disse-nos, conseguir tão surprehendedes resultados, com um punhado de artistas; Mas comprehende-se a origem do brilhante êxito, quando se vê em cada músico da Lyra dos Campos um artista devotado, cheio de amor à gloriosa banda que faz honra a Ponta Grossa.¹⁶¹

O reconhecimento da qualidade musical da banda Lyra dos Campos feito por um profissional da música, talvez ajude a explicar por que este conjunto musical se manteve em atividade por quase quatro décadas sendo a banda composta exclusivamente por músicos amadores e sem nenhum auxílio financeiro por parte do poder público. Por outro lado, apesar dos elogios do maestro militar, Jacob Holzmann faz uma dura crítica à municipalidade pela falta de apoio à “Lyra dos Campos” nas páginas do Diário dos Campos:

De uns anos a esta parte temos sido collaboradores obrigatórios da imprensa local. Toleram os nossos escriptos porque na qualidade de antigo pontagrossense, temos feito o possível em prol da nossa cidade. Por esse motivo estamos hoje novamente no nosso posto de collaborador chronico, preenchendo a enorme lacuna entre os demais devotados escriptores da cidade. É a cousa mais difficil fazer-se um trabalho, justamente daquillo que menos se entende. Ainda desta vez a nossa situação foi agravada pela perspectiva de um combate musical, cabendos-nos o posto de comando das hostes mais fracas numericamente, além da luta inesperada. Mas não há que fugir, teremos que cumprir o nosso dever de pontagrossense. Para os que nos vão julgar desde já declaramos que todo e qualquer fracasso, caberá à cidade, porque infelizmente a <Lyra dos Campos> através de seus 28 annos de existência, sob a nossa incompetente direcção, não mereceu da parte dos poderes públicos o mínimo favor, enquanto que as bandas de outras cidades, são amparadas pelos governos e pelas municipalidades. Nesta emergência a nossa posição de patriota, nos obriga durante os festejos do 1º Centenário da Parochia de Ponta Grossa a assumir o nosso posto de honra como director da música local, embora antevejamos a nossa derrota. E com esta local também cumprimos o nosso dever de collaborador. Antes de terminar, declaramos formalmente ao nosso amigo Cadilhe, que de forma alguma prestaremos os nossos serviços nos festejos do 2º Centenário.¹⁶²

As palavras de Jacob Holzmann levam a pensar que, embora a banda tivesse um papel importante perante a comunidade local, não havia nenhuma preocupação por parte do poder público em investir no campo cultural. Parece que investimento em cultura não era uma prioridade por parte do governo

¹⁶¹ Diário dos Campos. Ponta Grossa 20 de setembro de 1923

¹⁶² Diário dos Campos. Ponta Grossa 18 de setembro de 1923

municipal, deixando que todas as iniciativas nesse setor se dessem por conta dos próprios produtores culturais.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades financeiras, além de suas apresentações em Ponta Grossa, a “*Lyra dos Campos*” também viajava pelo estado realizando tocatas em outras localidades, fosse para abrilhantar festas religiosas ou atos cívicos. Essas viagens se realizavam por via férrea ou em carroções conforme afirma Holzmann:

A Lira dos Campos e seu afinado conjunto vocal acorriam a todas as festividades religiosas do interior. As viagens às localidades não servidas por via férrea eram feitas em carroções pesados e de tolda alcatroada, sem nenhum conforto e puxados por oito animais, ou sejam, as enormes carretas empregadas no transporte de erva-mate, que trafegavam por estradas horríveis, cheias de buracos e perigos.¹⁶³

A primeira apresentação da “*Lira dos Campos*” na capital do estado ocorreu em 1905, quando do regresso do então Presidente do Estado Vicente Machado a Curitiba após uma viagem à Europa. Nessa ocasião, a Banda seguiu ainda até a cidade de Paranaguá.¹⁶⁴ Assim noticiou o jornal Diário da Tarde: “*RECEPÇÃO Presidencial. Continuaram, hontem os festejos em regozijo ao regresso do sr. dr. Presidente do Estado. As ruas ornamentadas se iluminaram a noite e se movimentaram com grande massa de passeantes. A praça Tiradentes regorgitava de povo a apreciar a música que ali fazia retreta: brilhante e profusamente agiornada era o mais deslumbrante o effeito que fazia o formoso logradouro público. Durante a tarde exhibio-se ali a excellente banda musical Lyra dos Campos e a noite deliciou o público a do 14 regimento. (...)Hoje realiza-se, além da manifestação dos alumnos do Gymnasio a marche aux flam-beaux que desfilará as 6 horas da tarde da praça Tiradentes, praça Municipal, entrando na rua Quinze pelo arco triumphal de Antonina e percorrendo-a até o Largo Ozório. O sr. Presidente assistirá o desfile das escolas do edifício da Câmara Municipal e depois seguirá com sua commitiva, para o coreto da praça Santos Andrade, para assistir o fogo de artifício que será ali queimado. – O sr. presidente do Estado tem sido muito visitado pelos seus amigos e correligionários.*”¹⁶⁵

Quando alguma autoridade ou visitante considerado de renome nacional vinha a Ponta Grossa, a banda era presença garantida à recepção. Em 1908, segundo Epaminondas Holzmann, o então Ministro da Guerra Marechal Hermes da Fonseca, entusiasmou-se com a Lyra dos Campos na execução do Hino

¹⁶³ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 100

¹⁶⁴ Ibid. p.102

¹⁶⁵ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 21 de novembro de 1905 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=7473&Pesq=lira%20dos%20campos> pesquisado em 18/05/2018

Nacional na Estação Ferroviária de Ponta Grossa, ocasião em que rumava com destino a Marcelino Ramos para a inauguração do trecho ferroviário Itararé-Uruguaí. Com a parada do trem para o almoço em Ponta Grossa, a Lyra dos Campos apresentou diversos números entre os quais o Dobrado “*Afonso Pena*”, composto por Jorge Holzmann em homenagem ao Presidente da República.¹⁶⁶

Outro personagem renomado internacionalmente para quem a Banda Lyra dos Campos teve a oportunidade de se apresentar foi Alberto Santos Dumont, que passou por Ponta Grossa em maio de 1916. A comitiva local que recepcionou o “Pai da Aviação” seguiu em direção ao Hotel Palermo situado na Praça Marechal Floriano Peixoto, onde chegou por volta das 20 horas ao som das Bandas de Música, de gritos de vivas e intenso foguetório.¹⁶⁷

Conta Epaminondas Holzmann que Santos Dumont permaneceu um dia em Ponta Grossa onde visitou a Fazenda Modelo e o quartel do 5º Regimento de Infantaria localizado em Uvaranas, acompanhado pelo Deputado Eliseu de Campos Melo.

De Ponta Grossa, Santos Dumont seguiu viagem para Curitiba, e ao retornar da capital, nova parada na estação ferroviária da Princesa dos Campos no dia 9 de maio. O trem chegou por volta das 12h15min e Alberto Santos Dumont foi mais uma vez recebido ao som das bandas *Lyra dos Campos* e do *5º Regimento de Infantaria*. O *Diário dos Campos* assim se referiu a esse acontecimento:

Santos Dumont
Amanhã pelo trem da tabela, passará por esta cidade com destino a São Paulo, o glorioso aviador Santos Dumont. Para cumprimentar o illustre patricio, uma comissão de patriotas trata de preparar uma manifestação, convidando para isso o povo pontagrossense; devendo reunir-se na gare da estação às 12 horas, onde tocará a banda <Lyra dos Campos> e fallara em nome da população um orador designado para tal¹⁶⁸.

Nesse relato de apresentações durante a recepção de visitantes considerados de destaque pela imprensa da época, percebe-se que as bandas de música se constituíam como elemento de fundamental importância, participando ativamente desses atos.

¹⁶⁶ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 107 e 108

¹⁶⁷ Ibid. p. 315

¹⁶⁸ Diário dos Campos. Ponta Grossa 8 de maio de 1916

A disputa por prestígio perante a população local talvez tenha sido fator gerador de uma rivalidade entre as bandas de música locais. Afirma Epaminondas Holzmann que a rivalidade musical na Princesa dos Campos aumentou ainda mais em 1910 quando aquartelou em Ponta Grossa o 5º Regimento de Infantaria, trazendo a sua Banda de Música. Quando da realização da primeira retreta daquela banda militar o jornal “*O Progresso*” assim noticiou:

Retreta – Tocou ante-hontem, pela primeira vez, na praça Floriano Peixoto, a banda de música do 5º Regimento que está sob o commando do Sr. Coronel Pyrrho. Foi muito apreciada pelo seu bello repertório e pela capacidade dos executores, tanto assim que, embora a chuva cahisse fina e constante, a praça estava repleta de senhoritas, o que não succede sempre.¹⁶⁹

Naquele mesmo ano, além da referida Banda Militar, vieram a Ponta Grossa as Bandas de Música do 4º Regimento de Infantaria e do 6º Regimento de Infantaria, ambas oriundas da Guarnição Militar de Curitiba. Segundo Holzmann, naquela ocasião houve um baile no Clube Pontagrossense em homenagem ao General Comandante da Região Militar, onde se defrontaram as Bandas Lyra dos Campos e do 6º RI, destacando-se a figura do músico Jorge Holzmann, Bombardinista da Lyra cumprimentado pelo regente da Banda Militar por seu desempenho na execução do dobrado “*Toulon*”. Alguns dias depois a Lyra defrontava-se com a Banda do 4º RI, e nessa ocasião executou peças como “*O Guarani*” de Carlos Gomes, “*O poeta e o camponês*” de François Suppé, entre outras peças clássicas, o que consagrou a Banda “*princesina*” diante dos músicos militares.¹⁷⁰ Esse relato de Holzmann parece referir-se às manobras militares realizadas em Ponta Grossa no mês de março de 1910. O jornal Diário da Tarde noticiou na edição de 1º de março daquele ano:

Manobras militares – Notícias das forças – Chegamos a Ponta Grossa na tarde do mesmo dia em que partimos de Curitiba, ficando a força toda – uma brigada mixta e um regimento de cavalaria, ao todo mil e poucos homens acantonada em o novo quartel destinado ao 5º de Infantaria, quartel esse que se acha situado a uns 3 Kilometros da cidade.(...).¹⁷¹

¹⁶⁹ Jornal O Progresso. Ponta Grossa 24 de janeiro de 1911

¹⁷⁰ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 106 e 107

¹⁷¹ Diário da Tarde. Curitiba 1 de março de 1910 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%201911&pesq=banda%20do%206> pesquisado em 26/05/2018

O Maestro Jacob Holzmänn se lançou a alguns empreendimentos que, de acordo com Epaminondas Holzmänn, sempre visavam, em primeiro lugar, a atender às necessidades da Banda Lyra dos Campos. Depois de ter fundado o Jornal “O Progresso” em 27 de abril de 1907 – hoje “*Diário dos Campos*” – sendo um de seus objetivos o de manter em Ponta Grossa o trombonista da “Lyra”, Jango Antunes, que era tipógrafo e ficaria desempregado com o fechamento da Gráfica de Aldo Silva¹⁷², resolveu fundar também um cinema onde a Banda pudesse tocar¹⁷³, já que àquela época o cinema era mudo necessitando de acompanhamento musical que poderia ser feito por uma banda, por uma orquestra ou por um piano. Fundou assim, em 31 de outubro de 1911, o CineTeatro Renascença, palco da Lyra dos Campos e de tantas outras atrações musicais na primeira metade do século XX.

Vale destacar que nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, o “*cinema mudo*” utilizava-se de fundo musical durante as apresentações de filmes, e os cinemas utilizavam-se de bandas, orquestras ou simplesmente um piano para acompanhar a exibição das películas.

Georgeana Vendrami cita que, “No início do século XX, além das praças públicas, as bandas ganharam o espaço das salas de cinema – Cine Renascença (1911), Cine Império e Cine Teatro Ópera¹⁷⁴.”

Ao longo de sua trajetória, a Banda Lyra dos Campos percorreu algumas localidades, seja no estado do Paraná, em Santa Catarina e em São Paulo.

Muitas dessas viagens eram feitas pela ferrovia, e quando a estrada de ferro não chegava a alguma localidade, a Banda fazia o percurso em carroções. Em uma dessas viagens, em que a “Lyra” deslocava-se para a vizinha cidade de Ipiranga embarcada em dois carroções de toldo alcatroado puxados por oito animais, o carroção em que se encontrava o maestro tombou após disparar numa descida pouco além do rio Bitumirim. Felizmente, ninguém se machucou.¹⁷⁵

Holzmänn afirma ainda que havia um intercâmbio entre as Bandas Lyra dos Campos, Euterpe Castrense e União e Recreio. Destaca ainda como

¹⁷² HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. P.104 e 105

¹⁷³ Ibid. p. 109

¹⁷⁴ VENDRAMI, Georgeana Lanzarini, Conservatório de Música de Ponta Grossa: (Re) produção cultural e distinção social (1971 – 1995) p. 52

¹⁷⁵ HOLZMANN, op. cit. p.100

sensível trinca de compositores Benedito Alves Pereira, Jorge Holzmann e Cesário Santos.¹⁷⁶

Desses compositores, podem ser mencionadas algumas obras que estão relacionadas na obra *“Cinco Histórias Convergentes”* e que são de autoria de Jorge Holzmann relacionadas no quadro a seguir:

Dobrados	“Afonso Pena” ¹⁷⁷ ; “Três Pinheiros”; “Bocaina”; “Itajubá”; “Nossa Senhora das Brotas”; “Adeus, colegas”; “11 de Julho”; “Teixeira Coelho”; “Recruta”; “Lágrimas de Crocodilo”. ¹⁷⁸
Marchas	“Tiro De Guerra – 21” (Com Letra De José Cadilhe); “Paraná”; “Voluntários Pontagrossenses”. ¹⁷⁹
Valsas	“Casa Branca”; “Praia do Gonzaga”; “Imbituva”; “Caldas da Imperatriz”; “Adeus, minha mãe”. ¹⁸⁰
Tangos	“Ilusão”; “Olha O Pau-de-sebo”. ¹⁸¹
Hinos	“Brasil” (com letra de José Cadilhe); “Beneficente”; “Vinde Espírito Divino!” (religioso). ¹⁸²
Schottisch	“Corina”. ¹⁸³
Samba	“Músicos da Lira”. ¹⁸⁴
Marchas Fúnebres	“Vítimas do dever”; “À memória dos meus pais”. ¹⁸⁵
Mazurca	“Canção em lágrimas”. ¹⁸⁶

De acordo com o pesquisador Leandro Marcos Fornazari, 62 composições de Jorge Holzmann, encontram-se nos arquivos da Banda Escola Lyra dos Campos. Esse pesquisador afirma que entre composições de Holzmann, encontram-se dobrados, marchas, valsas, hinos e canções.¹⁸⁷

¹⁷⁶ HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. p. 95

¹⁷⁷ Ibid. p. 108

¹⁷⁸ Ibid. p. 126, 127 e 128

¹⁷⁹ Ibid. p. 126, 127 e 128

¹⁸⁰ Ibid. p. 126 e 127

¹⁸¹ Ibid. p. 127

¹⁸² Ibid. p. 127

¹⁸³ Ibid. p. 128

¹⁸⁴ Ibid. p. 127

¹⁸⁵ Ibid. p. 127

¹⁸⁶ Ibid. p. 127

¹⁸⁷ FORNAZARI, Leandro M. *Catálogo de obras do arquivo morto da Banda Escola Lyra dos Campos*. p.

Segundo o autor de *“Cinco Histórias Convergentes”*, Jorge Holzmann inspirava-se repentinamente para compor suas músicas. Conta o memorialista que:

Certa vez, a filarmônica deslocou-se em demanda do arraial conhecido por Bocaina, afim de tocar na festa de Tia Barba: no ponto da estrada onde a carroça interrompeu a marcha penosa para os músicos sestearem, divisou ao longe três pinheiros isolados; comeu depressa seu churrasco e compôs o dobrado “Três pinheiros”, ali mesmo executado. Nos pagos da piedosa festeira de São João, escreveu mais dobrado “Bocaina” e a valsa “Casa Branca”, esta dedicada a Raul de Paula Xavier, que de acordo com Epaminondas Holzmann era “grande admirador de seu talento”.¹⁸⁸

Além das composições acima citadas, onde se encontram dobrados, marchas, valsas, tangos, sambas e outros gêneros de música popular, também encontram-se músicas clássicas como “La Traviata” de Giuseppe Verdi; “O Guarany” de Antonio Carlos Gomes, entre outras obras de compositores clássicos. Epaminondas Holzmann escreve que

Era comum ao ponta-grossense do pretérito ouvir Verdi, Donizetti, Puccini, Leoncavallo, Rossini, Boito, Bellini, Wagner, Gounod, Massenet, Tschaikowski, Carlos Gomes. Observando a relação de músicas que faziam parte do seu repertório, e que demonstram uma grande variedade de gêneros é possível pensar que a banda buscava atender a diversos gostos musicais através de um repertório variado.¹⁸⁹

A afirmativa de Holzmann, quanto a esse acervo musical da banda, pode indicar que a população ponta-grossense tinha acesso a todos os gêneros musicais da época, do popular ao erudito, tendo em vista que a Lyra dos Campos realizava muitas apresentações nas praças e coretos da cidade, possibilitando a todas as pessoas o acesso à música. Aqui cabe observar que, de modo geral, as bandas de música têm um importante papel no sentido de proporcionar o acesso a arte para as mais diversas camadas sociais, já que a grande maioria de suas apresentações não fica restrita a salas de concerto.

Outro compositor citado por Holzmann é Benedito Alves Pereira, da cidade de Castro. Com relação às composições do maestro castrense, o historiador José Augusto Leandro escreve:

¹⁸⁸ HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. p. 126

¹⁸⁹ Ibid. p. 132

(...) O maestro Benedito Pereira, autor de 22 números de música da Revista, teve que organizar uma orquestra especial. (...) ¹⁹⁰. E esse historiador prossegue afirmando que “Em Castro a popularização do cinema também foi reforçada pelos atrativos que a universalidade da linguagem musical oferecia. O Odeon passou a contar com uma orquestra própria, organizada pelo maestro Benedito Pereira no final da década de 1910.(...).¹⁹¹ Leandro informa ainda que Benedito Alves Pereira era proprietário da Casa do Povo, loja de secos e molhados, e foi vereador (camarista) na cidade de Castro em 1904¹⁹².

Dentre as composições de Benedito Alves Pereira, pode-se citar a valsa “Nicota”, datada de 17 de abril de 1920. Essa composição, o maestro dedicou a uma amiga de sua filha “Tinóca”. A partitura traz a seguinte dedicatória: *“Oferecido a Exma. Srta. Nicota (Castro) pela sympatia, e amizade sincera que dispensou sempre a minha filha Tinoca hoje ahi. Castro 1920. Benedito A. Pereira”*¹⁹³

Percebe-se que estes compositores inspiravam-se em pessoas ou lugares, aos quais homenageavam com suas composições musicais. Parece ser uma prática prestar esse tipo de homenagem através da música tanto no século XIX quanto no século XX.

Participando de diversas atividades culturais em festas populares a Banda Lyra dos Campos também participava do carnaval ponta-grossense. Em fevereiro de 1910, o jornal “O Progresso” noticiou:

domingo a tarde um grupo de foliões, puxado pela Banda Musical Lyra dos Campos, percorreu as ruas da cidade anunciando os trez dias de festa consagrado a Momo. De quando em vez rompia um formidolozo Zé-Pereira retumbante, como quem diz que o carnaval este anno chegará a altura de um princípio e a história carnavalesca de factos consumados archivará, como legenda de gloria alcanada nas lutas do prazer e da gargalhada, mais uma vitória. E pierrot na sua voz de falcete gritara ás turbas – Evohé, Evohé!¹⁹⁴

No domingo de carnaval, a banda Lyra dos Campos participou também do desfile carnavalesco que percorreu as ruas da cidade, estando seus músicos no primeiro carro, fantasiados de marinheiros. Esse desfile carnavalesco parece

¹⁹⁰ LEANDRO, José Augusto. Palco e Tela na modernização de Castro. p. 58

¹⁹¹ Ibid. p. 91

¹⁹² Ibid. p. 114

¹⁹³ Partitura Musical de autoria de Benedito Alves Pereira intitulada “Nicota”.

¹⁹⁴ Jornal “O Progresso” Ponta Grossa. 1 de fevereiro de 1910

ter contado com grande participação popular conforme descreve o jornal O Progresso:

Domingo de Carnaval – Logo cedo era esperado com ansiedade o grande préstito carnavalesco anunciado. As 5 horas da tarde, mais ou menos, o estridular dos clarins cortavam os ares, avisando as turbas que abrissem passagem ao carnaval de 1910, que vinha festivo e risonho saudar uma população que se apresentara a recebe-lo. As sociedades reunidas formaram o cortejo, na seguinte ordem: O préstito era puxado por uma guarda de cavalleiros phantasiados a espanhola e pelos Clubes 13 de Maio e 28 de Setembro. 1º Carro Músicos da banda <Musical Lyra dos Campos>, phantasiados a marinheira. 2º carro allegorico Uma concha puxada por um cysne, em alto mar, representava o Club dos Gira-Sóes. 3º carro allegorico – Um landau ricamente ornamentado, conduzia um grupo de meninas, as quaes representavam as sociedades pontagrossenses. 4º carro allegorico Representava a sociedade Estrella do Orienta, 28 de Setembro. 5º - Um carro enfeitado conduzia senhorinhas. 6º Um landau com estandarte do Club 13 de Maio. 7º carro com sócios. 8º carro com critica – As candidatu (ras) Ruy-Hermes. 9º - Representava os Barrigas verdes e Nhô Aleixo. 10 Uma enorme chaleira e os respectivos chaleiristas a lhe pegarem no bico. 11 O rápido entre Ponta Grossa e Guarapuava. As sociedades que auxilliaram o destemido grupo dos “Gira-Sóes”, para mais abrilhantar os festejos carnavalescos, foram: Ponta Grossense, Literário, Democrata, 13 de Maio, Germânia Beneficente e Lyra dos Campos. A nota dominante do carnaval foi o entrudo, mas um entrudo que ultrapassou os limites das coisas possíveis. A rua em que mais se jogou o entrudo, foi a 15 de Novembro, cujo aspecto fazia lembrar os tempo de há 40 annos passado. Devido, talvez ao entrudo, desbravado, notou-se pouca afluência, pois, as famílias não se aventuravam a divertimento que tanto prejudica. Eram arremessados sobre os transeuntes da rua 15 de Novembro, limões que mais se pareciam a (...) ou a pedras, pois uma casa naquella localidade teve danificado os vidros¹⁹⁵.

Essa característica da participação das bandas de música durante o carnaval parece ser comum das cidades brasileiras, portanto, a participação da “Lyra dos Campos” no desfile carnavalesco não era um caso isolado. A historiadora Manuela Areis Costa cita o caso da cidade de Mariana em Minas Gerais em que,

Alguns recortes de jornais evidenciam outras participações da banda em diferentes comemorações, como no carnaval, na Festa de São Roque e no dia 1º de Maio. O fragmento do jornal Agulha, refere-se à apresentação da banda ‘União’ durante o carnaval de 1924: ‘Os clubes e blocos estão se preparando para fazer todos no tríduo do Momo. (...) Tocarão na Rua Direita em dois coretos que ali serão armados, as bandas musicais ‘União

¹⁹⁵ Jornal O Progresso. Ponta Grossa 8 de fevereiro de 1910

15' e 'São José', que estão preparando vasto e lindo repertórios de tangos e músicas carnavalescas¹⁹⁶.

A referida historiadora já escreve sobre a participação dessas bandas no carnaval de 1901, “*’Olha a direita! Olha a direita!’ era esse o refrão gritado na época pelas ruas de Mariana, quando passava o bloco carnavalesco formado pela banda ‘União’*¹⁹⁷”

A Banda Lyra dos Campos deu origem também a uma agremiação social denominada “Grêmio Musical Lyra dos Campos”. Quando o referido Grêmio completou dez anos de sua fundação, o jornal “*O Progresso*” assim se referiu ao clube social:

Completa hoje seu décimo aniversário a brilhante sociedade Lyra dos Campos. São dez annos empregados pela sociedade em aproximar, em fundir, em ligar nos seus salões toda uma geração. Na vida de quantos não tem ella influído? É, por isso, uma sociedade apreciada, de reaes vantagens para a cidade, e de belas tradições, essa que hoje solemniza com uma festa magnífica o seu anniversário que foi, não há duvida, há dez annos, como agora, um dia feliz.¹⁹⁸

Dentre os músicos que participam dos quadros da Banda Lyra dos Campos, Epaminondas Holzmann cita:

José Vieira de Godói (Nhô Juca Sapateiro), Sebastiãozinho Marques, Henrique Holzmann, José Guimarães de Paula, Jorge Holzmann, Benedito de Paula (Benedito- Pistão), Clotário Vicente Barbosa, Vicente Del Claro (Vicentão), Vicente Postiglioni (Vicentinho), Eugênio Rompspelrger (Genico), Ciro Silva, Joaquim de Andrade (Quinco), Odilon Vargas, Otaviano Ferigotti, João Antunes de Oliveira (Jango), Paulino Ferigotti, João Holzmann, Francisco da Piedade Laval, Miguel Holzmann, Augusto Cunha, Toríbio dos Santos, Cesário Ferreira dos Santos, Sezinando Pereira, Pedro de Andrade, Benedito Canto e Silva, Henrique Dias de Macedo, João Rossetto, Otávio Guimarães, João Pedro Stremel, João Mascarenhas Ribeiro, Armando Braga, Aristides Teixeira, Sertanejo0 Wambier, Augusto Muller, José Marcos do Nascimento, João Alves Pereira, João de Souza, Sezinando Martins, Joaquim Ramalho, Antônio Xavier, Mano Vosgrau, Rodolfo Reich, Pedrinho de quadros, Elísio Lucas, Nequinho Ramalho e... Jacob Holzmann.¹⁹⁹

¹⁹⁶ COSTA, Manuela Areias. “Vivas à República”: representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – MG (1901 – 1930) p. 99

¹⁹⁷ Ibid. p. 79

¹⁹⁸ Jornal O Progresso. Ponta Grossa 14 de julho de 1910

¹⁹⁹ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 134

Na década de 1930, com a morte de Jacob Holzmann, que já há alguns anos fixara residência em Curitiba, parecia que a cidade não mais contaria com bandas de música civis. Afirmo Holzmann, que “(...) a veterana *Lira dos Campos*, que se fez ouvir pela última vez na Terra em 9 de julho de 1933 (...)” ao referir-se à ocasião em que aquela agremiação musical tocou no enterro de seu pai e maestro da Lyra Jacob Holzmann. E com certa melancolia relatava em seu *Cinco Histórias Convergentes*: “A era das bandas de música, por força das transformações sociais, chegava celeremente a seu fim.”²⁰⁰

Nesse ponto, equivocou-se Epaminondas Holzmann em sua observação, pois duas décadas passadas do encerramento das atividades da Lyra dos Campos, Ponta Grossa veria nascer uma nova Lyra dos Campos. É preciso destacar aqui que a cidade ainda teria a Banda Santa Cecília na década de 1930 e desde 1923 já contava com a Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria – hoje 13º Batalhão de Infantaria Blindado.

Referindo-se ao papel das Bandas de Música, a historiadora Aída Mansani Lavallo afirma que “É notável o papel representado por esses músicos e professores, no interior do Paraná, que formavam gerações de instrumentistas, alguns com real talento.”²⁰¹

2.4 Os militares e a tradição da BANDA DE MÚSICA DO 13º REGIMENTO DE INFANTARIA

No decorrer do ano de 1923, aquartelou em Ponta Grossa o 13º Regimento de Infantaria – 13 RI, instalando-se no quartel de Uvaranas, onde anteriormente entre 1910 e 1917 estivera o 5º Regimento de Infantaria, e que se transferira para Santa Catarina e posteriormente para o interior paulista.

O 13 RI chegou com seu destacamento precursor em 21 de junho de 1923 comandado pelo Capitão França Gomes, e já na edição do Diário dos Campos de 4 de julho, era noticiada a iniciativa daquele comandante de criar uma Banda de Música naquela Organização Militar²⁰².

²⁰⁰ HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. p. 125 e 137

²⁰¹ LAVALLE, Aída Mansani. *Germânia Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa*. p. 172

²⁰² Diário dos Campos. Ponta Grossa 04 de julho de 1923

Ainda no dia 4 de julho, uma comitiva formada pelo prefeito municipal Brasília Ribas, pelo presidente da Câmara Municipal Víctor Baptista e pelo presidente do Tiro de Guerra 21, Craveiro de Sá, visitou as dependências do quartel do 13 RI, percorrendo suas diversas dependências. Durante o almoço, a recém-organizada Banda de Música apresentou-se para aquelas autoridades, conforme noticiou o Diário dos Campos de 5 de julho de 1923: “*A Banda de Música do Regimento executou, durante o almoço, belas peças do seu repertório, sobresahindo a marcha militar ‘O Grumette*”²⁰³.

Em sua formação inicial, a banda contava com os seguintes integrantes: Carlos Bossel, Indalecio Leite, Virgílio Roberto Franco, Augusto Pinheiro, João Schumberg, João Alves da Silva, Octacílio Gomes Rapozo, João Alves Ramalho, Deraldo de Camargo, Christiano Fritz, Manoel Alves Ramalho e Antonio Armando de Matos.²⁰⁴

Embora a banda já tivesse se apresentado para as autoridades do município no almoço do dia 4 de julho, sua estreia para a população pontagrossense se deu somente no dia 9 de agosto, já composta por vinte integrantes conforme noticiou o Diário dos Campos:

A cidade, hontem à tarde, esteve em festas. Sons musicaes enchiam o ar de harmoniosa alegria. O povo, surpreso, indagava o motivo daquella nota álaçre que vinha quebrar a monotonia da cidade.

- Era a banda musical do 13º Regimento de Infantaria, que realizava a sua inauguração oficial. Compõe-se ella de vinte figuras, sob a competente regência do maestro Carlos Bossel, talentoso musicista paranaense. (...) ²⁰⁵

Naquela que foi sua primeira apresentação em público, a Banda de Música do 13 RI “*rompeu um dobrado*” às dezoito horas em frente à residência do prefeito municipal, saudando aquela autoridade, seguindo depois para o Tiro de Guerra 21, onde também executou algumas peças musicais atraindo a atenção da população. Posteriormente, a corporação musical rumou até a redação do Diário dos Campos, onde já se encontrava grande massa popular ocupando parte da Rua 15 de Novembro. Ali foi oferecida cerveja para os músicos que depois seguiram em marcha por aquela via acompanhados por uma

²⁰³ Diário dos Campos. Ponta Grossa 05 de julho de 1923

²⁰⁴ FRIZANCO, Orlando, MAYER, Reinaldo A, SOARES JUNIOR, Wilson. História do 13º BIB “Batalhão Tristão de Alencar Araripe”. p. 537 e 538

²⁰⁵ Diário dos Campos. Ponta Grossa 10 de agosto de 1923

tropa de escoteiros que marchavam seguindo a banda. Dirigiram-se então até a residência do presidente da Câmara Municipal, e logo após tocaram em frente à agência dos Correios e telégrafos, e também no Grupo Escolar Senador Correia.

A banda desfilou pelas principais ruas da cidade, causando forte impacto na população princesina, fortalecendo a tradição das bandas de música na cultura local, já que desde a Lyra dos Campos de Jacob Holzmänn e da Aurora Pontagrossense de Manoel Cirilo Ferreira, passando também pela União e Recreio do Cesário Santos, esses conjuntos apresentavam-se, e ainda hoje se apresentam nos momentos cívicos, artísticos e culturais da Terra Pitangui.

Ainda em 1923, durante as comemorações da Independência do Brasil, a banda realizou retretas na Praça Marechal Floriano Peixoto conforme matéria em destaque no Diário dos Campos:

Tivemos hontem uma excelente retreta na Praça Floriano. Foi uma tarde encantadora, cheia de sol e de bulício. Gentes senhoritas deram encanto e graça àqueles momentos. A praça se movimentou. A cidade tornou-se alegre, graças ao concurso da afinada banda do 13º Regimento. Hoje, a mesma banda tocou novamente naquela praça, desfilando, depois, pela rua Quinze. Torna-se alegre a cidade, vive e vibra nessas horas de prazer.²⁰⁶

Nas comemorações do Centenário de Ponta Grossa, em 15 de setembro de 1923, as apresentações musicais foram bastante animadas com a participação da Banda de Música da Força Pública do Estado²⁰⁷, pela Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria e como não poderia deixar de ser da Banda Lyra dos Campos. Essas apresentações aconteceram na Rua 15 de Novembro esquina com a Rua Santana. Vale aqui destacar que diante das bandas militares, a Lyra dos Campos executou trinta peças sem repetir nenhuma, o que segundo Holzmänn teria causando excelente impressão aos músicos militares. Os concertos comemorativos ao centenário da cidade ocorreram nos dias 15, 16 e 17 de setembro.²⁰⁸

O Diário dos Campos de 20 de setembro daquele ano ainda noticiando as comemorações do centenário de emancipação política de Ponta Grossa, fez a seguinte referência a banda do 13 R.I. *“Abrilhantado mais a parte musical das*

²⁰⁶ Diário dos Campos. Ponta Grossa 9 de setembro de 1923

²⁰⁷ NOTA: A Força Pública do Estado é hoje a Polícia Militar do Paraná.

²⁰⁸ HOLZMANN, Epaminondas. Cinco Histórias Convergentes. p. 119

*festas, a banda do 13º Regimento prestou inestimável concurso, tocando nas passeatas, nas praças, nos bailes effectuados*²⁰⁹.”

Como se pode perceber, desde sua organização em 1923, e conforme já destacado anteriormente, a Banda do 13 RI realizou inúmeras retretas, concertos e tocatas nas mais diversas ocasiões, seja em cerimônias cívico-militares, seja em festas religiosas, ou ainda em momentos de entretenimento da população nos coretos da cidade.

Quando da inauguração da Concha Acústica Carlos Gomes – o *Auditorium* da Praça Barão do Rio Branco – em 3 de maio de 1938 foi realizado um concerto de gala pela Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria sob a regência do Tenente Paulino Martins Alves, sendo o programa daquela apresentação levado ao público presente com obras do compositor brasileiro Antonio Carlos Gomes, incluindo a conhecida peça “*IL Guarany*”. Segundo o jornal *Diário dos Campos* em sua edição de 4 de maio de 1938, o público presente ao evento de inauguração da Concha Acústica foi de cerca de seis mil a oito mil pessoas²¹⁰.

Naquela ocasião, a Banda de Música usou um uniforme branco, criado pelo plano de uniformes do Exército através do decreto nº 20.754 de 4 de dezembro de 1931 e extinto em 1942. Esse uniforme conhecido como “uniforme branco de verão”, hoje de caráter histórico, embora pouco conhecido era utilizado pela banda em ocasiões especiais.

Após cinco décadas da chegada do 13º Regimento de Infantaria, este passou por um processo de reestruturação, tornando-se 13º Batalhão de Infantaria Blindado. O 13 recebeu então em 1973, viaturas blindadas de transporte de pessoal M – 113 e naquele mesmo ano comemorava seus cinquenta anos de existência como a “*Sentinela Avançada*” da região dos Campos Gerais.

Para comemorar esse cinquentenário, a Banda de Música gravou seu primeiro LP. Esse disco trazia em seu repertório a Marcha Ponta Grossa em homenagem ao sesquicentenário da cidade e a Canção do Batalhão como fundo musical para uma alocução sobre os cinquenta anos do 13º BIB na Princesa dos

²⁰⁹ *Diário dos Campos*. Ponta Grossa 20 de setembro de 1923

²¹⁰ *Diário dos Campos*. Ponta Grossa 4 de maio de 1938

Campos. Algumas das faixas eram de músicas populares de sucesso à época, estando assim organizado o repertório do disco:

Lado A

1. Canção do Batalhão (Tenentes Elton, Everaldo, Airosa e Paulino)
2. Marcha Ponta Grossa (José Itiberê de Lima)
3. Barão do Rio Branco (Francisco Braga)
4. Canções das Armas e Serviços (Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Intendência, Material Bélico, Infantaria)
5. Prá frente Brasil (Miguel Gustavo)
6. Canção do Cinquentenário do 13ºBIB (Música: Leonard Rosemann Letra: Major José Rodrigues dos Santos, Sub-Tenente Cícero Agostinho da Silva e Sargento Brazilino Tujedoal Camargo)

Lado B

1. O amor é tudo (Les Reed, Barry Mason)
2. Lendas do Abaeté (Jajá, Preto Rico e Manoel)
3. Mon amour, meu bem, ma femme (Reginaldo Rossi)
4. Alegria da vida (Paulo Sérgio Valle, Marcos Valle, Nelson Motta)
5. Rock and roll lullaby (Barry Mann, Cymthia Weill)
6. Seleções de Samba de Noel (Noel Rosa)

A Ficha Técnica do disco traz as seguintes informações:

Banda do 13º Batalhão de Infantaria Blindado

Coral do Curso de Formação de Cabos do 13ºBIB

Locutor: Ronaldo Follador

Técnica de gravação: Octopus – Curitiba (PR)

Prensagem do disco: Companhia Industrial de Discos – Rio de Janeiro (GB)

Arranjos: 1º Tenente José Vieira dos Santos; 1º Sargento Valêncio dos Santos e 1º Sargento Nadir Ferreira Soares.

Fotos: 2º Sargento Gercy Alves da Costa

Capa e narração: Major José Rodrigues dos Santos

Trabalhos gráficos: E. Kugler & CIA. LTDA. – Castro (PR)

Na década de 1980, a banda ganhou novo impulso. A reorganização dos quadros de músicos nas bandas do Exército Brasileiro fez com que no 13º BIB, a Banda de Música passasse a ser classificada como de “*categoria C*” contando

com um quadro de quarenta e sete músicos entre oficial, subtenente, sargentos, cabos e soldados.

Durante esse período, a Banda do 13 passou a apresentar-se em colégios estaduais, particulares e escolas municipais, realizando momentos cívicos nessas instituições de ensino, bem como apresentações didáticas sobre os instrumentos musicais que compõe os naipes da banda. Realizou também, em parceria com a Secretaria de Cultura do Município, diversas apresentações como as realizadas no programa “*Sexta as Seis*” que era levado ao público sempre a partir das dezoito horas nas sextas-feiras no palco da Concha Acústica da Praça Barão do rio Branco. Nessa fase ampliou-se o repertório de músicas populares e de músicas clássicas, atendendo aos mais variados gostos musicais.

Também, durante este período, foram realizadas centenas de apresentações em cidades da região dos Campos Gerais, como Castro, Piraí do Sul, Palmeira, Ipiranga e Jaguariaíva, bem como em outras cidades dos estados do Paraná e Santa Catarina. Ainda no início da década de 1980, a banda gravou mais um LP, desta vez contendo somente hinos e canções militares.

Vale ainda destacar que inúmeros integrantes da Banda do 13º BIB são oriundos desde a década de 1950 da Banda Escola Lyra dos Campos, que, criada em 1952, vem sendo celeiro formador de gerações de músicos pontagrossenses. A Banda Escola Lyra dos Campos, veio consolidar a tradição das bandas de música em Ponta Grossa, revivendo em seu nome a velha banda regida durante décadas por Jacob Holzmann.



Figura 2 - Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria - 1923 - Acervo Família Holzmann



Figura 3 - Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria utilizando o Uniforme Branco de Verão - década de 1930

Capítulo III

3. A BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS

3.1 O CONTEXTO CULTURAL DA DÉCADA DE 1950 EM PONTA GROSSA

A década de 1950 iniciava com significativas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. No plano político internacional desenrolava-se a Guerra Fria, trazendo uma acirrada disputa político-ideológica entre os blocos capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e Socialista, liderado pela União Soviética. Nesse contexto, o mundo passaria por inúmeras mudanças, e o Brasil, o Paraná e Ponta Grossa, naturalmente seriam influenciados pelos acontecimentos políticos e sociais.

Ao mesmo tempo em que o mundo se via bipolarizado, havia uma percepção de que na década de 50 as coisas estavam melhorando. Eric Hobsbawm afirma:

Durante os anos 50, sobretudo nos países “desenvolvidos” cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado, especialmente se suas lembranças alcançavam os anos anteriores à Segunda Guerra Mundial.²¹¹

No campo da música, a década de 1950 seria fortemente marcada por uma grande revolução com o advento do *Rock and Roll*, e principalmente com o surgimento dos grandes fenômenos musicais dos *Beatles* e dos *Rolling Stones*. Para Hobsbawm,

(...) a década de 1950 demonstrou da maneira mais sensacional, através do triunfo do *rock’n’roll*, um idioma de adolescentes derivado do *blues* urbano autóctone dos *guetos* negros da América do Norte, que as massas sabiam, ou pelo menos reconheciam aquilo de que gostavam.²¹²

O fenômeno do rock mudaria não somente o jeito de se fazer música, mas também, as formas de comportamento da juventude, impulsionada ao balanço do novo ritmo e estabelecendo um novo padrão cultural que marcaria significativa e irreversivelmente a cultura ocidental.

²¹¹ HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991. p. 253

²¹² Ibid. p. 496

A Era de ouro dos anos 1950 foi, de acordo com Hobsbawm, um fenômeno mundial, e no Brasil foi o período do Desenvolvimentismo, da modernização do país, sob as vertentes nacionalista e internacionalista. Nesse contexto, a administração municipal de Ponta Grossa, sob o comando do então prefeito Petronio Fernal, preocupou-se bastante com o desenvolvimento urbano da cidade, e logo no início de sua gestão buscou triplicar o orçamento do município com o auxílio do governo estadual. Buscou mecanizar os serviços a cargo do município comprando os equipamentos necessários para esse empreendimento, tais como caminhões, entre os quais alguns especialmente destinados à coleta de lixo, motoniveladoras e equipamentos de combate a incêndio para dotação do 2º Grupamento de Incêndio do Corpo de Bombeiros.

Fernal inaugurou ainda uma fábrica destinada à produção de tubos e manilhas, visando dotar a prefeitura de autonomia na produção destes materiais necessários para a realização de obras de infraestrutura pelo poder público municipal.²¹³

Segundo Chamma, *“Sua maior preocupação, entretanto, sempre foi, o saneamento e o serviço de distribuição de água na cidade.”*²¹⁴

Outra preocupação do governo municipal era com as obras de melhoramento nas vias públicas da cidade. Naquele momento ficava evidenciada essa preocupação pelas pavimentações realizadas na Avenida D. Pedro II no bairro da Nova Rússia, na rua Ermelino de Leão no bairro de Olarias, bem como o asfaltamento da Avenida Visconde de Mauá, principal via de Oficinas e que serve como saída para Curitiba²¹⁵.

Foi nesse período também que se instalaram treze açougues em diferentes bairros da cidade, todos sob o controle da municipalidade visando ao abastecimento de carne a preços acessíveis à população²¹⁶.

De acordo com a historiadora Carmencita de Holleben Mello Ditzel, Ponta Grossa, na década de 1950, era o segundo centro populacional do Estado, sendo que de sua população 80% encontrava-se no meio urbano. Essa pesquisadora aponta também que 77% dos habitantes acima de dez anos de

²¹³ CHAMMA, Guisela V. F. Ponta Grossa: a cidade, o povo e o poder. p. 98

²¹⁴ Loc. cit. p. 98

²¹⁵ Loc. cit. p. 98

²¹⁶ Loc. cit. p. 98

idade eram alfabetizadas. No tocante ao desenvolvimento cultural, Ditzel destaca a presença de *“6 jornais, 3 boletins, 3 cinemas, 13 associações literárias, 27 bibliotecas (particulares e públicas), 60 estabelecimentos de ensino primário, 12 de secundário e 2 de ensino superior.”*²¹⁷

Entretanto, não se pode negar que havia na cidade uma efervescência cultural a partir de iniciativas de intelectuais locais. Exemplos disso foram o Centro Cultural Euclides da Cunha e a Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê – SCABI .

O Centro Cultural Euclides da Cunha, idealizado por Faris Antonio Salomão Michaelis, foi fundado em 1948 com o objetivo de reunir intelectuais ponta-grossenses com diferentes vínculos institucionais, mas ligados por interesses comuns no campo cultural e que tinham como principal objetivo debater assuntos relacionados à cultura e aos valores da sociedade.

Ditzel afirma que,

O CCEC demonstra esta multiplicidade de vínculos, já eu seus integrantes atuam também em instituições formais de ensino, faculdades, escolas secundárias e ginásios, expressando as ideias e valores assumidos pelo grupo. De acordo com os critérios estabelecidos, o Centro se classificaria como um porta-voz da cultura erudita e criadora.²¹⁸

O Centro Cultural pretendia desenvolver a literatura, a ciência e as artes. Seus membros procuraram manter um intercâmbio com outros países latino-americanos. A organização do CCEC se assemelhava de alguma forma à da Academia Brasileira de Letras²¹⁹. Segundo Ditzel, o estatuto do Centro Cultural Euclides da Cunha preconizava:

Realização de cursos, conferencias, palestras e reuniões culturais; divulgação de obras científicas, literárias e artísticas nacionais e dos demais países americanos; publicação de um jornal trimestral; organização de uma biblioteca e sala de leitura; realização de maratonas intelectuais periódicas para estimular na juventude o gosto pelas ciências, letras e artes.²²⁰

²¹⁷ DITZEL, Carmencita de H. Mello. O arraial do Pitangui: o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa. In: Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais. p. 215

²¹⁸ Ibid. p. 212

²¹⁹ Ibid. p. 216

²²⁰ Id. “Verde que te quero verde”: o Integralismo nos Campos Gerais. p. 43 In: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/612/20096> pesquisado em 28/05/2018

Ditzel destaca ainda que entre esses intelectuais ponta-grossenses havia uma grande diversidade do ponto de vista da ideologia política, pois o CCEC congregava integralistas, udenistas, social-democratas e comunistas. Entretanto, essa pesquisadora afirma ainda que *“Os integrantes do Centro Cultural defendiam uma linha de conduta de neutralidade política para a instituição e de uma produção cultural objetiva preocupada com a verdade”*²²¹.

Em setembro de 1950, através do jornal “O Tapejara”, o Centro Cultural Euclides da Cunha anunciava a criação do Museu Campos Gerais, sendo essa instituição cultural um departamento do CCEC.

O Centro Cultural ‘Euclides da Cunha’ como é do conhecimento de todos, inaugurará dentro de poucos dias, o Museu dos Campos Gerais, que é uma das dependências da prestigiosa entidade. Constará o mesmo de três departamentos: antropológico, geológico e entomológico, respectivamente dirigidos pelos srs. Dr. Faris Antonio S. Michaelle, Waldemar Lange e Felipe Justus²²².

Vale ainda destacar que muitos dos membros do CCEC participaram da fundação das primeiras faculdades da cidade, bem como da implantação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.²²³

Já outra agremiação cultural, a Sociedade de Cultura Artística Brasilão Itiberê - uma ramificação da mesma organização cultural em Curitiba - foi fundada também nesse período. Essa associação tinha como objetivo *“difundir a arte através de espetáculos com a participação de orquestras, instrumentistas, cantores líricos, balé clássico ou folclórico.”*²²⁴

Quem liderava as iniciativas de desenvolvimento de um ambiente cultural em Ponta Grossa naquele momento era o médico e vereador Adam Polan Kossobudzki. A implantação da SCABI na cidade ocorreu no dia 1º de setembro de 1949 nos salões do Clube Guaíra. Segundo a historiadora Aída Mansani Lavallo, *“Na década de 50, os interessados em arte puderam, mensalmente,*

²²¹ DITZEL, Carmencita de H. Mello. O arraial do Pitangui: o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa. In: Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais. p. 214 e 215

²²² Jornal Literário “O Tapejara. Ponta Grossa 3 de setembro de 1950 in:

<http://www.memoriasdigitais.uepg.br/files/original/f7810026881fedd6e721e395b9de6c6d.pdf>

pesquisado em 28/05/2018

²²³ DITZEL, op. cit. p. 221

²²⁴ LAVALLE, Aída Mansani. Germânia Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. p. 201

*ampliar sua cultura e deleitar-se, apreciando o que de melhor já tinha sido visto na cidade.*²²⁵”

Os eventos culturais promovidos pela SCABI nos salões do Clube Guaíra, ou no Cine Ópera, realizavam-se mensalmente, entretanto, sem acontecer em um dia fixo. Participaram desses shows e concertos artistas e músicos de renome internacional, inclusive vindo artistas norte-americanos, conjunto de danças espanholas, cantores italianos, recitais entre outros. O pagamento de artistas internacionais era feito em dólar, gerando um custo muito alto²²⁶.

A respeito da SCABI, a pesquisadora Georgeana Vendrami afirma que

Um fator fundamental para o fomento da música e da movimentação artística em Ponta Grossa nesse período, (...), foi a instalação da filial da SCABI em outubro de 1949, cujas atividades duraram dez anos na cidade²²⁷.

Vendrami considera ainda que

A SCABI atuou, sem fins lucrativos, entre 1945 e 1976. Promoveu e patrocinou inúmeros concertos, recitais, palestras e cursos apresentados por músicos de renome internacional com o objetivo de incentivar e disseminar a cultura musical em Curitiba, o que, posteriormente, se estendeu a Ponta Grossa. ²²⁸

Ainda na década de 1950, a cidade ganhava mais uma agremiação cultural. A Orquestra sinfônica de Ponta Grossa – OSPG - fundada em 4 de julho de 1954 por um grupo de amadores desejosos de tocar música erudita. Essa orquestra realizou seu primeiro concerto em 15 de setembro de 1955 nos salões do Clube Guaíra, durante as comemorações do 132º aniversário de Ponta Grossa.²²⁹ A criação da OSPG repercutiu nacionalmente conforme carta enviada pelo então Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica Brasileira, maestro Eleazar de Carvalho ao presidente do novo conjunto musical ponta-grossense. Escreveu o referido maestro:

“Foi com imenso prazer que, chegando dos Estados Unidos da América do Norte, recebi sua carta de 29 de junho p.p., na qual V. Sa. Oferta à Orquestra Sinfônica Brasileira uma fotografia e uma flâmula da Orquestra sinfônica de Ponta Grossa.

²²⁵ LAVALLE, Aída Mansani. Germânia Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. p. 201

²²⁶ Ibid. p. 204 e 205

²²⁷ VENDRAMI, Geogean Lanzini. Conservatório de Música de Ponta Grossa: (Re) Produção cultural e distinção social (1971 – 1995). p. 53

²²⁸ Ibid. p. 48

²²⁹ MAIA, Fábio Mauricio Holzmann. Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa: 45 anos de música erudita. In: CHAVES, Niltonci B. (Org.) Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições. p. 171 e 172

É com satisfação e alegria que agradeço em nome da OSB e no meu próprio aquela oferta e ainda mais – louvo o povo de Ponta Grossa por possuir uma orquestra sinfônica, coisa rara nesse nosso Brasil, apesar de ser através da música que se afere a cultura de um povo.

Desejo a êsse novel conjunto orquestral os melhores votos de sucesso e um futuro cheio de prosperidade.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Sa. Os protestos de minha estima e consideração.

Atenciosamente

ELEAZAR DE CARVALHO

Diretor Artístico e Regente Titular da O.S.B.²³⁰

Percebe-se que a vida cultural em Ponta Grossa parece ter sido bastante intensa durante a década de 1950, seja no campo literário ou nas diversas formas de linguagem artísticas, destacando-se a música, evocando uma tradição que vinha se construindo a área musical desde as últimas décadas do século XIX, conforme já mencionado no capítulo anterior. É nesse contexto que foi criada a Banda Escola Lyra dos Campos, continuadora da tradição das Bandas de Música na cidade, e que pode ser considerada como parte do patrimônio cultural imaterial local.

3.2 A CRIAÇÃO DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS: do projeto, passando pelo veto até a promulgação da lei 569/52

As maiores preocupações da municipalidade entre fins da década de 1940 e início da década de 1950 estavam voltadas, como se percebe, para obras de infraestrutura, como já mencionado anteriormente, ficando em segundo plano projetos culturais que aconteciam por iniciativas particulares como os já citados casos do “*Centro Cultural Euclides da Cunha*” e a *SCABI*.

Foi nesse contexto que, em 14 de julho de 1952, o subtenente Músico Reformado Agenor Veiga, escreveu uma carta endereçada à Câmara Municipal, sugerindo a criação de uma Banda de Música municipal, pois segundo argumentava, outros municípios possuíam suas Euterpes. Veiga enviou ainda uma relação de instrumentos musicais com seus respectivos preços e uma listagem contendo os nomes dos 24 músicos que estariam em condições de formar a banda. Pela proposta desse militar e ex-integrante da Banda do 13 RI,

²³⁰ Carta do Maestro Eleazar de Carvalho datada de 29 de agosto de 1956. Acervo OSPG

a Banda Musical municipal poderia ser formada por músicos reformados daquela Organização Militar, que possuíam experiência e formação musical.

Diz a carta do referido músico:

Ponta Grossa, 14 de julho de 1952

Exms Srs Vereadores da Câmara Municipal desta cidade

De há muito tempo que venho acompanhando os vossos trabalhos afim de tornar sempre maior esta nossa cidade e também ao município, atendendo as necessidades do povo e fazendo tudo para que sempre haja progresso e conhecimento na comunidade. Isto sempre sem poupar esforços nas vossas reuniões para tratar de problemas e procurar sempre na medida do possível, atender ao povo.

Eu estava aguardando uma oportunidade para dar minha sugestão em um setor que ainda não se tratou em nossa cidade. Trata-se da organização de uma banda musical do município, pois só por meio da Câmara de Vereadores poder-se-ia resolver este problema, quer dizer aprovar ou rejeitar esta minha sugestão, através dos poderes competentes. Podemos citar muitas cidades do nosso Estado que já possuem banda de música, como por exemplo Londrina, Siqueira Campos, Teixeira Soares, Tomazina, Jacarezinho, Caropolis. Sendo Ponta Grossa um centro cultural já bem adiantado, é justo que também tenha sua banda de música para concorrer mais ainda para o seu crescente desenvolvimento. Esperando vossa solução, agradeço a atenção dispensada.

Subcrevo-me atenciosamente

Agenor Veiga

Sub-tenente músico da Reserva do 13º RI²³¹

Veiga encaminhou também uma relação com 24 nomes de músicos reformados do 13º RI que estariam preparados para integrar a futura corporação musical²³², bem como uma relação de instrumentos musicais necessários para a criação da banda, inclusive contendo um orçamento prévio com os preços destes. Na relação de instrumentos constam: 1 Requinta, 4 clarinetes, 3 pistões (hoje mais comumente conhecidos como trompetes), 3 trombones, 2 bombardinos, 1 barítono, 1 saxofone soprano, 1 saxofone alto, 1 saxofone tenor, 3 trompas, 2 tubas, 1 bombo, 1 par de pratos e 1 caixa – repique. O total dos

²³¹ Carta do Subtenente Músico Reformado Agenor Veiga endereçada à Câmara Municipal de Ponta Grossa. Acervo do Museu Campos Gerais.

²³² Relação de nomes assinada por Agenor Veiga datada de 8 de setembro de 1952. Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa.

custos estimados para a aquisição desse instrumental somava CR\$ 43.105,00 (quarenta e três mil, cento e cinco cruzeiros)²³³.

Como já foi mencionado no primeiro capítulo, essa tradição que se construiu desde o século XIX, em relação à presença das bandas de música nas cidades brasileiras, e que é evocada por Agenor Veiga quando justifica sua proposta de criação de uma banda musical em Ponta Grossa, já que outras cidades do Estado possuíam suas bandas pode ser compreendida pela afirmativa de Tinhorão já citada no referido capítulo:

A continuidade da tradição no campo da música instrumental ao gosto de amplas camadas das cidades, iniciada em meados de Setecentos pelos ternos de barbeiros com a chamada música de porta de igreja, ia ser garantida a partir da segunda metade do século XIX pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas pequenas bandas municipais ou líras formadas por mestres interioranos, nas cidades menores.²³⁴

Assim, através do projeto de Lei nº 709/52 apresentado pelo vereador Guilherme Augusto Knechtel, a ideia da criação de uma Banda de Música sugerida por Agenor Veiga começava a se tornar uma realidade. O referido Projeto de lei previa a criação da Banda de Música Municipal composta por 24 componentes e mais um regente e deveria realizar concertos no *Auditorium* Municipal localizado na Praça Barão do Rio Branco. O *Auditorium* a que se referia o ilustre vereador é a Concha Acústica localizada naquela praça, e que foi inaugurada em 3 de maio de 1938 durante a gestão do prefeito Albary Guimarães.

Na justificativa do Projeto de Lei, Knechtel afirmava que outras cidades paranaenses, mesmo tendo população menor do que Ponta Grossa, tinham as suas Bandas de Música bem organizadas. Escreveu na justificativa do projeto o referido vereador:

Cidades outras de nosso Estado, com populações menores do que a nossa, com menos probabilidades atuais e futuras, possuem as suas Bandas de Música Municipais, bem organizadas, que reúnem em torno de seus corêtos multidões de apreciadores da boa música que, além de divertir e suavizar a existência, é um estímulo ao desenvolvimento cultural, no sublime encanto de Euterpe, não podia Ponta Grossa, que se ufana de seu Civismo, de seu progresso, de suas obras

²³³ Relação de instrumentos musicais enviada por Agenor Veiga para a Câmara Municipal. Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa. Para se ter uma ideia do montante solicitado, o valor do salário mínimo à época, definido pelo Decreto nº30342 de 1951, era de Cr\$ 1.200,00.

²³⁴ TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. p. 187

intelectuais, onde se vislumbra acentuadamente a Cidade Universitária que, contando com um ótimo corêto, classificado de Auditorium Municipal, estar desprovido de uma Banda de Música, quando é fácil a bôa vontade e o descortino de sua gente.²³⁵(...) Com retretas aos Domingos, Feriados e outros a critério do Executivo Municipal, será um ponto de atração, acessível a cada um, que pela sua sublime harmonia, em suas vibrações evocarão as horas felizes, retemperando os nervos e revigorando o espírito, gozando uma recompensa da labuta cotidiana, em seus jardins, usufruindo o ar vivificante, tendo por teto as constelações do Cruzeiro do Sul.²³⁶

Inicialmente, o projeto previa a formação da banda com militares reformados da Banda do 13º RI, entretanto, a Comissão de Legislação e Justiça, posicionou-se contrária a formação da banda com componentes oriundos da banda militar, pois dois decretos federais, o 19.576 de 8 de janeiro e 19.949 de 2 de maio, ambos do ano de 1931 proibiam o acúmulo de cargos públicos²³⁷.

Foi então apresentado o projeto de Lei 709/52 e após as discussões, o referido projeto foi aprovado, sendo promulgada a Lei 569/52 criando a Banda Lyra dos Campos. No dia 6 de novembro de 1952, através do ofício 1.125/52, o então presidente da Câmara Municipal de Ponta Grossa, vereador Adelino Machado de Oliveira, encaminhou a referida lei para sanção do Chefe do poder Executivo²³⁸.

Entretanto, a Lei foi vetada, e o prefeito Petronio Fernal enviou o ofício nº 749/52, através do qual justificava o veto à lei que criaria a Lyra dos Campos sob a alegação de que

(...) Levo ao conhecimento de V. Excia. Que resolvi vetar integralmente a referida lei, por considera-la no momento, contrária aos interesses do município e em completo contraste com o espírito, que preside a atual administração pública, espírito que é o de economizar recursos para serem aplicados em obras de imediato interesse da coletividade pontagrossense, como a que se prende ao levantamento topográfico da cidade, serviço fundamental ao planejamento da nova rede de água e esgotos e na solvência das dívidas assumidas com a aquisição do maquinário já encomendado.

Trata-se, indiscutivelmente, de uma despesa de caráter perfeitamente adiável, embora reconheça louvável iniciativa, que

²³⁵ Justificativa contida no Projeto de Lei nº 709/52. Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa

²³⁶ Ibid.

²³⁷ Quanto ao fato de na criação da banda substituir-se a proposta de militares da reserva por crianças e adolescentes, não há nos arquivos da Câmara Municipal ou da Prefeitura e nem mesmo da “Lyra dos Campos” nenhum documento que explique essa medida. A única documentação que se refere à criação da “Banda Escola Lyra dos Campos” são os documentos oficiais já anteriormente mencionados.

²³⁸ Projeto de Lei nº 709/52. Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa

poderá ser cristalizada quando as finanças do município estiverem menos assoberbada de compromissos, que preocupam seriamente a administração. Assim, faço um apelo aos exmos. Snrs. Vereadores no sentido de que seja aceito o presente veto, inspirado no sincero desejo de servir aos verdadeiros *interesses do município*.²³⁹.

Ao que parece, o investimento na produção cultural não era uma prioridade da administração municipal naquele momento, estando o poder público voltado mais para as questões referentes à infraestrutura da cidade. Talvez isso explique o veto. Mesmo com essa postura por parte do executivo, o veto foi derrubado por oito votos contra dois no Legislativo. Apenas um vereador votou em branco e sendo assim, a lei foi promulgada no dia 22 de novembro de 1952, dia esse dedicado à Santa Cecília, considerada padroeira dos músicos e por conseguinte data comemorada como “*Dia do Músico*”. O então Presidente da Câmara Municipal Vereador Adelino Machado de Oliveira, enviou um ofício ao prefeito comunicando a derrubada do veto nos seguintes termos:

Tenho a honra de comunicar a Va. Excia. Que esta Câmara Municipal, na sessão realizada em data de ontem, rejeitou o veto dêsse Poder Executivo, oposto à Lei nº 569, de 3 do corrente. Isto posto, de acordo com o art. 30º das Disposições Orgânicas do Município, passo às mãos de Va. Excia., em retorno, a citada Lei nº569. (...) ²⁴⁰

A data da promulgação da lei pelo Poder Legislativo seria uma coincidência? Haveria alguma intenção por parte dos vereadores na escolha da data da sanção da lei? Isso não se sabe, no entanto, a já referida lei no seu artigo 1º autorizava o poder executivo municipal a criar uma Banda Musical composta por um Maestro-regente e mais 24 músicos. Estabelecia ainda o valor de Dois Mil Cruzeiros como ajuda de custo mensal a ser paga ao maestro, e trezentos cruzeiros para cada um os músicos. Também ficava determinado o fornecimento anual de fardamento para os músicos por parte do município, o qual deveria ainda adquirir os instrumentos musicais necessários para o funcionamento da Banda. Dessa forma, a lei Municipal nº 569/52 criava a Banda Lyra dos Campos, uma Banda Escola formadora de jovens músicos.

Entre as atribuições da banda de Música previa-se a realização de retretas, concertos, tocatas, tanto no município, quanto fora dele.

²³⁹ Ofício 749/52 de 12/11/52 do Prefeito Municipal ao Presidente da Câmara Municipal de Ponta Grossa

²⁴⁰ Ofício 1.179/52 de 18 de novembro de 1952

No artigo 6º da lei 569, foi prevista uma abertura de crédito de setenta mil cruzeiros, destinados a dotar a Banda do necessário para que seu funcionamento se tornasse possível, entrando logo em atividade.

Com a criação da Banda foi convidado para organizá-la o Tenente Paulino Martins Alves, maestro já conhecido da população princesina desde que esteve à frente da Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria. O Tenente Paulino encontrava-se já reformado do Exército Brasileiro, onde havia seguido a carreira de músico, estando dessa forma habilitado à tarefa de formar os músicos que comporiam os quadros da Banda.

3.3 O PRIMEIRO MAESTRO - O TENENTE PAULINO MARTINS ALVES

Músico, militar, compositor e maestro, Paulino Martins Alves nasceu em Palmeira – Paraná no dia 14 de maio de 1893, filho do casal Paulino Martins e Alexandrina da Conceição Martins. Após ficar órfão residiu em Curitiba durante a infância onde cursou a Escola Primária de Lindolfo Pombo e posteriormente a Escola da Maçonaria.

Numa época em que era comum crianças e adolescentes trabalharem desde tenra idade com o objetivo de colaborar com a renda familiar, o garoto Paulino teve seu primeiro trabalho como entregador de roupas lavadas pela família. Posteriormente foi carregador de malas na Estação Ferroviária, vendedor de jornais e revistas e mensageiro. Trabalhou ainda na Agência Lafite de transportes de mercadorias onde era conhecido como o “rápido nº 1”. Segundo consta, a Baronesa do Cerro Azul, sempre que necessitava dos serviços da agência recomendava que mandassem o “Rápido nº 1!”.

Ainda adolescente, ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro como voluntário assentando praça no 14º Regimento de Cavalaria em Curitiba, onde iniciou seus estudos musicais na Banda daquela Organização Militar em 1908 aprendendo a tocar trombone com o maestro Caetano Barleta.

Três meses depois de sua iniciação musical, foi promovido a Músico de 3ª Classe e transferido para o 6º Regimento de Infantaria onde foi promovido a Músico de 2ª Classe e de 1ª Classe sucessivamente.

Posteriormente foi transferido para o 5º Regimento de Infantaria sediado em Ponta Grossa, onde desligou-se do serviço militar em 1911.

Em 21 de dezembro de 1912 casou-se com Emília da Costa com quem teve oito filhos: Railda, Izilda, Ismênia, Licéia, Célia, Maria José, Aliandino - único filho homem – e Izabel. Ela conta que o maestro desejava que os filhos aprendessem violino, e para isso chegou a contratar um professor particular para ministrar aulas do instrumento em sua casa. Entretanto, nenhum dos filhos aprendeu música²⁴¹.

Além de ter sido músico militar, o Maestro Paulino organizou a Banda Musical “Lyra Cosmopolita Iratiense” em 1913 na vizinha cidade de Irati, e as Orquestras “Sinfônica Lyra de Porto União” e Banda de Música do Clube Apolo em União da Vitória em 1914²⁴².

Atendendo a convite do Coronel Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Bello, retornou para o serviço ativo do Exército, sendo reincluído no 5º Regimento de Infantaria em Ponta Grossa²⁴³.

Transferido para Florianópolis, prestou concurso para preenchimento de vaga de regente e, aprovado, foi promovido a 1º Sargento Mestre de Música, sendo em 1919 transferido para o 13º Batalhão de Caçadores sediado em Joinville, onde serviu por doze anos. Naquela cidade organizou e foi maestro da Orquestra “Harmônica Lyra de Joinville” – Orquestra Harmonie-Lyra²⁴⁴.

Em 1931 foi transferido para o 13º Regimento de Infantaria em Ponta Grossa, onde viria a se tornar regente da Banda de Música, sendo que nessa Organização Militar permaneceu por treze anos, encerrando uma brilhante carreira militar no ano de 1944, contando 33 anos de bons serviços prestados ao Exército e à Nação. Quando de sua transferência para a Reserva Remunerada do Exército, foi elogiado pelo comandante do 13º Regimento de Infantaria em Boletim daquela Unidade donde destacamos o seguinte trecho:

Ao desligar o 2º Tenente PAULINO MARTINS ALVES do estado efetivo do Regimento, em virtude de sua transferência para a Reserva Remunerada, o faço com um mixto de alegria e tristeza. Alegria por vêr coroado de êxito uma existência de bons serviços prestados ao nosso Exército. Tristeza por vêr afastar-se do nosso convívio um oficial cumpridor de seus deveres, artista perfeito e sobretudo um exemplar camarada. O TENENTE PAULINO, dos 33 anos de serviço ativo prestou no nosso Regimento 13, sempre com a mesma dedicação,

²⁴¹ Diário dos Campos. Ponta Grossa 27/04/2004

²⁴² Ibid.

²⁴³ Ibid.

²⁴⁴ Ibid.

demonstrando conhecimentos completos de sua arte possuindo pendores verdadeiramente artísticos.

Durante quase meio século de atividade produtiva executou notáveis e popularíssimas composições musicais tais como a marcha “JARDINEIRA” consagrada em todo o Brasil, “BEQUINHA” e muitas outras; Sendo suas também a notável orquestração da Canção “VENCIDOS, NUNCA!” Hino de Guerra do glorioso 13º R.I.

O TENENTE PAULINO pela sua fina educação a par de sua esmerada arte, sempre se impôs no conceito de seus subordinados e chefes.

O 13º R.I., onde esse brilhante artista passou tão grande tempo de sua fecunda e admirável existência, resolve consignar publicamente, em despedida e como justo preito de homenagem a sua laboriosa dedicação a serviço da Pátria, os mais francos elogios por tudo quanto esse mestre de música fez em prol do Exército a quem deu os melhores exemplos, guiando seus subordinados pelo caminho réto do dever e ministrando-lhes os mais perfeitos ensinamentos de sua nobilíssima arte²⁴⁵.

Vale aqui destacar que ainda como militar o Tenente Paulino tomou parte na Campanha do Contestado e nas Revoluções de 1924, 1925, 1930 e 1932 e ainda do movimento de 1937 na implantação do Estado Novo. Há inclusive o registro de uma composição do Maestro Paulino intitulada “*Hino do Estado Novo no Brasil*”²⁴⁶.

Após sua transferência para a Reserva Remunerada do Exército Brasileiro, o referido maestro foi convidado pelo poder público municipal de Ponta Grossa para organizar em 1952 a Banda Escola Lyra dos Campos e dois anos depois passou a ser também o maestro da Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa, deixando uma marca indelével na História da Música dos Campos Gerais.

Enquanto compositor escreveu dezenas de dobrados, marchas, valsas, e outros gêneros musicais. Entre suas composições podemos destacar as marchas “*Hermes Macedo*”, “*Ministro Gaspar Dutra*”, “*Os 18 do Forte*” e “*Marcha da Bandinha*”, as valsas “*Deusas Catarinenses*”, “*Despertando*”, “*Beija-me*”, e os Dobrados “*Paraquedista*”, “*Imaruy*” e “*Tipiti*”, além da “*Canção do 13º Batalhão de Infantaria Blindado*”.²⁴⁷

²⁴⁵ Folhas de Alterações do Tenente Paulino Martins Alves. Arquivo do 13º Batalhão de Infantaria Blindado. 2º semestre de 1944

²⁴⁶ Diário dos Campos. Ponta Grossa 27/04/2004

²⁴⁷ Arquivo da Banda Escola Lyra dos Campos.



Figura 4 - Foto: Tenente Paulino Martins Alves na sala de ensaios da Banda de Música do 13º Regimento de Infantaria – década de 1930 – Acervo Fábio Mauricio Holzmann Maia

Foi homenageado em 1960 com o Título de Cidadão Ponta-grossense concedido pela Lei 1209 de 7 de março de 1960, sendo Presidente da Câmara Municipal o vereador João Alves Pereira e secretário Daniel Kravchychyn.²⁴⁸ Em 1970, o então Prefeito Municipal Cyro Martins, denominou oficialmente a Escola Municipal de Música com o nome de Escola Maestro Paulino Martins Alves – atual Conservatório²⁴⁹. Recebeu ainda em 1989 através do Decreto nº 280/1989 homenagem da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa com a denominação de uma rua no Jardim Santana do Sabará²⁵⁰.

Alfredo Bertoldo Klas escreve sobre o maestro: “O Tenente Paulino concretizou seu ideal de formar a Banda Lyra dos Campos, fonte permanente de bons instrumentistas para as bandas militares.”²⁵¹

O Maestro Paulino Martins Alves faleceu em Ponta Grossa no dia 7 de dezembro de 1973.

²⁴⁸ Arquivo da Câmara Municipal de Ponta Grossa. Livro de Leis 1201 à 1215, vol 81

²⁴⁹ Decreto Lei nº 232/72.

²⁵⁰ Decreto Lei nº 280/1989

²⁵¹ KLAS, Alfredo Bertoldo. Antologia da Academia de Letras dos Campos Gerais. Nº 4, 2006 p. 128

3.4 MAESTRO PAULINO À FRENTE DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS: ORGANIZAÇÃO DA CORPORAÇÃO E O MÉTODO DE ENSINO DE MÚSICA DO MAESTRO

Após a promulgação da lei 569/52 que criou oficialmente a Banda Escola Lyra dos Campos, o então vereador Guilherme Augusto Knechtel, delegou ao Tenente Paulino Martins Alves a incumbência de realizar a compra do instrumental necessário para o funcionamento da futura Banda de Música.

Dessa forma, o maestro rumou para a capital paulista no início do ano de 1953, adquirindo um contrabaixo, dois bombardinos, três trombones, quatro pistões, quatro clarinetas, um bombo, uma caixa surda, uma caixa clara, um par de pratos e uma requinta.²⁵² Segundo Retko, após serem adquiridos os instrumentos houve a sobra de CR\$ 8.000,00 cruzeiros, verba que o Tenente Paulino utilizou para mandar confeccionar cinco bancos, uma mesa, uma estante para regência e um quadro-negro.²⁵³

Para iniciar suas atividades ainda como uma Escola de Música, a Banda Lyra dos Campos teve sua primeira sede localizada em uma sala da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, àquela época situada na Rua Doutor Colares, esquina com a rua Engenheiro Schamber.²⁵⁴

Ao assumir de maneira efetiva a direção da recém-criada Banda de Música Municipal, o Maestro Paulino Martins Alves passou a ministrar aulas de música, seja de teoria musical, seja do instrumento respectivo de cada aluno integrante.

Dentre os primeiros alunos que integraram a Banda Escola Lyra dos Campos, encontramos no Álbum de Ponta Grossa de 1975 os seguintes nomes: Alberanir Coelho de Andrade, Ailton Hernandez, Antonio Klepa, Altair Seiller, Arthur Celso M. Taques, Aroldo Kekina, Benedito Talar, Carlos Roberto Miranda, Carlos Ney Pereira dos Santos, Celso Marçal, Caeforos Viana de Moraes, Daniel Kekina, Dalton Scheidt, Dirceu M. Fernandes, Everaldo Brito Costa, Gilberto

²⁵² RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa. Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História e Região – UEPG – 1999. p. 61

²⁵³ Ibid. p. 61

²⁵⁴ Ibid p. 62

Martins, João Maria Silvestre, José Carlos Fernandes Taques, Leocádio Fernandes, Luís Carlos Fernandes, Luiz Borsa, Luiz José Schmultler, Luiz Pedro Krul, Mario Tech, Nelson Macedo, Odimir Dimbarre, Onocyr Carneiro Silva, Osny Telinski, Oilson Schmidt, Ricardo Kreinski, Romualdo Baumel, Roberto Tavares, Ubiratam Martinho Baggio, Walter Weber e Wilson Pereira dos Santos²⁵⁵.

Além desses músicos havia também a balisa Lucy Vilela, que se postava nos desfiles à frente da Banda. É interessante observar que era a única menina que fazia parte do conjunto que por muitos anos teve nos seus quadros apenas jovens do sexo masculino. Somente depois do ano 2000 é que a *Bandinha* passou a contar nos seus quadros de músicos com a presença feminina.

A origem social dos meninos que formavam a banda parece ter sido predominantemente de jovens da periferia da cidade, oriundos de famílias possuidoras de poucos recursos financeiros. Segundo Ana Mairlene Moleta Retko,

Os primeiros alunos da bandinha eram em sua maioria meninos pobres de várias procedências, engraxates, jornaleiros, etc²⁵⁶.
Essa mesma pesquisadora escreve ainda que “(...) também, integraram a bandinha em sua fase inicial jovens adolescentes que pertenciam a uma classe social mais privilegiada²⁵⁷.”

De acordo com ela, os jovens pertencentes a esse segmento social passaram a buscar sua integração à bandinha depois da repercussão da vitória obtida pela “*Lyra*” no “1º Concurso Paranaense de Bandas Cívicas e Militares”, realizado na Capital do Estado em 1958.

Retko afirma ainda que

Quando o garoto apresentava-se sem nenhum conhecimento musical, o próprio Tenente Paulino por intuição determinava qual instrumento seria melhor, observando inclusive a constituição física do aluno, como a caixa torácica, isso em virtude da força física mais exigida para alguns instrumentos de sopro.²⁵⁸

²⁵⁵ Álbum de Ponta Grossa. Publicação comemorativa do 152º Aniversário de Ponta Grossa. p. 38

²⁵⁶ RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa. Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História e Região – UEPG – 1999. p. 64

²⁵⁶ RETKO, Loc. cit.

²⁵⁷ RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa.

Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História e Região – UEPG – 1999. Loc. cit. p. 66

²⁵⁸ Ibid. p. 64

A organização da Banda com meninos fez com que a população princesina passasse a denominá-la carinhosamente como a “Bandinha”, título este que até os dias de hoje é marco de referência quando se fala da Banda Escola Lyra dos Campos.

A formação musical daqueles primeiros jovens que viriam a integrar a “Bandinha”, se dava de modo peculiar sob a batuta do Maestro Paulino.

Quando o menino se matriculava na Banda como aprendiz, o maestro determinava que fossem comprados dois “*caderninhos*”: brochura pautados para música e um pequeno livro chamado “*ABC Musical*”. Sua metodologia de ensino caracterizava-se por escrever as lições manuscritas nos cadernos conforme o grau de desenvolvimento de cada aluno. Esses alunos eram crianças e adolescentes que, ao se maticularem na Banda, passavam a receber o ensino de música individualmente. O maestro Paulino atendia a cada um dos aprendizes de acordo com as possibilidades desse aluno, fazendo nos cadernos desses iniciantes na arte musical lições personalizadas, adaptadas à capacidade de desenvolvimento de cada um.

O caderno a seguir, pertencente a Ângelo Tadeu Góes Farago, aluno da banda Lyra dos Campos na década de 1970, demonstra parte desse material didático utilizado pelo Maestro Paulino Martins Alves.



Figura 5 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago – Acervo Família Farago

As primeiras páginas trazem a teoria musical básica dentro do processo de aprendizado da música, conforme pode ser visto na imagem a seguir. Fica evidenciado também que o maestro atribuíu notas no valor de zero a 10, grafando em vermelho a nota obtida pelo aluno na lição apresentada.

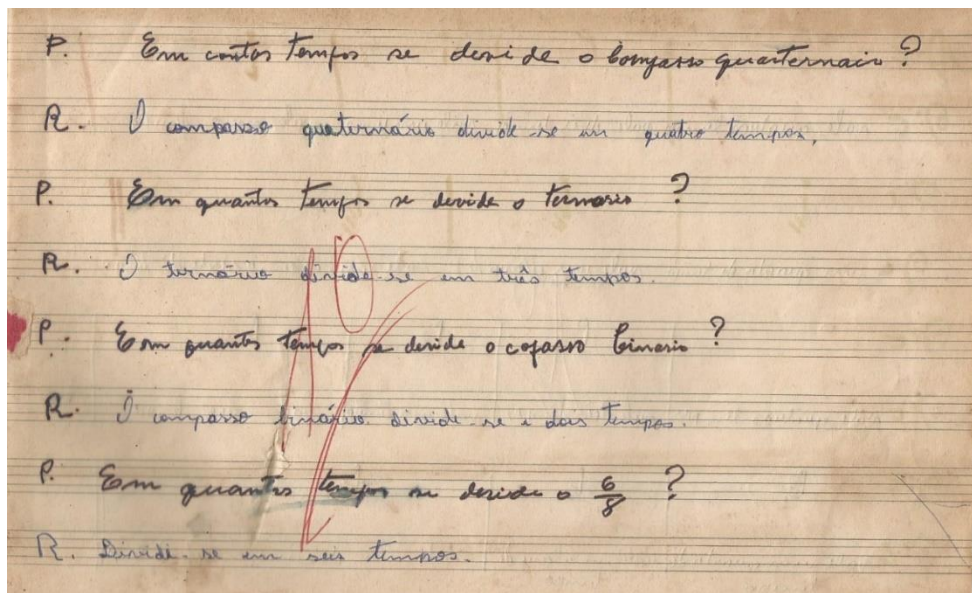


Figura 6 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago

Quanto a escrita musical, pode ser observado seu caráter progressivo ao analisar o caderno, pois o grau de dificuldade na escrita da música vai aumentando paulatinamente, de forma que é possível pensar que o maestro buscava atender às condições apresentadas pelo aluno, a cada lição apreendida. Isso pode ser observado nas imagens a seguir, onde o estudo inicia-se pela semibreve, nota musical de maior duração e portanto mais fácil de ser lida e executada, passando para as notas de duração menor, como a mínima, semínima, colcheia, semicolcheia, fusa e semifusa, o que exigia cada vez mais do aluno rapidez na leitura e execução das notas.

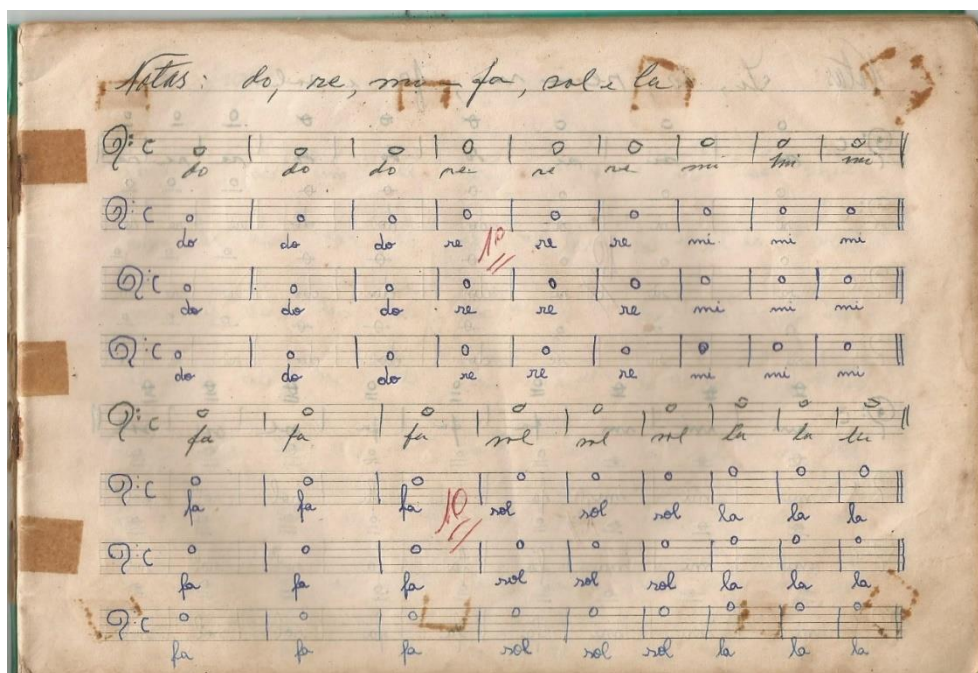


Figura 7 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago

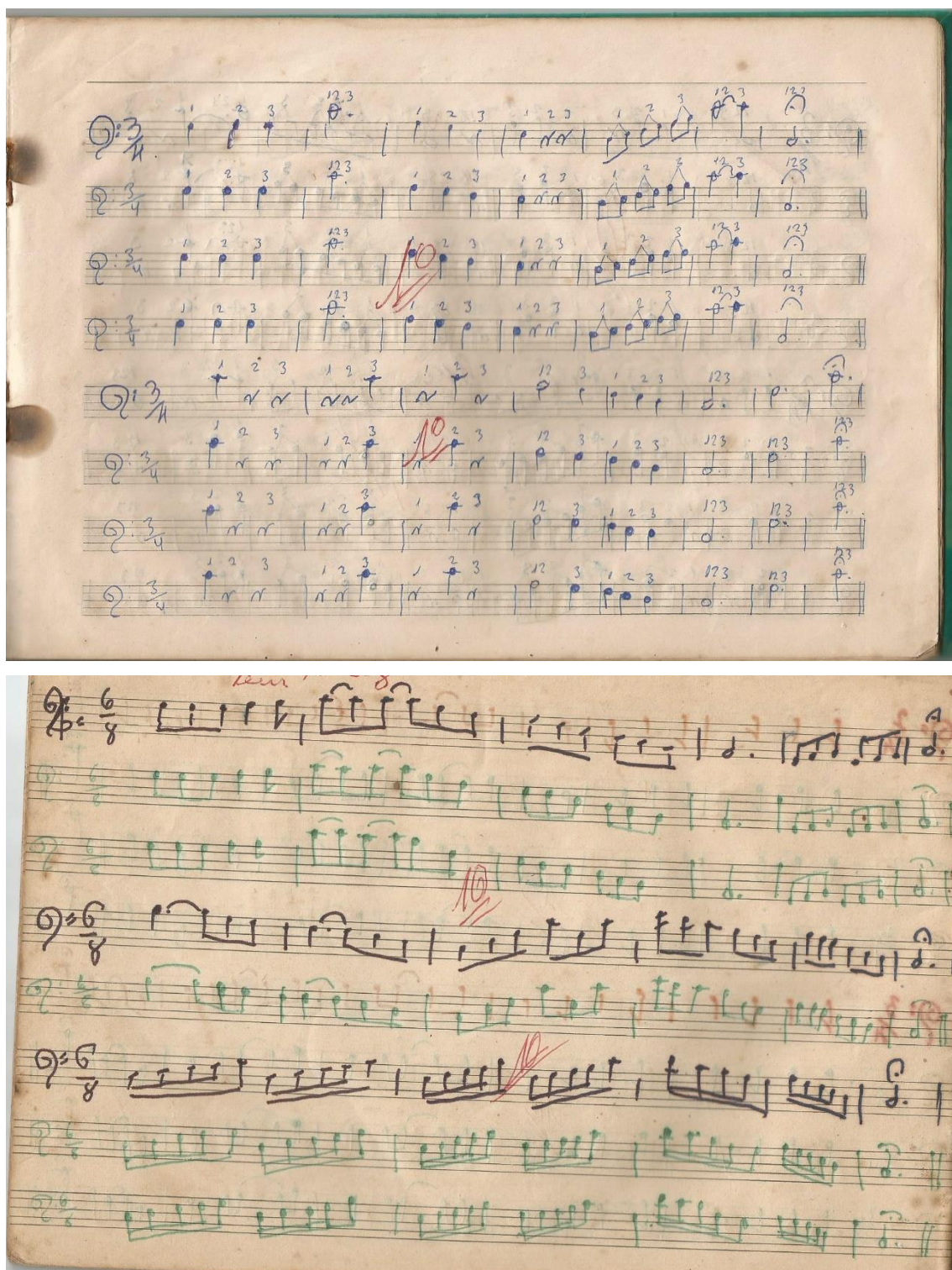


Figura 8 - Caderno musical pertencente a Angelo Tadeu Góes Farago - Acervo Família Farago

Sobre essa metodologia e o material didático utilizado pelo maestro, Retko afirma:

Como a maioria dos integrantes da banda no seu início fossem de crianças pobres e não pudessem adquirir um bom método musical, o Tenente Paulino pedia-lhes que comprassem um 'livrinho' de teoria musical (método), e dois cadernos. Um era para fazer cópia, onde o aluno aprendia a escrita musical, (...), e

outro onde ele passava as lições, de acordo com a evolução do aluno.²⁵⁹

O caderno utilizado para as lições era corrigido pelo maestro que atribuía nota de zero a dez, utilizando-se de caneta vermelha para registrar essa nota, conforme relatado anteriormente. Já o caderno contendo as músicas executadas pela banda era numerado, e segundo Retko, *“Nos ensaios e tocatas, era habito comum do Tenente Paulino referir-se à música apenas pelo seu número. E todos sabiam, mesmo sem a partitura musical, a música que deveria ser executada”*²⁶⁰.

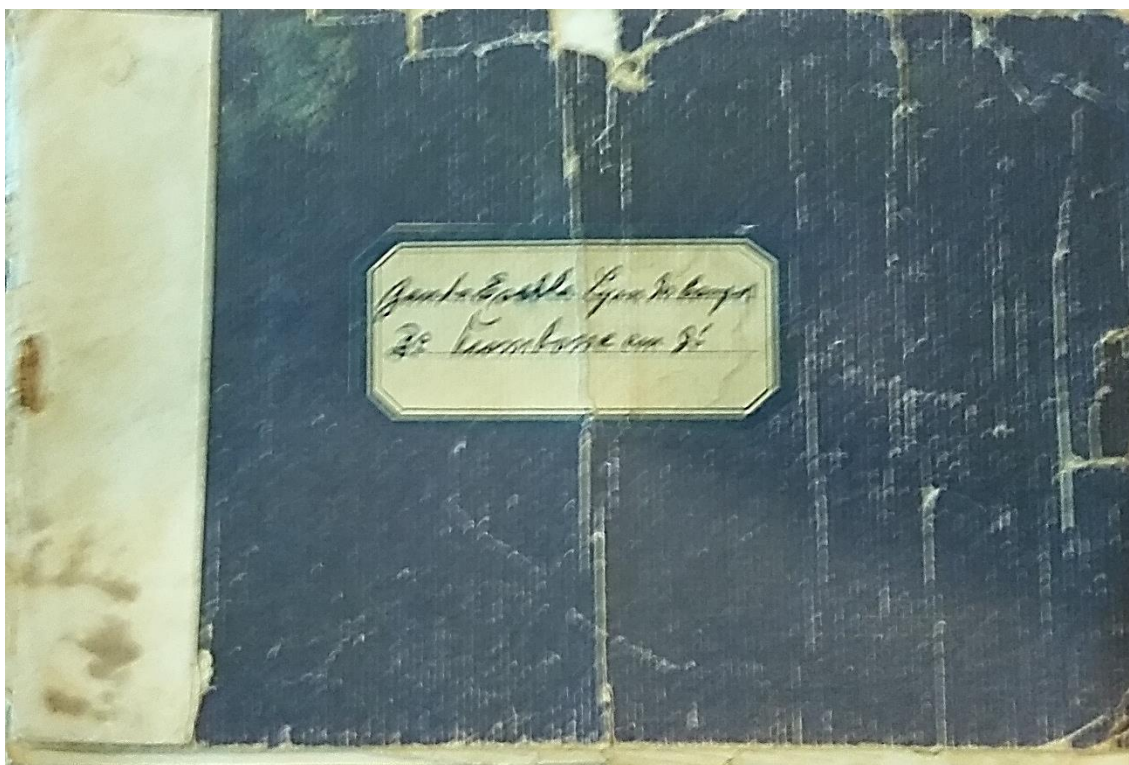


Figura 9 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro Paulino

As imagens acima e a seguir são de um desses cadernos que era utilizado para o terceiro trombone em dó. Nelas pode ser notado no alto das páginas a numeração referente a cada uma das músicas. Nesses cadernos a numeração segue-se do 1 ao 23.

Os cadernos continham parte do repertório da Banda, entretanto o acervo musical da Lyra dos Campos era bastante amplo, conforme escreve o

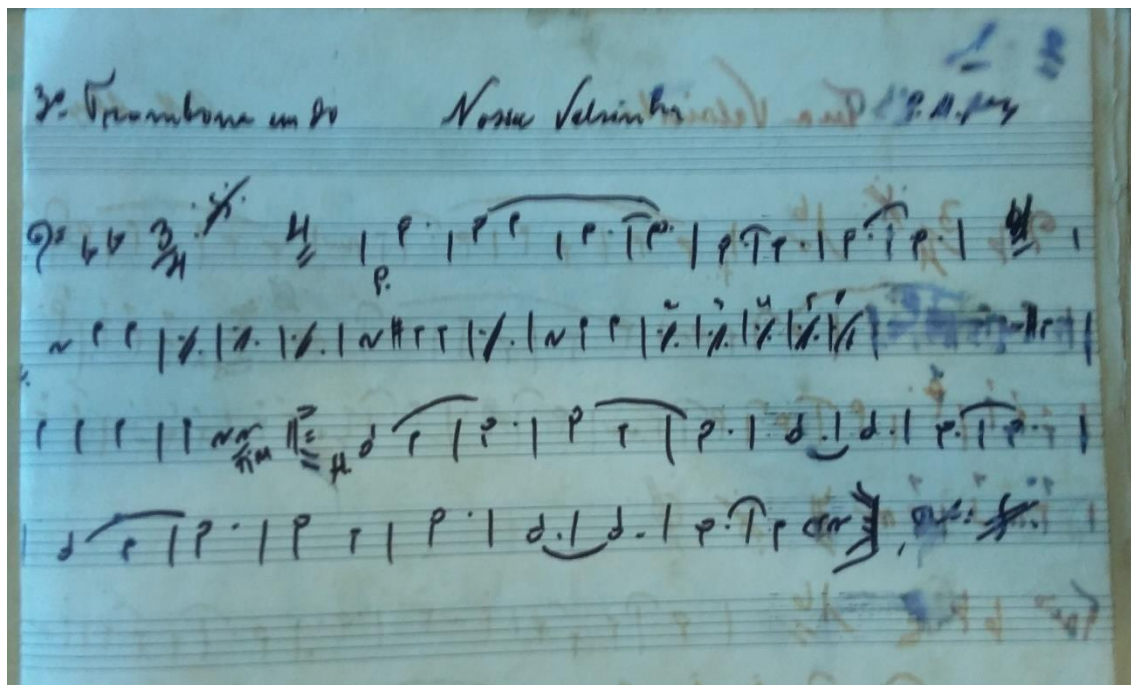
²⁵⁹ RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa. UEPG – 1999. p. 72

²⁶⁰ Ibid. p. 73

pesquisador Leandro Marcos Fornazari que catalogou 348 obras, sendo 239 composições, 43 arranjos e 66 obras sem autor e/ou arranjador.²⁶¹

Esse pesquisador encontrou nos arquivos da BELC musicas que vão desde o ano de 1903 até 1986, o que faz compreender, que a Bandinha tem no seu acervo partituras musicais do período da “velha” Banda Lyra dos Campos, inclusive trazendo a informação de que entre 10 compositores destacados por ele, Jorge Holzmann é o que tem o maior número de obras. São 62 composições.²⁶²

Quanto aos gêneros musicais, Fornazari afirma que foram encontrados 84 dobrados, 66 marchas, 53 hinos e 44 Fox-Trot.²⁶³



²⁶¹ FORNAZARI, Leandro M. Catalogação de obras do arquivo morto da Banda Escoa Lyra dos Campos. p. 17

²⁶² FORNAZARI, Loc. cit.

²⁶³ Ibid. p. 19

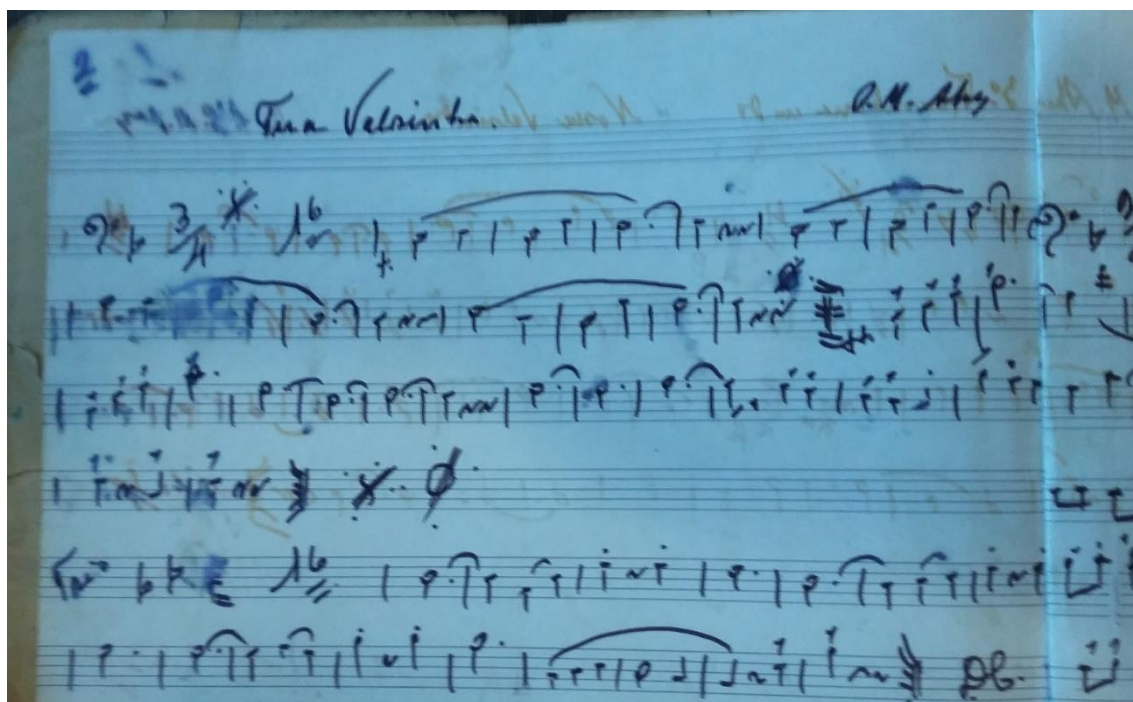


Figura 10 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro

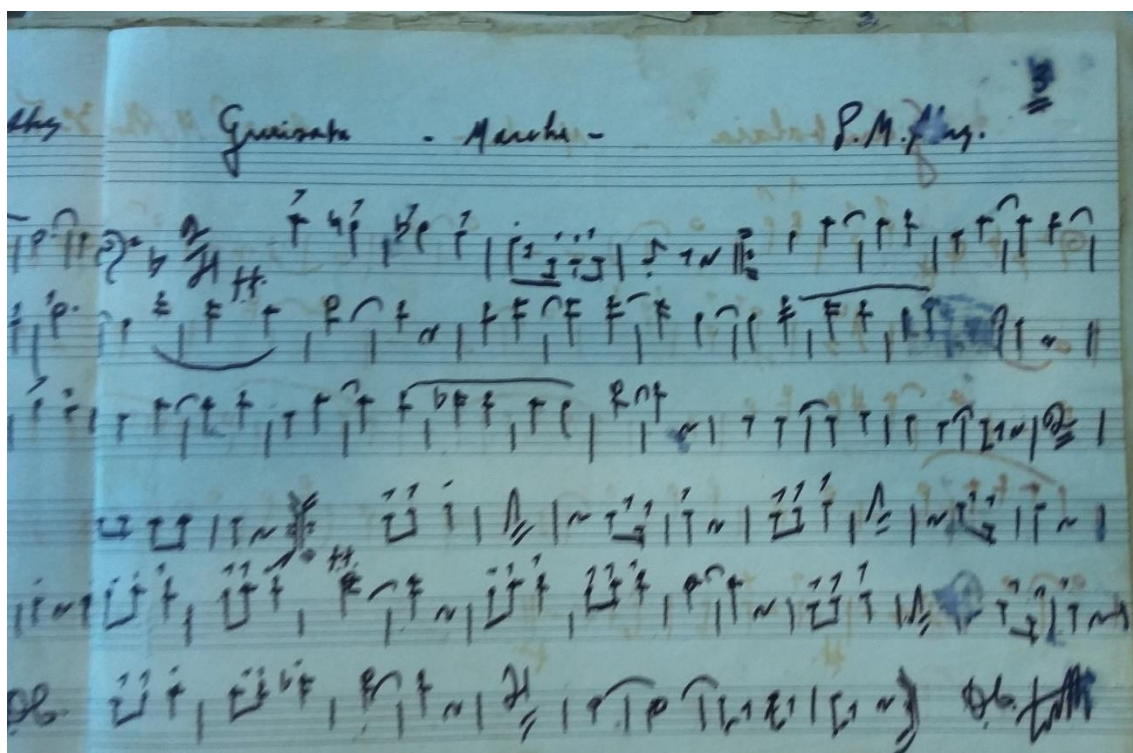


Figura 11 - Caderno com músicas da BELC – Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro

Sobre a utilização do material didático anteriormente citado, há relatos de alguns ex-alunos encontrados na pesquisa de Retko²⁶⁴, bem como um trecho de entrevista publicado no Jornal Diário dos Campos. Nesse periódico, em matéria veiculada em 27 de abril de 2004, há o relato de um desses alunos referindo-se ao método de ensino do maestro que diz:

(...) o 1º Sargento Músico Adilson França, componente da Banda de Música do 13º Batalhão de Infantaria Blindado, conta que a metodologia de ensino utilizada pelo Tenente Paulino era bastante peculiar, pois o maestro escrevia as lições de próprio punho em cadernos pautados de música, em vez de utilizar métodos impressos, ou seja, o próprio Paulino criava as lições de acordo com a capacidade e as necessidades de cada aluno²⁶⁵.

A metodologia de ensino de música aplicada na formação dos integrantes da Banda Escola Lyra dos Campos estava em consonância com um modelo que se desenvolveu no Brasil entre as décadas de 1930 e 1970, e que de acordo com Georgeana Vendrami, buscava o ensino da técnica. Essa pesquisadora ao se referir ao ensino de música nos conservatórios do país escreve que “(...) o papel dos conservatórios no ensino de música permaneceu reduzido a ideia de ensinar a técnica de execução de um instrumento e noções de teoria e percepção musical.”²⁶⁶ Afirma ainda Vendrami:

(...) a concepção de ensino de música que transparece nos relatos sobre esse período, tende a um modelo tradicional-tecnicista, que se aproxima ao que Freire (1994) e Monteiro (1999) apresentam como um enfoque técnico-linear, voltado pra interesses técnicos dentro de um modelo de educação em que o professor ‘treina ou adentra’ o aluno para realizar uma tarefa com êxito e rapidez – capacitando o indivíduo para tocar na orquestra. Mas ao mesmo tempo calcado num modelo tradicional de educação em que o professor transmite ao aluno os conhecimentos que acumulou em sua própria formação, claramente observável na reprodução do repertório e dos métodos utilizados pelos professores (...) ²⁶⁷

As considerações de Vendrami podem ser aplicadas à metodologia empregada pelo maestro Paulino no que diz respeito ao ensino de música que caracterizou a formação dos integrantes da “Lyra dos Campos” entre as décadas

²⁶⁴ RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa. UEPG – 1999. p. 72 e 73

²⁶⁵ Diário dos Campos. Ponta Grossa 27/04/2004

²⁶⁶ VENDRAMI, Geogean Lanzini. Conservatório de Música de Ponta Grossa: (Re) Produção cultural e distinção social (1971 – 1995). p.82

²⁶⁷ Ibid. p. 101

de 1950 a 1970. Esse modelo de Educação Musical vem sendo aplicado no Brasil desde a década de 1930 durante o governo Vargas, quando da instituição do canto orfeônico nas escolas. A esse respeito escreve o pesquisador Egon Eduardo Sebben:

A amplitude alcançada pelo Canto Orfeônico no país o coloca comumente no patamar de uma iniciativa bem sucedida no campo da Educação Musical. Contudo a experiência serviu como instrumento de afirmação de um governo autoritário, de caráter nacionalista, juntamente com uma formação de professores e um ideal de educação musical voltado para o civismo²⁶⁸. (SEBBEN, 2017, P. 63)

Percebe-se que a Banda Escola Lyra dos Campos iniciava suas atividades com um caráter formador no campo musical através do modelo então em voga. Constituíam-se, portanto, em uma escola de música voltada para jovens, suprimindo sem dúvida a falta de um conservatório na cidade. Conforme afirma a pesquisadora Karina Gomes,

O papel da banda na escala dos acontecimentos artísticos do país é tão importante que não poderíamos ter boas orquestras se não tivéssemos boas bandas de música. (...) A banda de música representa o conservatório que atende o povo e é, ao mesmo tempo nas comunidades mais simples, uma associação democrática que consegue desenvolver o espírito associativo e nivelar as classes sociais. No Brasil, tem sido, além disso, celeiro dos músicos de orquestra no que tange a madeiras, metais e percussão²⁶⁹. (GOMES, 2008, P. 17)

Vale aqui destacar que esse caráter formador da Banda Escola Lyra dos Campos, iniciado pelo Maestro Paulino Martins Alves em 1952, vem tendo continuidade até o presente momento, já que a banda é um Departamento da Fundação Cultural Ponta Grossa.

Miroslau Kreinski, Suboficial Músico da Reserva Remunerada da Força Aérea Brasileira e ex-aluno do Tenente Paulino conta que o maestro era bastante enérgico no que diz respeito ao método de ensino. Segundo seu relato, o Tenente Paulino batia com a batuta nos dedos dos aprendizes quando esses erravam a posição das notas no instrumento²⁷⁰. O relato de Kreinski é corroborado pela afirmativa de Retko quando escreve que:

²⁶⁸ SEBBEN, Egon Eduardo. Formação e atuação docente de Licenciados em Música: o contexto do Estado do Paraná. p. 73

²⁶⁹ GOMES, Karina Barra. Bandas de Música: conservatório para o povo. p. 17

²⁷⁰ Diário dos Campos Ponta Grossa 27/04/2004. Suplemento Especial

O Tenente Paulino imprimiu à banda características específicas influenciadas pela sua formação militar, sendo a disciplina nas aulas e ensaios uma dessas marcas e fator básico na organização durante o tempo que regeu a Banda Escola Lyra dos Campos.²⁷¹

Essa mesma pesquisadora cita o depoimento de um ex-aluno do maestro que diz:

A disciplina que ele impunha dentro da banda não machucava ninguém, mas enchia os alunos de responsabilidades. Isso era o que ele mais pregava. Então a gente confiava nele, também como um pai da gente. O que mais a gente sentia no Tenente Paulino era o ímpeto da disciplina, da liderança. Ele transmitia confiabilidade e caráter e nós confiávamos nele como um líder, um homem, de gabarito.²⁷²

A partir dos depoimentos dos ex-alunos acima citados, percebe-se que o Maestro Paulino tornou-se não somente o primeiro regente e organizador da Banda Escola Lyra dos Campos, mas além disso, passou a ser o modelo, referencial de valores para muitos de seus alunos que desejavam seguir a carreira da música e viam no maestro o modelo a ser seguido.

Retko refere-se também ao fato de que muitos músicos que passaram pelas fileiras da “*Lyra dos Campos*” desde a gestão do Maestro Paulino, vieram a integrar as bandas de música das Forças Armadas e da Polícia Militar. Ela cita o relato de Wilson Fernando Góes Farago, que foi aluno do maestro Paulino, e integrou os quadros da Banda de Música do 13º BIB, bem como da Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa. Este músico relata que,

Na nossa banda do exército, grande parte de seus integrantes são oriundos da Banda Lyra dos Campos, outros já foram transferidos e estão ocupando lugares de destaque por esse Brasil²⁷³.

Essas afirmativas são também confirmadas pelo que escreve Alfredo Bertoldo Klas: “*O objetivo social, ideal do maestro Paulino, se concretizou. Criou profissionais, alguns com destaque nas bandas militares.*”²⁷⁴

²⁷¹ RETKO, Ana Mairlene Moleta. A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa. UEPG – 1999. p. 69

²⁷² RETKO, Loc. cit.

²⁷³ RETKO, Op. cit. p. 89

²⁷⁴ KLAS, Alfredo Bertoldo. Maestro Paulino Martins Alves. In: Antologia nº 4 da Academia de Letras dos Campos Gerais. p. 127

Durante a gestão do maestro Paulino, a Bandinha conquistou três primeiros lugares em Festivais de Bandas, além de inúmeras outras premiações²⁷⁵.

3.5 AS APRESENTAÇÕES DA BANDA ESCOLA LYRA DOS CAMPOS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Há uma contradição no que se refere à primeira apresentação pública da Banda Escola Lyra dos Campos. No Álbum de Ponta Grossa publicado em 1973, consta que a primeira apresentação desse conjunto musical aconteceu no auditório do Cine Ópera no dia 29 de maio de 1954²⁷⁶. Por outro lado, o jornal Diário da Tarde da Capital do Estado traz a seguinte notícia em sua edição do dia 13 de agosto de 1954:

A BANDA MUSICAL “LYRA DOS CAMPOS” VAI FAZER SUA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO – No dia 7 de setembro vindouro fará sua primeira apresentação a Banda Musical “Lyra dos Campos”, composta de menores, cujas idades variam entre 12 e 16 anos obedecendo a orientação do consagrado maestro Ten. Paulino Martins Alves. A “Lyra dos Campos” foi formada em Ponta Grossa, onde dará seu primeiro concerto, sendo que seu instrumental pertence a prefeitura daquela cidade, que muito tem auxiliado o aludido conjunto, devendo-se mesmo a ela a sua organização.²⁷⁷

²⁷⁵ WALDMANN, Isolde M. Banda Escola Lyra dos Campos. p.86 e 87

²⁷⁶ Álbum de Ponta Grossa. Publicação comemorativa do 152º Aniversário de Ponta Grossa. p. 38

²⁷⁷ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 13 de agosto de 1954 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018



Figura 12 - Foto: Estação Ferroviária de Ponta Grossa – chegada da Banda Escola Lyra dos Campos - 1958 Acervo Casa Memória

Pelo discurso publicado no jornal, parece que a prefeitura municipal de Ponta Grossa adotava outra postura com relação à Banda, pouco mais de um ano e nove meses após o veto do prefeito quando não sancionou a lei que estabelecia a criação daquela agremiação musical. Importante lembrar, conforme foi mencionado anteriormente, que o veto do prefeito com relação à criação da banda foi derrubado pela câmara e a lei 569/52 promulgada naquela Casa de Leis em 22 de novembro de 1952. Essa nova postura do poder público municipal com relação à “*Lyra dos Campos*” se fez perceber em todos os aspectos. No dia 19 de dezembro de 1956, o jornal *Diário do Paraná* publicou matéria referente à aquisição da uniformes novos para a Banda Lyra dos Campos. “*FARDAMENTO – Foi aberto crédito de quarenta e dois mil cruzeiros, para compra de novo fardamento destinado à Banda Musical <Lyra dos Campos> de P. Grossa.*”²⁷⁸

A partir desses dados referentes à ação do executivo municipal em relação à banda, parece ficar evidenciado que a prefeitura passava a assumir a

²⁷⁸ Jornal *Diário do Paraná*. Curitiba 19 de dezembro de 1956 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=11406&Pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 20/05/2018

banda como um segmento cultural vinculado de fato ao poder público, prestando a essa o suporte necessário para o seu funcionamento.

Em 1956, a Banda Escola Lyra dos Campos já participava de atividades culturais diversas, realizando apresentações em festas cívicas, religiosas, inaugurações, atos solenes diversos, retretas e concursos de bandas. Naquele ano já se noticiava no jornal Diário do Paraná a participação da banda na festa do Divino. De acordo com o referido jornal, no dia 20 de maio a Banda Lyra dos Campos sob a regência do Tenente Paulino acompanharia a partir das 19 horas a “*procissão luminosa*” que levava o andor do Divino²⁷⁹.

Também, no mesmo periódico, já no mês de julho é noticiada a realização de uma retreta pela banda na Praça Munhoz da Rocha, às 10 horas da manhã do domingo dia 15, em um evento que fazia parte nas solenidades de inauguração das benfeitorias que a prefeitura municipal havia realizado naquele logradouro.²⁸⁰

Em 1961, a Banda Escola Lyra dos Campos participou das festividades de inauguração da Rodovia do Café, tocando as 14 horas do dia 30 de dezembro no Parque de Vila Velha, às margens da referida rodovia²⁸¹.

Essas participações da banda em inaugurações e outros atos solenes tornou-se comum no cotidiano dessa corporação musical.

Desde 1958, a Banda Escola Lyra dos Campos passou a participar dos concursos de bandas Cívicas e Militares organizados pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Naquele ano, a “Lyra” conquistou o primeiro lugar entre as bandas cívicas, sagrando-se campeã. O 1º Concurso de Bandas Cívicas e Militares realizou-se no Teatro Guaíra em Curitiba entre os dias 17 e 19 de dezembro. Em Ponta Grossa, a notícia desse acontecimento parece não ter tido grande repercussão, já que o Diário dos Campos não traz nenhuma notícia sobre esse acontecimento e o Jornal da

²⁷⁹ Jornal Diário do Paraná Curitiba. 20 de maio de 1956. In: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20195&pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 20/05/2018

²⁸⁰ Jornal Diário do Paraná Curitiba. 11 de julho de 1956 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20195&pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 20/05/2018

²⁸¹ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 30 de dezembro de 1961 in: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018

Manhã, só noticiou o ocorrido na última página da edição do dia 21 de dezembro, embora a matéria contenha certo entusiasmo conforme pode ser visto a seguir.

OUTRA VEZ VITORIOSA – Promovido pela administração estadual, foi levado a efeito no último dia 19, data que assinala mais um aniversário de emancipação política de nosso Estado o I Concurso de Bandas Municipais, o qual bastante concorrido, foi espetacularmente vencido pela “Lyra dos Campos”, desta cidade, trazendo assim mais um troféu para os tantos já conquistados pelos princesinos. Os dignos componentes da Banda Municipal “Lyra dos Campos” foram triunfalmente recepcionados pelas autoridades locais ontem, as 12 horas na gare ferroviária. “Jornal da Manhã”, devidamente representado, teve a oportunidade de manifestar o seu júbilo congratulando-se com a brava rapaziada portadora do expressivo galardão²⁸².

Nos anos seguintes, a “*bandinha*” continuou participando desse tipo de concurso, tendo por diversas vezes se sagrado campeã. Em dezembro de 1959, a *Banda Escola Lyra dos Campos* participou do II Concurso de Bandas Cívicas e Militares organizado novamente pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná e realizado mais uma vez no Teatro Guaíra em Curitiba. A Banda participou do evento com 37 componentes sob a regência do Maestro Paulino Martins Alves. Cada conjunto musical deveria apresentar duas peças e participaria da execução de uma terceira conjuntamente com as demais bandas concorrentes. As peças musicais escolhidas pela “Lyra” foram o dobrado “*Saudades de Minha Terra*”, e a “*Overture Barbeiro de Sevilha*” de autoria do compositor italiano Gioachino Rossini²⁸³.

Em 1960, novamente a “*Lyra dos Campos*” participou do III Concurso de Bandas. O referido evento foi realizado mais uma vez no Grande Auditório do Teatro Guaíra em Curitiba no mês de dezembro daquele ano. O jornal Diário do Paraná noticiou em sua edição de 4 de dezembro de 1960:

LYRA DOS CAMPOS A MAIS APLAUDIDA NO CONCURSO DAS BANDAS – A Banda Escola <Lyra dos Campos> (seus integrantes orgulham-se do <y> n nome) foi a mais aplaudida ontem, durante a inauguração do 3º Concurso de Bandas Cívicas e Militares, realizado no grande auditório do Teatro Guayra e promovido pela Secretaria de Educação. Fizeram sucesso também as bandas <Lira Castrense>, de Castro, e a Banda de

²⁸² Jornal da Manhã. Ponta Grossa 21 de dezembro de 1958

²⁸³ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 16 de dezembro de 1959 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018

Música <Pe. José Mauricio> de Rio Negro. Na abertura, a banda do 20º R.I. executou o Hino Nacional.²⁸⁴

Essa participação da Banda Escola Lyra dos Campos lhe rendeu outra vez o título de campeã naquele ano conforme noticiou o Diário do Paraná:

Banda Civil de Ponta Grossa e Militar de Foz do Iguaçu Foram Vencedoras do Concurso de 1960 – Com um desfile pela rua 15 de Novembro e, logo após, a apresentação no Teatro Guayra, das bandas militares, encerrou-se, domingo último, o 3º Concurso de Bandas Cíveis e Militares, certame promovido pelo Departamento de Cultura da Secretaria da Educação, que teve como vencedora a <Banda Escola Lyra dos Campos> de Ponta Grossa e a <Banda de Música do 1º Batalhão de Fronteira>, de Foz do Iguaçu.

HOMENAGEM – O concurso, que se realiza pela terceira vez, instituído em homenagem ao centenário da Banda da Polícia Militar, atraiu a atenção do público curitibano, que superlotou o grande auditório do Guayra. Iniciado sábado, com apresentação da Banda do 20º R.I., vencedora dos dois últimos concursos e, em seguida, das bandas cíveis, foi encerrado domingo, quando após a apresentação das militares e a proclamação dos vencedores, a Banda da Polícia Militar <Hors Concours>, executou alguns números de seu vasto repertório. O Secretário de Educação e Cultura, sr. José Colombino Grassano, em nome do Governo do Estado, apresentou os cumprimentos aos conjuntos participantes, agradecendo, também, o interesse do público, que prestigiou com sua presença mais esta promoção do Governo estadual.

CLASSIFICAÇÃO – Foi a seguinte a classificação final do concurso: Bandas Cíveis – 1º Lugar: Banda Escola Lyra dos Campos de Ponta Grossa, 2º Lugar: Banda Lyra Castrense de Castro, 3º Lugar: Banda Pe. José Mauricio de Rio Negro. – Bandas Militares – 1º Lugar: Banda de Música do 1º Batalhão de Fronteiras de Foz do Iguaçu; 2º Lugar: Banda de Música do 13º R.I. de Ponta Grossa; 3º Lugar: Banda da Guarda Civil; 4º Lugar: Banda do 14º B.C. de Florianópolis, Santa Catarina.

JURI – A comissão julgadora presidida pelo maestro cel. Angelo Antonello, foi integrada pelos maestros Mário Gonzaga (Rio de Janeiro), Antonio Melito, e Alberto Monteiro. A Banda da Guarda Civil, vencedora do concurso anterior, entre as cíveis, este ano dada a sua indiscutível categoria, foi incluída entre as militares obtendo a terceira colocação²⁸⁵.

²⁸⁴ Jornal Diário do Paraná. Curitiba 4 de dezembro de 1960 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=35081&Pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 21/05/2018

²⁸⁵ Jornal Diário do Paraná Curitiba. 6 de dezembro de 1960 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=35108&Pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 21/05/2018

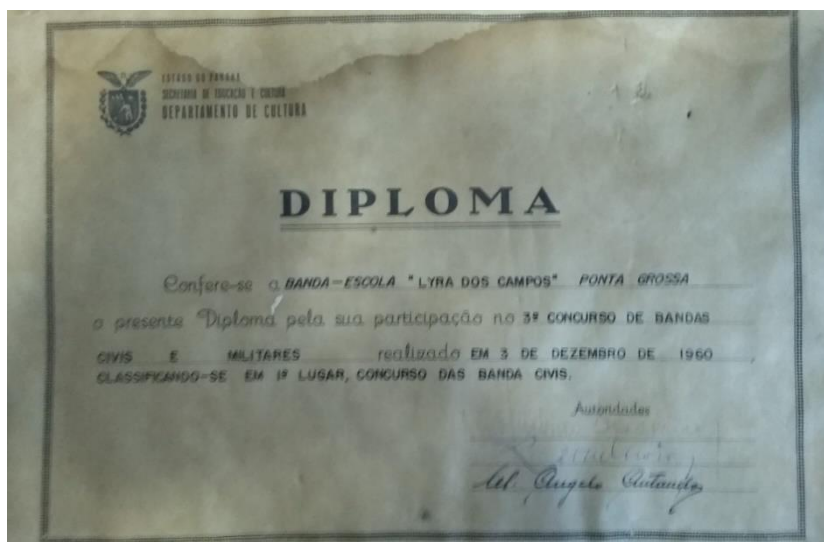


Figura 13 - Diploma conferindo 1º Lugar à Banda Escola Lyra dos Campos no 3º Concurso de Bandas Civas e Militares realizado em Curitiba no ano de 1960 . Acervo Conservatório Dramático Musical Maestro Paulino Martins Alves.

Conforme consta nos programas dos Concursos de Bandas Civas e Militares acima citados, participaram do concurso de 1958 três bandas militares e quatro bandas civis. Entre as bandas militares estavam naquele ano, a Banda do 13º Batalhão de Caçadores, sediado em Joinvile - SC, a Banda da Escola de Oficiais Especialistas e de Infantaria de Guarda, sediado em Curitiba e a Banda do 20º Regimento de Infantaria também de Curitiba. As bandas civis, eram a Banda Escola Lyra dos Campos de Ponta Grossa, Banda 5 de Fevereiro de Paranaguá, Banda Pérola do Oeste de Guarapuava e Banda Lyra Castrense da cidade de Castro. Nesse programa consta somente um repertório comum apresentado por essas agremiações musicais conjuntamente em que se executaram duas peças: "Protofonia do Guarany" de Antonio Carlos Gomes e 'Cavalaria Ligeira de Franz Von Suppe, não sendo mencionadas as músicas apresentadas por cada uma das bandas concorrentes.²⁸⁶

Já no 2º Concurso de Bandas Civas e Militares, realizado em 1959, aumentou significativamente o número de conjuntos participantes. As bandas militares que haviam sido apenas três em 1958, passaram a seis no ano seguinte, e entre as bandas civis o número dobrou. Em 1959 foram as seguintes as bandas militares a participar: Banda do 13º Batalhão de Caçadores de Joinvile – SC, Banda do 13º Regimento de Infantaria de Ponta Grossa, Banda da Escola de Oficiais Especialistas e de Infantaria de Guarda de Curitiba, Banda do 1º

²⁸⁶ Programa do 1º Concurso de Bandas Civas e Militares. Dezembro de 1958

Batalhão de Fronteiras de Foz do Iguaçu, Banda do 23º Regimento de Infantaria de Blumenau – SC e Banda do 20º Regimento de Infantaria de Curitiba. As bandas civis participantes foram a Banda da Guarda Civil do Paraná, de Curitiba (essa banda passou à categoria das bandas militares no 3º concurso), a Banda Lyra Castrense da cidade de Castro, a Banda Municipal de União da Vitória, Banda 7 de Setembro da cidade de Jataizinho, Banda Municipal 15 de Julho de Irati, Banda Musical Padre José Maurício da cidade de Rio Negro e Banda Escola Lyra dos Campos de Ponta Grossa.

Além das referidas bandas, apresentou-se com números especiais a Banda de Música da Polícia Militar do Paraná, que fez apresentações sem concorrer em ambos os concursos. Essas participações da Banda da PM aconteciam porque os referidos concursos tiveram como motivação inicial os festejos do *“Dia do Paraná”* e o *Centenário da fundação da Banda da Polícia Militar do Paraná*. Esse concurso foi instituído pelo Decreto nº 19.078 durante a gestão do governador Moisés Lupion.²⁸⁷

A Banda Escola Lyra dos Campos participou também de Festivais de Bandas Civis e Militares realizados em Ponta Grossa²⁸⁸ e Paranaguá respectivamente em outubro de 1962 e dezembro de 1963²⁸⁹. Além desses festivais já citados, a banda participou de eventos semelhantes durante as décadas de 1950, 1960 e 1970.

Esses festivais e concursos de bandas promovidos pelo poder público parecem demonstrar a importância de conjuntos musicais desse gênero durante as décadas de 1950 e 1960, ou seja, as bandas se constituíam em um importante veículo de difusão cultural através da música, levando à população uma linguagem artística que se identificava com diferentes segmentos da sociedade.

Além disso, algumas bandas como a Lyra serviam para a formação de quadros de futuros profissionais da música, especialmente para o setor militar.

Seu caráter militar estava definido por seu regente e expressava-se nos uniformes e na disciplina adotada no seu cotidiano. Também havia uma proposta

²⁸⁷ Programa do 1º Concurso de Bandas Civis e Militares. Dezembro de 1958.

²⁸⁸ Jornal Diário do Paraná. Curitiba 10 de dezembro de 1961 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=35108&Pesq=lyra%20dos%20campos> pesquisado em 21/05/2018

²⁸⁹ Jornal Diário da Tarde. Curitiba 3 de outubro de 1962 in:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&PagFis=2514&Pesq=retreta> pesquisado em 19/05/2018

de “nivelamento social”, ou seja, o recrutamento de jovens das camadas mais pobres correspondia a um projeto de inserção social através da música. Por fim cabe destacar a ideologia cívica que era parte da atmosfera política do período. Nesse sentido, as bandas eram vistas como elemento para soldar um ambiente de ordem social e política voltada a celebração dos eventos oficiais e homenagear suas autoridades.

3.6 A Banda Escola Lyra dos Campos após a morte do Maestro Paulino:

O Maestro Paulino faleceu em Ponta Grossa no dia 7 de dezembro de 1973. Sucederam-no José Vieira dos Santos, e posteriormente Adauto Vieira de Paula, que permaneceu à frente da bandinha até o início da década de 1980.

O primeiro maestro a assumir a “Lyra dos Campos” após a morte de Paulino Martins Alves foi o então Tenente José Vieira os Santos, que era naquele momento Regente da Banda de Música do 13º Batalhão de Infantaria Blindado. A nomeação desse militar para o cargo de maestro da Banda Escola Lyra dos Campos se deu após a acordo realizado entre o comandante do 13º BIB e o Prefeito municipal conforme consta no relatório de atividades da banda de 1974, onde se lê:

De conformidade com os entendimentos havidos entre os senhores Prefeito Municipal e Comandante do 13º BIB, a partir de janeiro ' 74 passamos a auxiliar temporariamente o Departamento de Cultura da SEC PG na orientação da Banda Escola Lyra dos Campos como professor de Música, função esta que vinha sendo desempenhada pelo insigne Maestro Paulino Martins Alves até data de seu falecimento em 7 Dez 73. Com a presença do Exmo. Secretário Municipal de Educação e Cultura de Ponta Grossa, iniciamos os trabalhos à frente da B.E.L.C. no dia 14 Jan 74, havendo encontrado o seguinte:

1 – PESSOAL:

a) Componentes da Banda de Música = Contra-Mestre: Wilson Fernando Goes Farago; músicos executores: Dirceu Paes Pereira, Helio Rocha, João Luiz Breinack, Irineo dos Santos, Jeferson Eduardo Couto, Neri Castanho Ribeiro, Gilberto Schemberg, Waldemar Pereira, Celso Pereira, Mozart Maia, Osmail Garcia, Ademir Medina, Angelo0 Tadeu Goes Farago, Carlos Ney Pereira dos Santos, Felipe Alves de Araújo, Gerson E. dos Santos, Luiz Carlos Fernandes, Marcos Arthur Fitzthem, Luiz Wladimir Indezeichak, Ubirajara dos Santos, Israel Carlos França, Luiz Geraldo Goes Farago, Acyilino Luiz Chemim, Adilson França e Mario do Rocio V. dos Santos. TOTAL = 26 elementos.-

b) Aprendizes de música = Pércles Mauricio Martins, Joel José Ribeiro Moura, João Valdemir da Silva Rocha, Gilmar Denck, Waldir Francisco de Lima, Ademar de Andrade Novak, Jorge Aauri de Quadros, Jarbas Goes, Marcos Vinicio Vieira, Igor

Kostiuk, Mauricio Hoeldtke e Carlos Alberto Siqueira Carvalho.
TOTAL = 12 elementos.-

2 – INSTRUMENTOS MUSICAIS:

a) – Constantes da relação carga (termo de responsabilidade assinado pelo Maestro Paulino Martins Alves em 25/Set/70), os quais embora em mau estado de conservação, encontram-se em uso: 1 (um) Flautin de madeira em dó, com estojo, no valor de CR\$ 29,67; 1 (uma) Reuinta em Mib, com estojo, no valor de CR\$ 84,64, 4 (quatro) clarinetes em sib, no valor total de CR\$ 385,48, 1 (um) Saxofone Tenor, c/ estojo, no valor de CR\$ 234,60; 1 (um) Saxofone Alto Mib, c/ estojo, no valor de CR\$ 263,35; 1 (um) Saxofone Barítono Mib, c/ estojo, no valor de CR\$ 533,60; 2 (dois) Pistões-Trompete Sib, no valor total CR\$ 152,48; 2 (dois) Bugles-Contralto, no valor de CR\$ 279,45; 3 (três) Coralto em Fá e Mib, no valor total de CR\$ 489,90; 1 (um) Trombone em dó, de vara lisa, no valor de CR\$ 90,27; 4 (quatro) trombones em Dó e Sib, no valor total de CR\$ 528,26; 2 (dois) barítonos dó e sib, no valor total de CR\$ 236,90; 2 (dois) Bombardinos dó e sib, no valor total de CR\$ 284,50; 2 (dois) Baixo-tuba em Dó e Sib, no valor total de CR\$ 782,00.-

Não relacionados e fora da carga, porém, em bom estado de conservação: 1 (um) oboé simples, com estojo; 1 (um) par de pratos (USA); 1 (um) Clarone Mib (italiano), com estojo; 1 (um) Saxofone Soprano (francês), com estojo e 1 (uma) trompa de marca Graslitiz (alemã), com bocal.-

c) Não relacionados e fora de carga: Existe mais de uma dezena de instrumentos quebrados, todos em péssimo estado de conservação e inservíveis para o fim a que se destinam.-(...) ²⁹⁰.

Observando-se o relatório apresentado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura pelo novo maestro da Banda Escola Lyra dos Campos, fica demonstrado que, com a morte do primeiro maestro, a administração pública municipal buscou outro músico militar para dar continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido há 21 anos. Mas por que outro militar? Embora não haja evidências, uma hipótese possível pode estar relacionada à deficiência de escolas de formação de músicos, sendo muitas bandas formadas dentro de padrões similares às bandas militares.

O que fica claro, entretanto, é a existência de um bom relacionamento da administração municipal com as autoridades militares locais. Talvez isso se deva ao fato de o então prefeito municipal, Luiz Gonzaga Pinto, pertencer à ARENA – Aliança Renovadora Nacional – partido de situação dos governos militares²⁹¹.

O referido relatório apresenta ainda a relação de músicos e de aprendizes de música da “*Bandinha*”, e na sequência o maestro faz um pequeno inventário onde relaciona instrumentos em uso com seu respectivo valor monetário e

²⁹⁰ Relatório nº 1/74 de 15/02/1974. Arquivo da Banda Escola Lyra dos Campos

²⁹¹ CHAMMA, Guisela V. Frey. Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder. p. 122

condições, bem como instrumentos fora da carga e danificados. Esse relatório apresenta também a relação de bens móveis, uniformes e repertório. Refere-se ainda às tocatas da banda, os ensaios e aulas de música.

Nesses últimos quesitos acima citados, o relatório informa que entre os dias 16 de janeiro e 9 de fevereiro, a banda havia realizado cinco tocatas conforme quadro a seguir:²⁹²

Nome do quadro

Data	Evento
16 de janeiro	Desfile pelas ruas da cidade com os calouros da UEPG
29 de janeiro	Inauguração da Praça São Cristóvão em Oficinas
30 de janeiro	Inauguração do “Grupo Escolar Ana de Barros Holzmänn” na Vila Maria Otília
31 de janeiro	Retreta na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco
9 de fevereiro	Retreta na Praça Dr. José de Azevedo Macedo

fonte

Ainda nesse relatório, José Vieira dos Santos refere-se às aulas ministradas aos músicos e aprendizes da “Lyra dos Campos”. Essas aulas realizavam-se de segunda a sexta-feira, sendo aulas individuais de solfejo e instrumento. O maestro afirma ser “ótimo” o aproveitamento dos alunos. Ele encerra o relatório informando que os ensaios da banda estavam acontecendo as quartas e sextas-feiras²⁹³.

Vale destacar que o maestro afirma nesse relatório não haver nenhum registro das tocatas realizadas pela Banda Escola Lyra dos Campos entre 1952 e 1973²⁹⁴. Verifica-se que somente encontram-se notícias referentes às apresentações da banda nos jornais, quando esta se destacava especialmente por sua participação nos concursos de bandas.

²⁹² Relatório nº 1/74 de 15/02/1974. Arquivo da Banda Escola Lyra dos Campos

²⁹³ Loc. cit.

²⁹⁴ Loc.cit.

De acordo com a historiadora Isolde Maria Waldmann²⁹⁵, durante a gestão do Tenente Vieira²⁹⁶ à frente da “Lyra dos Campos”, foram adquiridos sete instrumentos novos, um uniforme de gala composto de Jaqueta Branca com punhos e platinas azuis, calça azul contendo uma listra vertical branca de cada lado, camisa branca com gravata preta e quepe azul com aba preta²⁹⁷. Com a transferência desse maestro para a cidade de Campinas, assumiu a regência o Sargento Adauto Vieira de Paula.

Durante a gestão do maestro Adauto, a Bandinha voltou a participar de diversos concursos de Bandas e Fanfarras, alcançando inúmeras premiações conforme relata a historiadora Isolde Maria Waldmann. Conquistou sete títulos de primeiro lugar em concursos sendo dois em 1979, um em 1980, dois em 1982, um em 1983 e outro em 1984. Além desses títulos, classificou-se em segundo lugar nos anos de 1977, 1981, 1983 e 1984²⁹⁸. Realizou também inúmeras viagens pelo estado e tocatas nas mais diversas comemorações do município.

Sobre a gestão do Maestro Adauto Vieira de Paula, um relatório de 1977 informa que naquele ano a banda realizou 58 ensaios, e 147 apresentações, sendo 141 em Ponta Grossa e 6 em outros municípios (Guarapuava, Prudentópolis, Imbituva, Curitiba e Arapoti). Nesse mesmo relatório, o maestro afirma que foram confeccionados 35 uniformes para verão e o outro uniforme já existente foi complementado tendo em vista que o efetivo da banda havia aumentado de 24 para 35 componentes. Consta ainda nesse documento a aquisição de 9 instrumentos musicais novos.²⁹⁹

No ano de 1978, a banda realizou um total de 125 apresentações, sendo 6 em outros municípios (Antonina, Imbituva, Prudentópolis, Tibagi, Ibití e Cândido de Abreu), 7 nos distritos de Ponta Grossa (Guaragi, Itaiacoca e Parque Estadual de Vila Velha) e as outras 112 em Ponta Grossa³⁰⁰.

No ano seguinte, 1979, o número de apresentações em outros municípios cresceu significativamente em relação aos anos anteriores. Foram 14 tocatas em diferentes cidades (Prudentópolis, Cândido de Abreu, Curitiba, Antonina,

²⁹⁵ WALDMANN, Isolde M. Banda Escola Lyra dos Campos. p. 47

²⁹⁶ Vieira, era o nome pelo qual o Tenente José Vieira dos Santos era conhecido nos meios militares

²⁹⁷ Fotografia Acervo Museu Campos Gerais

²⁹⁸ WALDMANN, op. cit. p.87 e 88

²⁹⁹ Relatório de Atividades da Banda Escola Lyra dos Campos de 1977

³⁰⁰ Relatório de Atividades da Banda Escola Lyra dos Campos de 1978

Palmeira, Carambeí em três ocasiões, Curiúva, Ivaiporã, Paranaguá, Guarapuava, Ipiranga e Telêmaco Borba). 6 apresentações em Distritos (Guaragi, Itaiacoca e o distrito do Lago pertencente ao município de Palmeira)

Em Ponta Grossa foram 104 apresentações. A banda realizou ainda 90 ensaios naquele ano³⁰¹.

Os relatórios de atividades da Banda Escola Lyra dos Campos demonstram que a corporação musical vinha ganhando novo impulso a partir da administração do maestro Aduino Vieira de Paula, já que parece ter havido um crescimento significativo no número de apresentações da banda, bem como o aumento no seu efetivo. O jornal Diário dos Campos em sua edição de 19 de maio de 1977 assim se referia à “Lyra dos Campos”:

Bandinha ganha dinamismo

Contando com 34 elementos efetivos, a Banda Escola <Lyra dos Campos> vem sendo muito requisitada pela comunidade princesina. Em contato com o repórter do <Diário> o sargento Aduino, titular da escola, informou que por determinação do Chefe do Departamento de Cultura junto à Secretaria de Educação e Cultura, prof. Nelson D’Oliveira Saldanha a Bandinha vem realizando em domingos alternados retretas nas diversas praças da cidade. Estas atividades se iniciaram na presente administração ressaltou o maestro.

Novos Instrumentos

A <Lyra dos Campos>, recebeu recentemente sete novos instrumentos de ótima qualidade que vieram suprir as dificuldades pelas quais passava aquela corporação musical. <Agora, com estes novos instrumentos a bandinha tem mais condições de atender os diversos pedidos de apresentação que são enviados. Chegamos a realizar atualmente mais de três apresentações semanais e estamos tendo apoio da Prefeitura Municipal que nos cedeu as duas salas da Concha Acústica para ensaios e aulas>. Os 34 componentes efetivos, ensaiam as 4^a. Feiras e sextas feiras, das 15 às 17:00 horas. Esse número será acrescido brevemente pois a banda conta com mais 46 alunos que ensaiam as segundas, terças e quintas-feiras. Ressalte-se aí o trabalho do sargento Aduino, que tem se dedicado integralmente ao serviço de maestro da bandinha. Neste próximo domingo, ela estará abrilhando mais ainda a Feira de Artes e Artesanato, quando realizará uma retreta na parte da tarde na Praça Mal. Floriano.³⁰²

Observando-se o texto do Diário dos Campos e os relatórios de 1977 e 1978 pode-se concluir que, durante a gestão do Maestro Aduino, há um aumento

³⁰¹ Relatório de Atividades da Banda Escola Lyra dos Campos de 1979

³⁰² Diário dos Campos Ponta Grossa 19/05/77

bastante significativo em relação ao número de apresentações da banda. Vale destacar que estas tocatas tinham diversas finalidades tais como: Cerimônias cívicas e militares, inaugurações, desfiles, retretas, abertura de eventos desportivos, solicitações de clubes sociais da cidade, apresentações em escolas municipais e estaduais, rodeios, festas juninas, trote de calouros da UEPG, formaturas e alvoradas festivas³⁰³.

No ano de 1978, a BELC realizou em Ponta Grossa a Primeira Retreta Intermunicipal, num encontro com a Filarmônica Antoninense. Esse evento foi promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, e trouxe para a cidade a banda de cidade de Antonina. O jornal *Dário dos Campos* noticiou o evento com a manchete “*Sucesso na primeira retreta intermunicipal*”. No texto o periódico destaca a iniciativa do poder público local na realização desse acontecimento cultural.

Na noite do dia 30 de abril último, foi realizada com sucesso em nossa cidade a promoção da I Retreta Intermunicipal de Bandas, na concha acústica da Praça Barão do Rio Branco. A iniciativa da Administração Municipal foi através do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, em programa elaborado que contou com a participação da Filarmônica Antoninense, do Município de Antonina, e agradou não somente os integrantes da corporação musical visitante, comitiva que a acompanhou sob a chefia do prefeito de Antonina Paulo Virgílio Bavarim e vereador Francisco P. Miranda representante da Câmara Municipal daquela cidade, como também a população princesina, que prestigiou com muito entusiasmo a apresentação. (...) ³⁰⁴.

Anteriormente, no mês de março daquele mesmo ano já havia ocorrido evento semelhante em Antonina com a “Banda Escola Lyra dos Campos”. O periódico “O Antoninense estampou na primeira página:

FESTIVAL DE BANDAS

A Filarmônica recepciona a Banda Escola Lira dos Campos de Ponta Grossa e, juntas, promovem a maior e inesquecível atração musical de todos os tempos em Antonina. (...) ³⁰⁵

Vale observar que o intercambio dessas corporações musicais, além de ganhar destaque na imprensa de ambas as cidades, parece ter mobilizado representantes dos poderes executivo e legislativo no sentido de apoiar os eventos. Quando da realização da retreta em Ponta Grossa, o “Diário dos

³⁰³ Relatório de Atividades da Banda Escola Lyra dos Campos de 1977

³⁰⁴ Diário dos Campos. Ponta Grossa 7/05/78

³⁰⁵ O Antoninense. Antonina. 2ª Quinzena de março de 1978

Campos”, destacou ainda o prestígio da população local, o que demonstra que Ponta Grossa, na década de 1970, apesar de todas as mudanças pelas quais passou a música naquele período, ainda mantinha viva a tradição das bandas de música.

A importância da “*Bandinha*” como agente cultural da cidade pode ser percebida na crônica de Vieira Filho, na coluna Perfis da Cidade do “Diário dos Campos” de 23 de novembro de 1977, quando a corporação musical completou 25 anos de fundação. Escreveu o cronista:

Bom dia amigos. A Banda Escola Municipal <Lira dos Campos> completou, ontem, suas Bodas de Prata. Vinte e cinco anos de bons serviços prestados à causa da cultura musical fazem dessa corporação-escola mantida pelo Governo Municipal, um dos mais ricos patrimônios artísticos da nossa cidade. (...) Neste quarto de século de vida, a Banda Escola Lira dos Campos escreveu as mais belas páginas de vitórias e bons exemplos, destacando sobretudo o renome de Ponta Grossa em todas as suas atuações. Inúmeros troféus assinalam essa trajetória gloriosa, tendo conquistado nos Concursos de Bandas de Música promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura e pelo Sesi, as maiores glórias, merecendo inclusive uma placa comemorativa a esses feitos. Em todas as cidades onde a nossa “Bandinha” tem se apresentado os aplausos são profusos e entusiásticos evidenciando de maneira insofismável o mérito dessa corporação musical que tem sido autêntico celeiro de formação de valores que se destacam em outros conjuntos. (...) muitos episódios gloriosos marcam com letras de ouro a história da Banda Escola Municipal Lira dos Campos, que hoje saudamos na comemoração do seu Jubileu de Prata, abraçando todos os seus componentes com uma mensagem de gratidão por tudo que tem feito pelo engrandecimento de Ponta Grossa nesses vinte e cinco anos de exemplar existência.³⁰⁶

O entusiasmo do cronista e o ufanismo com que se refere à BELC. indica a forma como provavelmente a banda gozava de prestígio perante a opinião pública. Não somente Vieira Filho tece referências elogiosas à banda como a maior parte das matérias encontradas em jornais, também o fazem.

A presença da “*Bandinha*” nas mais diversas atividades culturais, festividades e cerimônias parece ratificar a ideia de que a cidade de Ponta Grossa vem cultivando a tradição das bandas de música ao longo de mais de um século, estando essa corporação musical em plena atividade até os dias atuais.

³⁰⁶ Diário dos Campos Ponta Grossa. 23/11/77

Depois da saída do maestro Aduino, comandaram a Lyra dos Campos, Leonel Rossetim Pinto, Domingos Alceu ribeiro de Quadros, Carlos Sebastião Taques, Ibraim Lino da Silva, Wilson Fernando Góes Farago, Juliano do Amaral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, foi possível verificar que Ponta Grossa tem tido, desde a segunda metade do século XIX, a presença das Bandas de Música como elemento de fundamental importância em suas festividades, fazendo parte da tradição e da identidade cultural da cidade. As Bandas estão ligadas ao cotidiano dos ponta-grossenses, pois em todos os momentos festivos encontramos a sonoridade desses conjuntos levando a sua música aos habitantes da cidade.

Foi possível observar ainda que as bandas de música no Brasil já estavam presentes desde o período colonial através das *bandas das fazendas*, ainda compostas por escravos com o objetivo de trazer prestígio para os senhores. Podia-se encontrar essas bandas presentes nas festas locais, sejam elas laicas ou religiosas, o que aponta para uma tradição que remonta ao período colonial.

Ficou também evidenciado que o papel das bandas de música no Brasil vai muito além de seu aspecto cultural e de produção artística. Essas agremiações musicais tornavam-se também locais de debate político, de sociabilidade, e ainda de formação de uma identidade.

Não se pode deixar de considerar ainda a existência e o papel das bandas militares e sua participação ativa na vida cultural da população seja no período Joanino ou a partir da Proclamação da República, colaborando também na construção dessa tradição musical brasileira.

Buscou-se, principalmente, no decorrer da pesquisa, estudar a presença das bandas de música em Ponta Grossa, através de três conjuntos que marcaram importante trajetória na história local: a “Banda Lyra dos Campos”, a “Banda do 13º Regimento de Infantaria”, e posteriormente da “Banda Escola Lyra dos Campos”.

Vale destacar que a presença dessas corporações musicais era uma característica marcante, como foi visto anteriormente em muitas cidades pelo interior do Brasil durante o século XIX e primeira metade do século XX. Durante este período, as comemorações cívicas e as festas religiosas, bem como outros momentos culturais e grandes eventos sociais da cidade, tiveram a participação efetiva das bandas de música “*Lyra dos Campos*” e *Banda do 13º Regimento de Infantaria*, ambas desempenhando importante papel enquanto agentes culturais.

Com relação ao repertório, as informações existentes indicam que a população ponta-grossense tinha acesso a todos os gêneros musicais da época, do popular ao erudito, tendo em vista que as bandas realizavam muitas apresentações nas praças e coretos da cidade, possibilitando a todas as pessoas o acesso aos mais variados gêneros musicais. Aqui cabe observar, mais uma vez que, de modo geral, as bandas de música têm um importante papel no sentido de proporcionar o acesso à arte para as mais diversas camadas sociais, já que a grande maioria de suas apresentações não fica restrita a salas de concerto.

Verificou-se que de 1933 até a criação da “Banda Escola Lyra dos Campos”, em 1952, a cidade contou (e continua contando) com a atuação de uma banda de música militar. A Banda do 13º Batalhão de Infantaria Blindado, que foi criada em Ponta Grossa com a chegada do então 13º Regimento de Infantaria.

A partir de 1952, apesar de todas as mudanças socio-culturais ocorridas, percebe-se a consolidação da tradição das bandas de música na cidade através da criação da “*Banda Escola Lyra dos Campos*”, em 22 de novembro daquele ano.

A Lyra dos Campos, por se tratar de uma *banda escola*, passou a ter importante papel na formação musical dos jovens ponta-grossenses, e participou de diversos concursos de bandas no estado e também em certame nacional, trazendo vários títulos de campeã para Ponta Grossa, o que demonstra que a cidade conta com uma boa formação musical para atender as demandas de sua população.

A presença da “*Bandinha*” nas mais diversas atividades culturais, festividades e cerimônias ratifica a ideia de que a cidade de Ponta Grossa vem cultivando a tradição das bandas de música ao longo de mais de um século, estando esta corporação musical em plena atividade até os dias atuais.

Partindo do acima exposto, conclui-se que as bandas de música em Ponta Grossa fazem parte de uma identidade local e do Patrimônio Cultural, o que possibilita uma ferramenta para o ensino da história local no Ensino Fundamental nas Escolas Públicas da cidade. Desta maneira, pode-se levar os alunos da educação básica a conhecer, valorizar e, conseqüentemente, criar uma cultura

de preservação patrimonial, através da tradição histórica das bandas no cenário cultural ponta-grossense.

Esse trabalho aponta para algumas possibilidades de trabalho didático a partir das bandas de música na história local, com temáticas como: As Bandas de Música como Patrimônio Cultural Imaterial; O Coreto da Praça e as apresentações das bandas aos domingos no século XIX; A identidade cultural a partir das bandas de música; Livro paradidático “Os instrumentos musicais contam a história da música em Ponta Grossa”.

Ao espalhar pelo ar seus acordes, as bandas de música suavizam o dia a dia, trazendo encanto e alegria. Desde a “Velha” Lyra dos Campos de Jacob Holzmann, da Aurora Pontagrossense de Manuel Cirilo Ferreira, da União e Recreio de Cesário Santos, passando pelas Bandas Militares do 5º RI e do 13º BIB, chegando finalmente à Banda Escola Lyra dos Campos, essa tradição musical vem sendo preservada, sendo as Bandas de Música parte do Patrimônio Cultural Imaterial de Ponta Grossa e da região dos Campos Gerais.

Certamente, há de se encontrar ainda, por muitos anos, a Banda de Música na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco ou no Teatro Ópera em um concerto; ouvir seus acordes executando o Hino Nacional Brasileiro em alguma cerimônia cívica ou militar ou em uma partida de futebol no Estádio Germano Kruger durante os jogos do Operário Ferroviário; poderá ser vista a Banda marchando pela Vicente Machado nos desfiles alusivos ao Sete ou no Quinze de Setembro, talvez se apresentando para as crianças de uma escola às quais certamente encantarão. Enfim, as Bandas de Música fazem parte da nossa história, da nossa cultura e da nossa identidade e, mesmo em tempos de modernas tecnologias, a Banda de Música continua presente, sonora e vibrante.

A pesquisa indica, no entanto, um paradoxo. Primeiro, destaca-se a importância das bandas enquanto elemento constitutivo de uma memória viva e ativa da cidade como sujeitos e coparticipantes de vários momentos da história local. Por outro lado, a aceleração dos tempos hodiernos faz soçobrar essa mesma memória, levando ao risco de um apagamento das tradições musicais locais. Por isso, como contribuição deste trabalho, destaca-se a necessidade de inserir o tema como conteúdo da disciplina de História na rede municipal de ensino, e reputa-se como relevante a importância de considerar esta tradição

como elemento do patrimônio imaterial de nossa cidade, e ainda da necessidade de investimento na Educação Patrimonial.

A pesquisa aponta para algumas possibilidades de trabalho didático como “Entidades Culturais do Município”, previsto nas diretrizes curriculares da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa para o 4º ano do Ensino Fundamental.

Outra possibilidade de trabalho didático é o da inserção de conteúdos de história local pelo viés da cultura, e da construção de identidades tendo as bandas de música como agentes culturais da cidade, tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio.

Também a visita ao acervo do Museu Campos Gerais, onde se encontram instrumentos que pertenceram à Banda Lyra dos Campos ainda do século XIX, pode proporcionar reflexões sobre patrimônio cultural e identidade local pela construção da tradição das bandas de música na cidade.

Essa pesquisa permite também conhecer o papel dos negros na atuação como agentes culturais na produção musical das bandas das fazendas durante o período colonial, permitindo a professores e alunos refletir sobre o trabalho realizado pelos músicos na história do Brasil, e como é tratada com descaso a profissão do músico.

Como produto da presente pesquisa, será produzido um livro ilustrado, “Os instrumentos musicais contam a história da música em Ponta Grossa”, destinado para alunos do Ensino Fundamental, onde a história da Tradição das Bandas de Música em Ponta Grossa é narrada pelos instrumentos musicais.

Trata-se de um livro paradidático que tem por objetivo contribuir com o trabalho dos professores através de uma leitura em linguagem adequada a faixa etária de 7 a 12 anos, ou seja, dos alunos das séries iniciais e ainda dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

O livro terá também uma parte contendo fotografias das bandas de música de maneira a serem identificadas enquanto fontes históricas trazendo para os alunos questões referentes à identificação dos conjuntos musicais, identificação dos instrumentos musicais e diferentes tipos de bandas de música.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ayres. **Francisco Manoel da Silva e seu tempo: 1808 – 1865 uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos. Volume 1.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1967;

_____. **Francisco Manoel da Silva e seu tempo: 1808 – 1865 uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos. Volume 2.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1967;

ANDRADE, Clarissa L. B. **A Gazeta Musical: Positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2013;

ANDRADE, Mário. **Dicionário Musical Brasileiro.** São Paulo: Editora USP, 1989;

ACADEMIA DE LETRAS DOS CAMPOS GERAIS. **Antologia nº 4.** Ponta Grossa: 2006;

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 – 1889.** São Paulo: 2006, UNESP – Dissertação de Mestrado;

BITTENCOURT, Circe Mara Fernandes [Org.]. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BUCHOLDZ, Alessandra. **Diário dos Campos: Memórias de um jornal centenário.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007;

BURKE, Peter. **O que é História Cultural.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008;

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004;

CARVALHO, Vinicius Mariano de. **A Música Militar na Guerra da Tríplice Aliança**: notas documentais e manuscritos revelados. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018;

CHAMMA, Guisela V. F. **Ponta Grossa**: a cidade, o povo e o poder. Ponta Grossa: SMEC, 1988;

CHAVES, Niltonci B. **A Cidade Civilizada**: discursos e representações sociais no jornal “Diário dos Campos” na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001;

_____(Org.). **Visões de Ponta Grossa**: cidade e instituições. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004;

COSTA, Manuela Areias. **“Vivas à República”**: Representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana – M.G. (1901 – 1930). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012. Dissertação de Mestrado;

_____. **O “Maestro da Abolição” no Recôncavo Baiano**: abolicionismo e memória nas crônicas de Manoel Tranquilino Bastos (Cachoeira – BA, 1884 – 1920). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016 – Tese de Doutorado;

_____. **Música e História**: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. in: Tempos Históricos. Volume 15, 1º semestre de 2011 <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/5707/4284>;

CUNHA, Israel Ozanam de Sousa. **Capoeira e capoeiras entre a Guarda Negra e a Educação Física no Recife**. Recife: UFPE, 2013

DITZEL, Carmencita H. M. e SAHR, Cicilian Luiza L. **Espaço e Cultura**: Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001;

DITZEL, Carmencita DE H. Mello. **"Verde que te quero verde"**: o Integralismo nos Campos Gerais. In: Esboços: Revista do programa de pós-graduação em História da UFSC. Florianópolis: UFSC, 2000
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/612/20096>;

FONTES, Luísa C. dos Santos, CHERES, Luiz F. e ZAN, Sérgio M. (org.). **Biobibliografia**: Academia de Letras dos Campos Gerais. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2015

FORNAZARI, Leandro M. Catalogação de obras do arquivo morto da Banda Escoa Lyra dos Campos. Ponta Grossa: UEPG, 2015

FREIRE, Vanda Bellard. **Música e Sociedade**: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010;

FRIZANCO, Orlando, MAYER, Reinaldo A, SOARES JUNIOR, Wilson. **História do 13º BIB "Batalhão Tristão de Alencar Araripe"**. Ponta Grossa: AORPG, 2009;

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006;

GOMES, Karina Barra. **E hoje quem é que vê a banda passar?** Um estudo de práticas políticas e culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2008. Dissertação de mestrado;
 _____. **Bandas de Música**: conservatório para o povo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 – Monografia de Graduação em Educação Artística – habilitação em Música;

GONÇALVES, Maria A. C. e PINTO, Elisabete Alves. **Ponta Grossa**: um século de vida (1823 – 1923). Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983;

GROUT, Donald. **História da Música Ocidental**. Lisboa: Gradiva, 2007;

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015;

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

HOLZMANN, Epaminondas. **Cinco Histórias Convergentes**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004;

KIEFER, Bruno. **História da Música Brasileira: dos primórdios ao século XX**. Porto Alegre: Movimento, 1977;

LAVALLE, Aída Mansani. **Germânia – Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Centro de Publicações UEPG, 1996

LEANDRO, José Augusto. **Palco e Tela na modernização de Castro**. Curitiba: UFPR, 1995

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004

MAGALHÃES, Adélia Maria de Amorim. **Música também é História: As bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar ou seu repertório tradicional**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2006 – Dissertação de Mestrado;

RETKO, Ana Mairlene Moleta. **A Banda Escola Lira dos Campos na Memória de Ponta Grossa**. Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História e Região – UEPG – 1999;

ROLO, Rui P. H. Alves. **Projecto DVD-ROM – Instrumentos Musicais – Uma aplicação em Educação Musical no Terceiro Ciclo**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: 2007, Universidade Aberta;

SEBBEN, Egon Eduardo. Formação e atuação docente de Licenciados em Música: o contexto do Estado do Paraná. Ponta Grossa: UEPG, 2017. Tese de Doutorado.

SILVA, Lélío Eduardo Alves. **Musicalização através da banda de música escolar**: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “mestres de banda”. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010 – Tese de Doutorado;

/

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular de índios, negros e mestiços**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975;

_____. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010;

VENDRAMI, Georgeana Lanzini. **Conservatório Maestro Paulino (1971 – 2014) no contexto da formação do campo cultural em Ponta Grossa (Pr)**: possibilidades e limites de promoção da cultura musical como elemento de humanização. Ponta Grossa: UEPG, 2015 - Tese de Doutorado;

_____. **Conservatório de Música de Ponta Grossa: (Re) produção cultural e distinção social (1971 – 1995)**. Ponta Grossa: UEPG, 2010 – Dissertação de Mestrado;

VIEIRA, Joelson Pontes. **Bandas de Música Militares: Performance e cultura na cidade de Goiás (1822 – 1937)**. Goiania: UFG, 2013 – Dissertação de Mestrado;

WALDMANN, Isolde M. **Banda Escola Lyra dos Campos**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2017.

FONTES CONSULTADAS

Albúm de Ponta Grossa. Publicação comemorativa do 152º Aniversário de Ponta Grossa. Acervo do Museu Campos Gerais

Entrevista com Miroslau Kreinski em 10/03/2004

Jornal Diário dos Campos. Acervo do Museu Campos Gerais

Jornal Gazeta do Rio de Janeiro

Jornal O Paiz

Jornal da Tarde

Jornal Literário “O Tapejara”

Lei Municipal 569/52

Carta do Sub-Tenente Músico Agenor Veiga ao Presidente da Câmara Municipal

ANEXOS

Anexo A

Carta do Subtenente Agenor Veiga aos vereadores propondo a criação de uma banda musical municipal – Acervo Museu Campos Gerais

Ponta Grossa, 14 de julho de 1952

Exmos. Srs. Vereadores da Câmara Municipal
desta cidade.

Puxados Senhores.

De há muito tempo que venho acompanhar
- do os vossos trabalhos afim de tornar sempre maior
esta nossa cidade e também ao município, atendendo
as necessidades do povo e fazendo tudo para que
sempre haja progresso e contentamento na comunidade.
Fico sempre sem poupar esforços nas vossas reuniões
para tratar dos problemas e procurar sempre na me-
- dida do possível, atender ao povo.

Eu estava aguardando uma oportuni-
- de para dar minha sugestão em um setor que
ainda não se tratou em nossa cidade.

Trata-se da organização de uma banda municipal
do município, pois só por meio da Câmara de
Vereadores poder-se-ia resolver este problema, quero
dizer aprovar ou rejeitar esta minha sugestão, através
dos poderes competentes. Podemos citar muitas cidades
do nosso Estado que já possuem bandas de música,
como por exemplo: Londrina, Figueira Campos, Foz de
Iguaçu, Tomazina, Jacarizinho, Carlapolis.

Em Ponta Grossa, um centro cultural já tem
adotado, e justo que também tenha sua banda
de música para concorrer mais ainda para
o seu crescente desenvolvimento.

Esperando vossa resolução, agradeço a atenção dispen-
- sada.

Subcreio-me atentamente

Agenor Figueira

Substituto do Sr. Agenor Figueira na Secretaria de B. P. & F.

Anexo B

Relação de músicos proposta pelo Subtenente Músico Reformado Agenor Veiga para a Câmara Municipal de Ponta Grossa, para a criação da banda musical municipal – Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa

12

Relação nominal dos músicos aptos para esta Banda de Música.

Agenor Veiga (Mestre)

João Maximino

Artur Vieira

Vitor Vieira

João Venancio

João de Lucio

Euclides Pereira

Osny dos Santos

Iran de Almeida

Luiz Savio

José Schuwab

Saturiano E. Julião

Edgar da Silva

Aflodisio dos Santos

Darci de Oliveira

Julio de Almeida

José Corrêa

Carlos de Mello

Ivo de Almeida

Artur Corrêa

Janguito

Silvio Lucio

José Guedes

Constante Lugowski

João Schuemberg "1"

Os elementos acima estão a minha disponibilidade, no momento

Ponta Grossa 8 de Setembro de 1.952

Agenor Veiga

Agenor Veiga

Anexo C

Relação de instrumentos para a organização da banda musical municipal –
Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa

Relação dos Instrumentos para a organização da Banda de Música

local

1	Requinta em mi-b	CR\$. 728,00	
4	Clarinetas em si-b	2.913,00	
3	Pistões em si-b	5.928,00	
3	Trombones em si-b	4.302,00	
2	Bombardinos em si-b	3.706,00	
1	Barítono em si-b	1.380,00	
1	Saxofane soplano a cachimbo em si-b	2.704,00	
1	Idem alto em mi-b	3.952,00	
1	Idem si-b tenor	3.328,00	
3	Trompas em mi-b	3.900,00	
1	Contra Baixo Tuba em mi-b	3.796,00	
1	Idem , idem em si-b	4.212,00	
1	Bombo com 8 tarrachas	676,00	
1	Par de Pratos de 17"	540,00	
1	Caixa Repique com 6 tarrachas	540,00	Total R\$. 104.100

Anexo D

Projeto de Lei 709/52 que propôs a criação da banda musical municipal –
Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa



Câmara Municipal de Ponta Grossa
ESTADO DO PARANÁ

REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI Nº 709/52.

(Preâmbulo Oficial)

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Banda Musical Municipal, composta, no mínimo, de um Maestro-Regente e mais 24 figuras, afim de dar concertos, de preferência, no "auditorium" municipal, sito a Praça Barão do Rio Branco, recreando os habitantes aos domingos e feriados e em outras oportunidades designadas pelo mesmo Poder Executivo.

§ Único - A Banda a que se refere este artigo denominar-se-á "Banda Musical Lira dos Campos".

Art. 2º - Ao maestro-regente da Banda será adjudicada uma ajuda de custo mensal de CR\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros), e a cada um dos demais componentes, de CR\$ 300,00 (trezentos cruzeiros).

Art. 3º - Aos componentes da Banda, inclusive o Maestro-Regente, o Município fornecerá, uma vez por ano, o respectivo fardamento.

Art. 4º - O Município adquirirá o instrumental necessário ao funcionamento da Banda, instrumental este que ficará pertencente ao Patrimônio Municipal.

Art. 5º - A Banda Municipal "Lira dos Campos", além das retretas que executar, de acordo com as prescrições do Executivo, encarregar-se-á de concertos, tocatas, etc., dentro e fora do Município, destinando-se o resultado desses trabalhos, em sua renda líquida, dois terços (2/3), para a corporação, como retribuição de seu trabalho, e um terço (1/3) reverterá a receita do Município, como ressarcimento aos encargos, depreciação do instrumental, amortização do capital, etc.

Art. 6º - Para atender à despesa com a organização da Banda, fica aberto, no corrente exercício, o crédito especial de CR\$ 70.000,00 (Setenta mil e nada mais), que correrá por conta do "supervário" orçamentário.

Art. 7º - O Poder Executivo regulamentará o funcionamento da Banda Municipal "Lira dos Campos", nos termos da presente lei.

Art. 8º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

- 1 -

[Handwritten signature]

Ponta Grossa, 15 de Maio de 1952.



Estado do Paraná

Câmara Municipal de Ponta Grossa

PROJETO LEI Nº

7.091/52

(Preâmbulo Oficial)

A's Comissões de:

Em 10/10/1952

Aprovado em 12º turno

Em 10/10/1952

Presidente da Câmara Municipal

Art. 1º-Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Banda Musical Municipal, composta, no mínimo, de um Maestro Regente e mais 24 figuras, afim de dar concêrtos, de preferência, no Auditorium Municipal, sito à Praça Barão do Rio Branco, recreando os habitantes, aos Domingos e Feriados e outros quando designados pelo mesmo Poder Executivo.

Art. 2º-Ao Maestro Regente da Banda Musical, ^{adquirido} ~~adquirido~~ uma ajuda de Custo de cr\$.2.000,00 (dois mil cruzeiros) mensais, mais a ajuda de custas de cr\$.300,00 (trezentos cruzeiros) mensais, para cada Membro Musico dessa Corporação, a contar do funcionamento da citada Banda.

Art. 3º-Será fornecido uma vez por ano o respetivo fardamento a cada Membro dessa Banda, inclusive ao Maestro Regente, ás expensas do Municipio.

Art. 4º-Será adquirido o instrumental necessario para Banda, as expensas do Municipio, o qual ficará pertencendo ao Patrimônio Municipal.

Art. 5º-A Banda Musical Municipal, além das Retrêtas que executar, de acôrdo com as prescrições do Executivo Municipal, se encarregará de executar - Concêrtos, Tocâtas, dentro e fôra do Municipio, constituindo o resultado do preço ajustado dêsses trabalhos, em sua renda líquida, 2/3 (dois têrços) para a corporação, como retribuição de seu trabalho e 1/3, (um têrço) restante para Receita do Municipio, em retribuição aos encargos, depreciação de instrumental, amortização de empate, etc.

Art. 6º-Fica aberto o crédito especial de cr\$.70.000,00 (setenta mil cruzeiros) no presente exercicio, correndo por conta do Superavit Orçamentario.

Art. 7º-O Poder executivo elaborará o competente regulamento interno da referida Corporação, nos termos desta Lei. Aprovado em 12º turno

Art. 8º-Revoga-se as disposições em contrário. Em 10/10/1952

Juliana das Neves, 10 de outubro de 1952

[Signature]
Guilherme Augusto Brechtel

[Signature]
Hector L. L. L.

[Signature]
José da Silva F. L.

[Signature]
José da Silva F. L.



Câmara Municipal de Ponta Grossa
ESTADO DO PARANÁ

Zorion de Almeida Moura

JUSTIFICATIVA

Cidades outras de nosso Estado, com populações menores do que a nossa, com menos probabilidades atuais e futuras, possuem as suas Bandas de Musica Municipais, bem organizadas, que reúnem em torno de seus Corêtos multidões de apreciadores da boa música que, além de divertir e suavizar a existência, é um estímulo ao desenvolvimento cultural, no sublime encanto de Euterpe, não podia - Ponta Grossa, que se ufana de seu Civismo, de seu progresso, de suas obras intelectuais, onde se vislumbra acentuadamente a Cidade Universitária que, contando com um ótimo Corêto, classificado de Auditorium Municipal, estar desprovido de uma Banda de Música, quando é facil a boa vontade e o descortino de sua gente.

A primeira vista poderia parecer uma despesa morta, como tantas outras, em suas proposições, porém, de momento é uma simples inversão de numerário, que será em breve retribuido, pela renda que advirá dos trabalhos dessa Banda, trazendo-se também da oportunidade de não existir outra, o que facilmente será procurada para diversos fins de diversão, corroborando para isso a recomendação de seus elementos, ex-musicos da Banda do 13 R.I., atualmente reformados, que emprestarão o seu concurso e o seu desenvolvimento á atual.

Com as retrêtas aos Domingos, Feriados e outros a critério do Executivo Municipal, será um ponto de atração, accessivel a cada um, que pela sua sublime harmonia, em suas vibrações evocará as horas felizes, retemperando os nervos e revigorando o espirito, gozando uma recompensa da labôta cotidiana, em seus jardins, usufruindo o ar vivificante, tendo por teto as constelações do Cruzeiro do Sul.

Não era ao nível zero, que Ponta Grossa, o segundo cidade do Paraná, se ia reafirmar de sua posição, ao virar a esquina da vida municipal, para a vida cultural, para a vida social, para a vida econômica, para a vida política, para a vida religiosa, para a vida esportiva, para a vida artística, para a vida científica, para a vida literária, para a vida intelectual, para a vida humana, para a vida divina.

Com a criação da Banda Municipal, Ponta Grossa, o segundo cidade do Paraná, se reafirmava de sua posição, ao virar a esquina da vida municipal, para a vida cultural, para a vida social, para a vida econômica, para a vida política, para a vida religiosa, para a vida esportiva, para a vida artística, para a vida científica, para a vida literária, para a vida intelectual, para a vida humana, para a vida divina.

Com a criação da Banda Municipal, Ponta Grossa, o segundo cidade do Paraná, se reafirmava de sua posição, ao virar a esquina da vida municipal, para a vida cultural, para a vida social, para a vida econômica, para a vida política, para a vida religiosa, para a vida esportiva, para a vida artística, para a vida científica, para a vida literária, para a vida intelectual, para a vida humana, para a vida divina.



Câmara Municipal de Ponta Grossa
ESTADO DO PARANÁ

Fui procurado por elementos que compunham a Banda do 13 R.I., que estão atualmente aposentados, entre os quais encontra-se um grande mestre, que é o sr. Agenor Veiga, Sub-Tenente reformado dessa unidade, que muito contribuiu para o engrandecimento de tão famosa Banda, pela sua competente batuta, cujos elementos estão congregados em torno desse Musico, formando assim a futura Banda Municipal, que forneceu-me os dados precisos, de instrumental, nomes de seus componentes aqui junto, podendo a mesma entrar em ação tão logo seja preciso.

Boa das Sessões, 19 de outubro de 1952

Adm. 11/52

Anexo E

Lei 569/52 que criou a Banda Escola Lyra dos Campos – Acervo da Câmara Municipal de Ponta Grossa



Câmara de Vereadores do Município de Ponta Grossa

ESTADO DO PARANÁ

LEI Nº 569.

=====

A CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA, Estado do Paraná, decretou e eu, PRESIDENTE DA CÂMARA, promulgo a seguinte

LEI :-
=====

- Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Banda Musical Municipal, composta, no mínimo, de um Maestro-Regente e mais 24 (vinte e quatro) figuras, a fim de dar concertos, de preferência, no "auditorium" municipal, sito a Praça Barão do Rio Branco, recreando os habitantes aos domingos e feriados e em outras oportunidades designadas pelo mesmo Poder Executivo.
- Art. 2º - A Banda a que se refere este artigo denominar-se-á "BANDA MUSICAL LIRA DOS CAMPOS".
- Art. 3º - Ao Maestro-Regente da Banda será adjudicada uma ajuda de custo mensal de Cr\$2.000,00 (DOIS MIL CRUZEIROS), e a cada um dos demais componentes, de Cr\$300,00 (TREZENTOS CRUZEIROS).
- Art. 4º - Aos componentes da Banda, inclusive o Maestro-Regente, o Município fornecera, uma vez por ano, o respectivo fardamento.
- Art. 5º - O Município adquirirá o instrumental necessário ao funcionamento da Banda, instrumental este que ficara pertencente ao Patrimônio Municipal.
- Art. 6º - A Banda Musical Municipal "Lira dos Campos", além das retretas que executar, de acordo com as prescrições do Executivo, encarregar-se-á de concertos, tocatas, etc., dentro e fora do Município, destinando-se o resultado desses trabalhos, em sua renda líquida, dois terços (2/3), para a corporação, como retribuição de seu trabalho, e um terço (1/3) reverterá a receita do Município, como ressarcimento aos encargos, depreciação do instrumental, amortização do capital, etc..
- Art. 7º - Para atender à despesa com a organização da Banda, fica aberto, no corrente exercício, o crédito especial de Cr\$70.000,00 (SETENTA MIL CRUZEIROS), que correrá por conta do "superavit" orçamentário.
- Art. 8º - O Poder Executivo regulamentará o funcionamento da Banda Musical Municipal "Lira dos Campos", nos termos da presente Lei.
- Art. 9º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

(Esta Lei foi promulgada pelo Presidente da Câmara de Vereadores do Município de Ponta Grossa, Estado do Paraná, em conformidade com o disposto no § 2º do Art. 30º da Resolução nº 58, de 11/1/1952 - Disposições Organicas do Município de Ponta Grossa).

Sala das Sessões da Câmara de Vereadores, em 22 de novembro de 1952.-

Adelino Machado de Oliveira
ADELINO MACHADO DE OLIVEIRA
Presidente

João Ricardo do E. Du Vernay
JOÃO RICARDO DO E. DU VERNAY
1º Secretário



Camara Municipal de Ponta Grossa
ESTADO DO PARANÁ

LEI Nº 569.
=====

Vetado
12.XI.52
Prefeito Municipal

A CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA, Estado do Paraná, decretou e eu, PREFEITO MUNICIPAL, sanciono a seguinte

LEI :-
== == ==

- Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Banda Musical Municipal, composta, no mínimo, de um Maestro-Regente e mais 24 (vinte e quatro) figuras, afim de dar concertos, de preferencia, no "auditório" municipal, sito a Praça Barão do Rio Branco, recreando os habitantes aos domingos e feriados e em outras oportunidades designadas pelo mesmo Poder Executivo.
- § único - A Banda a que se refere este artigo denominar-se-á "Banda Musical Lira dos Campos".
- Art. 2º - Ao Maestro-Regente da Banda será adjudicada uma ajuda de custo mensal de Cr\$2.000,00 (DOIS MIL CRUZEIROS), e a cada um dos demais componentes, de Cr\$300,00 (TREZENTOS CRUZEIROS).
- Art. 3º - Aos componentes da Banda, inclusive o Maestro-Regente, o Município fornecerá, uma vez por ano, o respectivo fardamento.
- Art. 4º - O Município adquirirá o instrumental necessário ao funcionamento da Banda, instrumental este que ficara pertencente ao Patrimônio Municipal.
- Art. 5º - A Banda Musical Municipal "Lira dos Campos", além das retretas que executar, de acordo com as prescrições do Executivo, encarregar-se-á de concertos, tocatas, etc., dentro e fora do Município, destinando-se o resultado desses trabalhos, em sua renda líquida, dois terços (2/3), para a corporação, como retribuição de seu trabalho, e um terço (1/3) reverterá a receita do Município, como ressarcimento aos encargos, depreciação do instrumental, amortização do capital, etc..
- Art. 6º - Para atender à despesa com a organização da Banda, fica aberto, no corrente exercício, o crédito especial de Cr\$70.000,00 (SETENTAMIL CRUZEIROS), que correrá por conta do "superavit" orçamentario.
- Art. 7º - O Poder Executivo regulamentará o funcionamento da Banda Musical Municipal "Lira dos Campos", nos termos da presente Lei.
- Art. 8º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrario.

(Esta lei foi aprovada pela Câmara de Vereadores do Município de Ponta Grossa na sessão ordinária do dia 3 de novembro de 1952, conferindo com original que consta do livro de registro de leis deste Legislativo).-

Sala das Sessões, em 5 de novembro de 1952.

ADELLINO MACHADO DE OLIVEIRA
Presidente da Câmara de Vereadores

JOÃO RICARDO BORELL DU VERNEY

Anexo F

Folhas de Alterações do Tenente Paulino Martins Alves – Acervo Arquivo do
13º Batalhão de Infantaria Blindado

MODELO -A-
5ª. R. M. e 5ª. D. I.
2ª. ZONA
ALTERAÇÕES

13º. R. I.

4ª. Cat.

N. _____

GUARNIÇÃO DE PONTA GROSSA

2º Semestre de 19 39.-

Continuação da 3ª. parte.-

neteiros, não só na sua organização, como também na instrução e apresentação das mesmas, onde evidenciou os seus profundos conhecimentos no ramo de sua especialidade.-

ENCARGOS: Em 1º-7, foi nomeado para Juiz de C.J.M. trimestral.- Em 17-7, foi nomeado para proceder a um I.P.M. Em 2-10, foi nomeado para examinar os músicos de 1ª., 2ª. e 3ª. classes, por terem requerido reagendamento.- Em 16-10, foi nomeado para, em comissão, examinar corneteiros deste R.I., para efeito de preenchimento de vagas.- FOLHA DE ALTERAÇÕES: Em 13-7, foi-lhe entregue a relação do 1º semestre do ano de 1939, passada por este Corpo.-

REQUERIMENTOS: Em 19-9, em um seu, pedindo certidão afim de registrar uma composição musical intitulada "HINO AO ESTADO NOVO DO BRASIL", obteve o seguinte despacho: "CERTIFIQUE-SE".-

APRESENTAÇÕES: Em 4-11, por terem sido cassadas as suas férias, em cujo gozo se achava, e ter de seguir para Blumenau no próximo dia 6, afim de examinar os músicos de 32ª B.C.- Em 13-11, por ter regressado de Blumenau, onde fora examinar músicos.- Em 28-11, por ter regressado de Curitiba, examinar músicos de 15ª B.C.- Em 2-12, por ter regressado de Curitiba, por ter, dito, onde fora inspecionar os músicos.-

DESIGNAÇÕES: Em 6-11, para completar a Junta examinadora dos músicos de 1ª. classe de 32ª B.C.-conforme solicitação do Cnt. da referência de 3-11-939).-

FÉRIAS REGULAMENTARES: Em 19-9, foram-lhe concedidas as suas, referentes aos períodos de 1938/1939.-

DECLARAÇÕES E DIVERSAS ALTERAÇÕES: Em 7-12, foi publicado: Seja-lhe averbada nos seus assentamentos, de acordo com o Aviso nº 1.115, de 8 de mês finds, art. 1º de Dec. 42, de 15-4-935, a concessão de 6 meses de licença especial, referente ao 2º decênio de 17-8-927 a 17-8-937, deixada de gozar.-

QUARTEL EM PONTA GROSSA, 31 DE DEZEMBRO DE 1939.-

MGG/.-

LAMARTINE PRIXOTO PAES LIMA
TEN-CEL.- Comandante



-2º TENENTE-MESTRE DE MÚSICA-

PAULINO MARTINS ALVES

MODELO -A-
5ª. R. M. e 5ª. D. I.
1ª. ZONA
ALTERAÇÕES

13º. R. I.

GUARNIÇÃO DE PONTA GROSSA

N.

2º Semestre de 1940:-

1ª. PARTE:-
No semestre anterior houve alterações.-
ENTRADA:-Em 6-8-931,vindo do 13º B.C.,na 1ª.Zona.-
EM FUNÇÃO:-De 1º-7 a 28-8 e de 15-10 a 31-12, em suas funções.-
AFASTADO DAS FUNÇÕES:-De 29-8 a 13-10,no gozo de 45 dias de férias regulamentares.-
.....
2ª. PARTE:-
T.C..... 6m Od arregimentado
T.N.C..... 0m Od não arregimentado
T.N.C..... 0m Od
.....
3ª. PARTE:-
COMISSÕES DIVERSAS:-Em 1-7,foi designado para,em comissão,examinar material pertencente a carga da C.M.II. Em 25-7,para examinar um MIMIOGRAFO GESTETNER,pertencente a C.O.Em 16-11,foi designado para representar o Cmdo.do R.I.,na Missa Solene mandada celebrar pela Diretoria da S.B.Santa Cecilia.Em 6-12,foi designado para, em comissão, proceder ao recebimento, verificação e exame de 4 caixões contendo mascaras contra gazes,remetidos pelo S.M.B.R.Em 19-12,para o recebimento de uma caixa contendo material de expediente enviada pelo E.M.I.da 1ª.R.M.-
RECOMPENSAS:-ELOGIO INDIVIDUAL:- Em 22-7, o Sr.Majór BERZELIUS VELOSO FIGUEIRA, ao passar o comando do R.I.,assim se expressou:"2º Tenente Mestre de Música PAULINO MARTINS ALVES,muito concorre para o conceito que gozam os músicos do R.I.,apresentando-os sempre com bom aspeto,bem disciplinados e ótimos executantes. E o Ten. PAULINO, credor de gratidão do 13ºR.I. pela empolgante marcha (musica e letra) de sua autoria recentemente dedicada ao nosso Corpo.-
DECLARAÇÕES DIVERSAS:-APRESENTAÇÕES:-Em 10-8,por ter se apresentado a 8,afim de seguir para Curitiba escoltando um oficial e regressado nesta data. Em 28-8,pqr ter entrado no gozo de férias. A 14-10, apresentou-se por conclusão de férias.
FÉRIAS:-Em 28-8, foram-lhe concedidos 45 dias de férias regulamentares (dois periodos).-
FOLHA DE ALTERAÇÕES:-Em 13-8, foi-lhe entregue a sua, referente ao 1º semestre do corrente ano,passada por este Corpo.-
ACAMPAMENTO:- Em 11-11, deslocou-se com o R.I., da sua séde,indo acampar na Colina do Condin,para fins de exercicios previstos no programa para o 2º periodo de instrução.Em 12-11,levantou acampamento as 8,00 horas, acampando na Colina do Abrigo. A 13-11, levantou acampamento á 9,00 horas, marchando, em seguida, de regresso e aquartelou.-
.....
QUARTEL EM PONTA GROSSA, 4 DE JANEIRO DE 1.941.-
JAD/.....
ARISTÓTELES RIBEIRO.
Major, Comandante.-



MODELO -A-
5ª. R. M. e 5ª. D. I.
1ª. ZONA
ALTERAÇÕES

13º R. I.

GUARNIÇÃO DE PONTA GROSSA

N. _____

1º Semestre de 1942.-

SEGUNDO TENENTE MESTRE DE MÚSICA	ALVES	1ª. PARTE:
		No semestre anterior houve alterações. <u>ENTRADA:</u> Em 6-8-1931, do 13º B. G., na 1ª. zona, como efetivo. <u>EM FUNÇÃO:</u> De 1º a 25-1 nas funções. De 31-1 a 22-6, nas funções. <u>AFASTADO DAS FUNÇÕES:</u> De 26 a 30-1, em Curitiba a serviço. De 23 a 30-6, em gozo de férias regulamentares.
MARTINS	ALVES	2ª. PARTE:
		T. C. 6m. Od. Arregimentado. 6m. Od. Não arregimentado. T. N. C. 6m. Od.
PAULINO	MARTINS	3ª. PARTE:
		<u>RECOMPENSA:</u> Elogio individual: Em 11-2, o Senhor Coronel ERISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, ao passar o Comando do Regimento, fez-lhe a seguinte referência elogiosa: "O 2º Tenente M. M. PAULINO MARTINS ALVES, que pelo seu valor artístico, esforço, conduta e amor ao Corpo tem contribuído para o bom nome do Regimento, e que, pela dedicação aos Chefes constitui elemento de confiança com que se pode contar. <u>COMISSÕES:</u> Em 3-1, para em comissão, proceder ao encaixotamento do F. O. nº 2800-B, afim de ser remetido ao S. M. B. R. Em 26-1, para examinar material pertencente a 3ª. Cia. Ainda em 26-1, foi designado pelo Exmº Senhor Gen. Cmt. da Região, para em comissão examinar e dar parecer sobre o verdadeiro valor de um instrumento denominado "POLYTON" inventado por JOSÉ N. DOS SANTOS, e das suas possibilidades de uso, nas Bandas Militares nº 3. Em 7-2, para examinar 32 colchoes e 32 travesseiros cheios de capim, pertencentes à carga da Cia. Extra. Em 8-4, para examinar os soldados candidatos a cozinheiros. Em 6-5, para proceder ao exame dos sds. aprendizes de música, para preenchimento de vagas de músico. <u>DOCUMENTO:</u> Recibo de imposto sobre a renda: Em 5-2, apresentou o seu recibo de imposto sobre a renda, de nº 4, passado pela 1ª. Coletoria Federal desta Cidade. <u>FÉRIAS:</u> Em 22-6, foi-lhe concedido um período de férias, referentes ao ano de 1941. <u>APRESENTAÇÕES:</u> Em 26-1, por ter de seguir para Curitiba. Em 30-1, por ter regressado. Em 22-6, por ter entrado em gozo de férias, referentes ao corrente ano, digo, ano de 1941. <u>FOLHA DE ALTERAÇÕES:</u> Em 20-1, foi-lhe entregue a sua folha de alterações, referente ao 2º semestre de 1941.-
QUARTEL EM PONTA GROSSA, 28 DE JULHO DE 1942.- <i>Othello Carvalho de Oliveira</i> OTHELLO CARVALHO DE OLIVEIRA, Ten. Cel. Cmt.-		

MODELO «A»
5. R. M. e 5. D. I.
1. ZONA

13º. R. I.

N. _____

ALTERAÇÕES

GUARNIÇÃO DE PONTA GROSSA 2º Semestre de 1943.

1ª. Parte:

No semestre anterior houve alteração.

Entrada: Em 6-8-1931, vindo do 15º B.C., na 1ª. Zona.

Em função: De 1º-7 a 16-8, Mestre de música. De 22-8 a 31-12, Mestre de música.

Afastado das funções: De 17 a 21-8, em Curitiba integrando a Comissão examinadora de músicos do 15º B.C.

2ª. Parte:

T.	C.	6m	Od	Arregimentado
		Cm	Od	Não arregimentado
T. M. C.		Cm	Od	

3ª. Parte:

Designações: Em 7-8, para representar o Comando do R.I., no desembarque do Gal. João Pereira de Oliveira, nessa data. Em 13-8, para completar uma comissão examinadora de músicos do 15º B.C., em Curitiba. (Bol. Regional nº 185, de 10 do corrente). Em 19-10, para proceder a uma sindicância. Em 12-12, para um inventário.

Comissões diversas: Em 7-7, foi nomeado para proceder o encaixotamento do armamento descalibrado a ser remetido à Fábrica de Irajuba, bem como o encaixotamento de fardamento a ser enviado ao E.M.I. de São Paulo, para ser trocado por maiores. Em 18-9, para proceder aos exames dos artigos constantes das relações nos. 1, 2 e 3, de 11 do corrente, da Formação veterinária deste Regimento. Em 22-9, para fazer parte da Comissão que deverá examinar os Soldados aprendizes de corneteiros e corneteiros de 2ª. Classe, que se candidataram ao preenchimento de vagas de 1ª. e 2ª. classe, existentes no R.I. Em 21-10, para fazer parte da Comissão que deverá amanhã às 14,30 horas, proceder ao exame para corneteiro de 1ª. classe, o Soldado nº 749 Alcides Vieira da Rosa, corneteiro de 2ª. Classe.

Apresentações: Em 16-8, por ter de seguir para Curitiba, a fim de examinar músicos do 15º B.C. Em 20-12, foi público ter se apresentado a 22-8, por ter regressado de Curitiba, onde se achava a serviço.

Averbação de empréstimos: Em 4-12, foi-lhe averbado a consignação mensal de Cr\$ 100,00, em favor da Previdência dos Sub-Tens. e Sargentos, e mais Cr\$ 5,00, este sem prazo, equivalente a mensalidade de assistido, e aquele pelo prazo de 36 meses a contar de 1º-1-1944, referente ao seu empréstimo.

Transcrição de Radiogramas: Em 18-12, foi transcrito o seguinte: De Rio - Cmt. 13º R.I. - Ponta Grossa - nº 2454 pt remetida ao 2º Ten. PAULINO MARTINS ALVES, O.T. 142 EB importância Cr\$ 647,90 líquido empréstimo lhe foi concedido prazo 36 meses.



Impr. Modrns 6-43

-Continúa-

Modelo «A»

5a. R. M. e 5a. D. J.

1a. Zona

13.º R. I.**Alterações****Guarnição de Ponta Grossa**

1º Semestre de 1944.-

1a. Parte:

No semestre anterior houve alteração.

Entrada: Em 6-8-1931, vindo do 13º B.C., na 2a. Zona.

Em função: De 1º-1 a 27-6, Mestre de Música. De 28-6 a 30-6, adido para passagem de carga.

2a. Parte:

T.	C.	6m	Od	Arregimentado
		Om	Od	Não arregimentado
T.	N. C.	Om	Od	

3a. Parte:

Recompensas: Em 26-1, quando da visita do Exmo. Sr. Presidente da República a esta Cidade, foi louvado pelo Sr. Cel. Marius Teixeira Netto, Cmt. do R.I., nos seguintes termos: "2º Tenente PAULINO MARTINS ALVES, Mestre da Banda, pela brilhante apresentação e pela inteligência e espírito de cooperação demonstrado. (Coletivo). Em 7-6, o Sr. Cel. Marius Teixeira Netto, ao deixar o Comando do Regimento, louvou-o nos seguintes termos: "2º Tenente Músico PAULINO MARTINS ALVES, oficial querido por todos os seus camaradas mercê de sua sinceridade e de sua excelente educação civil e militar. Artista de alma, apaixonado pela nobre arte de música, levou a Banda deste Regimento, a ocupar o primeiro lugar na Região. É disciplinado e disciplinador. Ademais é dotado de um grande espírito de amor ao Corpo. Foi quem instrumentou a bela canção do nosso Regimento que tão bem fala aos nossos corações. (Individual)

Concessão de empréstimo-demonstração: Em 3-1, o Sr. Diretor da P. S.T.S.Ex., em of. nº 5.013, de 16-12-1943, comunicou que tendo em vista a sua solicitação e com prévia autorização deste Comando, aquela Providência, pelo contrato nº 437, concedeu-lhe o empréstimo de Cr.\$3:420,00, inclusive os juros, para indenização em 36 prestações mensais de Cr.\$95,00, a partir de Dezembro p. findo, ficando liquidado o empréstimo anterior. A mesma autoridade solicita providências para a respectiva averbação (ou retificação da já feita, cuja modificação tornou-se necessária, em cumprimento às instruções em vigor na data da concessão do empréstimo). A modificação consta da consignação de loo para noventa e cinco cruzeiros, em vista da deficiência de numerário. O total dos descontos efetuados de Cr.\$ 2:202,40 consta da 2a. via do contrato, a qual foi entregue em mão ao interessado. (ou anexada a este para os devidos efeitos). O porte de remessa em Cr.\$9,90. (a) Adalberto Diniz, Cel. da Res.Dir. Issoções diversas: Em 1-3, para uma de exame e averiguação de material. Em 22-4, para uma de exame de soldados músicos deste R.I. Em 3-5, para examinar no dia 9 do corrente, um soldado músico Res.voluntário. Em 1-6, para uma de exame de aprendizes de

SEGUNDO TENENTE MESTRE DE MÚSICA

PAULINO MARTINS ALVES.

Montes & Pereira/6.4

-Continúa-

Modelo «A»

5a. R. M. e 5a. D. J.

1a. Zona

13.º R. I.

N.º.....

Alterações**Guarnição de Ponta Grossa**

1º Semestre de 1944.

SEGUNDO TENENTE MESTRE DE MÚSICA PAULO MARTINS ALVES.	-Continuação- corneteiro. Em 1-6, para proceder ao recebimento de uma guilhotina, adquirida para a Oficina de Encadernação. Em 22-6, para uma de exame de Soldados aprendizes de música. Certificado de Imposto de Renda: Em 26-4, apresentou o seu, sob nº 251, exercício de 1944, passado pela Secção anéxia desta Cidade. Designações: Em 10-1, para uma sindicância. Em 12-6, para fazer parte da comissão organizadora da Festa Joanina, como encarregado dos "Numeros musicais". Declarações e diversas alterações: Em 12-1, foi declarado, que deixou de gozar as férias regulamentares, relativas ao ano de 1943, de acordo com os artigos 322 e 323, do R.I.S.G. e tendo em vista o Aviso nº 2155, de 18-8-1942. Em 11-3, por contar mais de 30 anos de serviço, passou a contribuir para o montepio do posto superior, de acordo com o Decreto-Lei nº 6.230, de 17-2-1944. Exclusão: Em 27-6, do estado efetivo do R.I., por ter sido transferido para a Reserva do Exército, ficando adido para passagem de carga. Transferência: Em 27-6, foi transcrito o seguinte: Decreto de 16 de Junho de 1944: - O Presidente da República resolve transferir Nos termos do artigo 57, letra a, do Decreto-Lei nº 3.940, de 16 de Dezembro de 1941: Para a Reserva do Exército o 2º Ten. Mestre de Música PAULO MARTINS ALVES, (D.O. nº 140, de 19-6-1944). - ===== QUARTEL EM PONTA GROSSA, 15 DE JULHO DE 1944. TEN/MSO-Spa.  ARISTIDES LEITE PENTEADO. Major - Comandante. <i>Major Aust</i> <i>Recebi em 22-7-1944</i> <i>Paulo Martins Alves</i> <i>Spa.</i>
--	---

Modelo «A»

5a. R. M. e 5a. D. 2

1a. Zona

Alterações

13.º R. I.

Guarnição de Ponta Grossa
(PERÍODO DE 1 a 12-7).

2º Semestre de 1944.-

1a. Parte:

No semestre anterior houve alteração.

Entrada: Em 6-8-1931, vindo do 13º. B.C., na 1a. Zona.

Em função: De 1 a 12-7, adido para passagem de carga:.

Saída: Em 12-7-1944, por ter sido transferido para a reserva.

2a. Parte:

T.	C.	Om	12d	Arregimentado
		Om	Od	Não arregimentado
T.	N.	C.	Om	Od

3a. Parte:

Recompensas: Em 6-7, foi louvado pelo Sr. Ten. Cél. Roberto Deolindo Santiago, Cmt. do R.I., nos seguintes termos: "Ao desligar o 2º. Ten. PAULINO MARTINS ALVES do estado efetivo do Regimento, em virtude de sua transferência para a reserva remunerada, o faço com um mixto de alegria e tristeza. Alegria por ver coroado e êxito uma existência de bons serviços prestados ao nosso Exército. Tristeza por ver afastar-se do nosso convívio um oficial comprador de seus deveres, artista perfeito e sobretudo um exemplar camarada. O Tenente Paulino, dos 33 anos de serviço ativo prestou no nosso Regimento 13, sempre com a mesma dedicação, demonstrando conhecimentos completos de sua arte possuindo pendores verdadeiramente artísticos. Durante quasi meio século de atividade produtiva executou notáveis e popularíssimas composições musicais tais como a marcha "JARDIM-WEIRA", consagrada em todo o Brasil, "BEQUINHA", e muitas outras; sendo sua também a notável orquestração da Canção "VENCIDOS, NUNCA!"..hino de guerra do glorioso 13º. R.I. O Tenente PAULINO pela sua fina educação a par de sua esmerada arte, sempre se impôs no conceito de seus subordinados e chefes. O 13º. R.I., onde esse brilhante artista passou tão grande tempo de sua fecunda e admirável existência, resolveu consignar publicamente, em despedida e como justo preito de homenagem a sua laboriosa dedicação e serviço da Pátria, os mais francos elogios por tudo quanto esse mestre de música fez em prol do Exército, a quem deu os melhores exemplos, guiando os seus subordinados pelo caminho reto do dever e ministrando-lhes os mais perfeitos ensinamentos de sua nobilíssima arte". (Individual).

Apresentações: Em 13-7, foi público ter se apresentado a 12, por ter sido desligado do R.I., por motivo de sua transferência para a Reserva.

Desligamento: Em 12-7, deste Regimento.

Carta patente: Em 13-9, recebeu-se a sua, remetida pelo Sr. Diretor de Recrutamento, a qual foi-lhe entregue mediante recibo.

SEGUNDO TENENTE MESTRE DE MÚSICA

PAULINO MARTINS ALVES.



Modelo «A»

5a. R. M. e 5a. D. J.

1a. Zona

13.º R. I.

N.

Alterações**Guarnição de Ponta Grossa**
(PERIODO DE 1 a 12-7).

2º.Semestre de 1944.-

- CONTINUAÇÃO -

Passagem de carga: Em 12-7, foi público ter participado em parte S/nº. de 6 do corrente, haver feito entrega do material da Banda de Música pertencente a carga da Cia. Extra, ao seu substituto legal.

Transcrições de radiograma: Em 17-7, foi transcrito o seguinte: De Rio - Cmt. 13º. R.I. - P. Grossa - Nº. 1.279/R/1 pt Comunico fins adição 2º. Ten. PAULINO MARTINS ALVES transferido reserva Decreto 16 mês findo ficou vencimentos anuais vinte mil setecentos e sessenta cruzeiros pt Tempo serviço apurado 34 anos 11 meses e vinte e quatro dias pt (a). Cél. Danton Teixeira - Dir. Recrutamento.

=====

QUARTEL EM PONTA GROSSA, 25 DE NOvEMBRO DE 1944.-

TEN/C -AB

Alcindo Nunes Pereira
ALCINDO NUNES PEREIRA.
CEL. COMANDO DA 1ª REG.



Recebido em 27-11-44

Gen. Paulino Martins Alves